

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
NÚCLEO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF FILO

FAGNER VELOSO DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA
APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

CAMPINA GRANDE - PB

2019

FAGNER VELOSO DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA
APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao programa PROF-FILO, Núcleo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Filosofia, tendo como orientador o prof. Dr. Ricardo Leon Lopes.

CAMPINA GRANDE -PB

2019

FAGNER VELOSO DA SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA
APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE
FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao programa PROF-FILO, Núcleo da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Filosofia, tendo como orientador o prof. Dr. Ricardo Leon Lopes.

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia

Qualificado em 31/10/2018

Dissertação aprovada em: 31/10/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Leon Lopes (UFCG)
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Solange Maria Norjosa Gonzaga (UEPB)
(Examinador)

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota (UFCG)
(Examinador)

Acima de tudo, agradeço a Deus por mais esta realização.

Dedico a realização desta dissertação a minha mãe Edileusa Maria, a minha esposa Luciene Veloso, ao meu filho Fagner Rian Veloso, aos meus irmãos Flaudeci Veloso, Fabiana Veloso e a Fernanda Veloso, aos meus amigos e ao prof. Dr. Ricardo Leon Lopes que, com muita dedicação e exigência, auxiliou-me no desenvolvimento desta dissertação.

RESUMO

Como praticamente a aula de Filosofia no Ensino Médio consiste numa aula expositiva, a relação entre professor e o aluno, entre aquele que “explica” e aquele que “compreende” sugere a busca de algo em comum: interpretar o texto. Por certo, o primeiro e mais elementar trabalho de interpretação é captar aquilo que o autor se propôs ao escrever determinado texto. Por esta razão, buscamos investigar quais são as contribuições de uma hermenêutica no Ensino Médio, tendo como finalidade a busca dessa “ferramenta”, para auxiliar o professor de filosofia em sua prática pedagógica na sala de aula e que ele possa oferecê-la também para seu alunado, proporcionando-lhes um meio de compreender a eles mesmos e o mundo em que estão inseridos: pois o papel da hermenêutica e sua contribuição para a vida dos alunos é a de auxiliá-los na compreensão da realidade em que vivem, assim como, possam desenvolver uma melhor vivência em sociedade, ou seja, na construção de relações humanas que possibilitem valores de tolerância, justiça, solidariedade, respeito aos direitos humanos, a fim de promover a pluralidade de pensamentos e a cultura de paz. Sendo assim, nos ocuparemos como fundamento para nossa investigação do problema de interpretação e compreensão textual nas aulas de Filosofia, no Ensino Médio, na Escola Estadual Professora Herondina Caldas, localizada na cidade de Serra Caiada – RN. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, tomamos como referencial teórico a proposta hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur, especificamente no capítulo 2 de sua obra *Del Texto a la Accion: Ensayos de Hermeneutica II*.

Palavras-chave: Hermenêutica. Mundo do Texto. Texto.

ABSTRACT

As practically the High School Philosophy class consists of an expository class, the relationship between teacher and student, between the one who "explains" and the one who "understands" suggests the search for something in common: to interpret the text. To be sure, the first and most elementary work of interpretation is to grasp what the author proposed in writing a particular text. For this reason, we seek to investigate what are the contributions of a hermeneutic in high school, aiming at the search for this "tool", to help the philosophy teacher in his pedagogical practice in the classroom and that he can also offer it to their students, providing them with a means of understanding themselves and the world in which they operate: because the role of hermeneutics and its contribution to the lives of students is to help them understand the reality in which they live, as well as to develop a better experience in society, that is, in the construction of human relationships that enable values of tolerance, justice, solidarity, respect for human rights, in order to promote plurality of thoughts and a culture of peace. Therefore, we will focus on our investigation of the problem of interpretation and textual comprehension in the Philosophy classes, in the High School, at the Professor Herondina Caldas State School, located in the city of Serra Caiada - RN. For the development of our research, we take as theoretical reference the hermeneutic proposal of the philosopher Paul Ricoeur, specifically in chapter 2 of his work *Del Texto a la Accion: Ensayos de Hermeneutica II*.

Keywords: Hermeneutics. Text world. Text.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	4
1.1 PROPOSTA DA PESQUISA.....	4
1.2 PROBLEMA A SER INVESTIGADO JUNTO AOS DISCENTES DO 2º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA HERONDINA CALDAS – RN	6
1.3 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA NOSSA PESQUISA	9
1.4 JUSTIFICATIVA E A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA NA EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO	17
1.5 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA HERMENÊUTICA.....	22
2 A TAREFA DA HERMENÊUTICA SEGUNDO PAUL RICOEUR	27
2.1 O SIGNIFICADO DE TEXTO PARA PAUL RICOEUR.....	27
2.2 RECONSTRUÇÃO DINÂMICA DO MUNDO DO TEXTO	33
2.3 A PROPOSTA RICOEURIANA PARA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL.....	38
3 PRODUTO PEDAGÓGICO: CARTILHA FILOSÓFICA – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	41
3.1 OBJETIVO GERAL DA CARTILHA FILOSÓFICA	41
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	41
3.3 CARTILHA FILOSÓFICA – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	42
3.3.1 VIDA E OBRA DE PAUL RICOEUR	42
3.3.2 POR ONDE SE INSERIR NO PENSAMENTO RICOEURIANO?	46
3.3.3 O ARCO HERMENÊUTICO A PARTIR DE ALGUNS CONCEITOS RICOEURIANOS	47

3.3.4 APLICAÇÃO DA PROPOSTA HERMENÊUTICA RICOEURIANA APLICADA AO TEXTO.....	49
3.3.5 RECOMENDAÇÕES.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A – CARTILHA FILOSÓFICA	60
APÊNDICE B – COLETA DE DADOS.....	77
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO	93
APÊNDICE D – ANÁLISE TEXTUAL	97
ANEXO E – TEXTO DO DISCENTE 01	100
ANEXO F – TEXTO DO DISCENTE 02	101
ANEXO G – TEXTO DO DISCENTE 03	102
ANEXO H – TEXTO DO DISCENTE 04.....	103
ANEXO I – FOTO EXTERNA DA ESCOLA.....	104

INTRODUÇÃO

A presente dissertação constitui uma pesquisa realizada e desenvolvida no núcleo do PROF-FILO na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, a qual está vinculada à sede na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Nosso objetivo constitui em suscitar discussões e intervenções na prática docente do ensino de Filosofia, para isso realizamos um estudo teórico e participativo com discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Herondina Caldas, localizada na cidade de Serra Caiada – RN, escola na qual lecionamos a referida disciplina.

Entre tantos outros filósofos que falaram a respeito da hermenêutica, escolhemos o francês Paul Ricoeur para fundamentação da nossa pesquisa. Ele figura entre os mestres da hermenêutica, ao lado de Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer. Paul Ricoeur nasceu em 27 de fevereiro de 1913, em Valence, ao sul da França. Durante a infância, Ricoeur fora criado por avôs paternos, pois os pais dele já havia falecido e uma de suas irmãs. Aos 20 anos de idade conclui os estudos universitários. Sua maneira de filosofar está influenciada por três tradições filosóficas: a filosofia reflexiva que consiste na destinação do sujeito e da compreensão de si mesmo; a fenomenologia de Husserl, a partir da qual Ricoeur busca produzir uma descrição rigorosa da vontade e da ação; e a hermenêutica pós- heideggeriana, por intermédio desta, ele intenta fazer um enxerto na hermenêutica que possibilite um alargamento de sentido na compreensão dos diversos signos culturais e os narrativos.

As contribuições ricoeurianas para a tradição hermenêutica estão desenvolvidas em duas obras principais: *Le conflit des interprétations: Essais d'herméneutique I* (1969), obra que aborda a questão dos símbolos, da crítica ao estruturalismo e da interpretação de Freud. E *Du texte à l'action: Essais d'herméneutique II* (1986), nessa obra Ricoeur analisa a hermenêutica ao domínio dos textos a partir do arco de sua hermenêutica para o campo da ação, história e da ficção. Foi justamente essa a obra que optamos para a fundamentação teórica da nossa dissertação. Para ele, a hermenêutica constitui mais do que uma disciplina que visa à busca de critérios de interpretação textual. A hermenêutica ricoeuriana possibilita uma escuta refletida das narrativas textuais, com vista à compreensão da existência humana. Por esta razão escolhemos a hermenêutica ricoeuriana para conduzir nossa pesquisa, pois ela dá ao sujeito, ao leitor, ao intérprete, uma nova capacidade de se conhecer mediante o texto. A hermenêutica para Ricoeur constitui o processo pela qual o sujeito descobre novos modos de ser.

A dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro aborda A hermenêutica ricoeuriana e o ensino de Filosofia no Ensino Médio; o segundo, A tarefa da hermenêutica: uma reflexão sobre a contribuição ricoeuriana para a interpretação textual; e, por fim, o terceiro, A cartilha filosófica. Esta constitui o resultado final de nossa dissertação.

No primeiro capítulo apresentamos a proposta da nossa pesquisa que é a de auxiliar nossos discentes na leitura e interpretação de textos nas aulas de filosofia. Nossa pretensão é desenvolvermos estratégia(s) que auxiliem nossos discentes a adquirirem a competência e habilidade de interpretação textual, pois o momento atual da educação na E.E.P.H.C, urge a necessidade de oferecermos condições educativas que favoreçam ao discente desenvolver tais habilidades.

Elaboramos também uma breve apresentação das concepções de alguns estudiosos sobre a Hermenêutica no intuito de apresentar ao leitor a importância desta para a compreensão geral de nossa pesquisa, pois entendemos ser necessário esclarecer para nossos leitores o desenvolvimento do conceito de hermenêutica. Por esta razão, se faz relevante conhecer suas origens, sua procedência, sua história, ou seja, realizar um percurso que lhe possibilitou ser o que ela se tornou, ou seja, o desenvolvimento gradual do seu significado.

No primeiro capítulo não poderíamos deixar de mencionar a importância da hermenêutica diante do atual contexto da educação do século XXI, pois se faz necessário ao discente que este esteja extremamente capacitado para lidar com as mais variadas informações disponíveis nas mais diversas tecnologias da informação e da comunicação.

No segundo capítulo abordamos a tarefa da hermenêutica conforme o filósofo Paul Ricoeur. Neste capítulo, esclarecemos como Ricoeur apresenta o conceito de texto, o qual está estruturado em cinco temas interligados: O primeiro diz respeito à realização da linguagem como discurso; O segundo, o discurso oral não consiste em uma simples oração ou ato de fala, mas da organização desta; O terceiro trata da autonomia do texto; o quarto tema, a escritura possibilita a liberação do discurso da referência imediata a um mundo comum pressuposto pelo diálogo; o quinto tema é apresentado o discurso como mediação para compreensão de si mesmo.

O texto é de fundamental importância para Ricoeur, pois aquele “espera” e necessita ser lido. Por isso, a leitura só ocorre porque o texto não está cerrado em si mesmo, mas está aberto a novas releituras. O próprio texto nos orienta dentro dele mesmo, pois a explicação estrutural possibilita descobrir as dimensões do mundo do texto. Explicação estrutural que consiste na análise interna do próprio texto, ou seja, a partir de suas estruturas: fonemas, orações e frases.

Quanto ao terceiro capítulo, A cartilha filosófica: contribuições de aplicabilidade de critérios da hermenêutica ricoeuriana na interpretação de textos nas aulas de filosofia no Ensino Médio, apresentamos o produto pedagógico como resultado da aplicação do questionário e da aplicação da análise textual junto com os discentes do 2º ano. A cartilha filosófica enquanto produto pedagógico tem como finalidade auxiliar tanto o docente quanto o discente na aplicação dos critérios da hermenêutica ricoeuriana para interpretação e compreensão textual.

Para o desenvolvimento do terceiro capítulo elaboramos uma coleta de dados: questionário e análise textual, a qual realizamos o processo em duas etapas: na primeira etapa aplicamos um questionário a fim de compreendermos o contexto relacional do aluno com a compreensão e interpretação textual; a segunda etapa constitui a aplicação prática: propomos aos alunos que interpretassem alguns textos de acordo com alguns critérios da hermenêutica ricoeuriana. Para maiores detalhes sobre a coleta de dados, conferir o APÊNDICE B, ali está todo o procedimento para consecução do nosso produto pedagógico.

No APÊNDICE A se encontra de forma isolada A cartilha filosófica: Contribuições de aplicabilidade de critérios da hermenêutica ricoeuriana na interpretação de textos nas aulas de filosofia no Ensino Médio, nossa intenção é apresentá-la sua confecção para publicação.

1 A HERMENÊUTICA RICOEURIANA E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

1.1 PROPOSTA DA PESQUISA

A hermenêutica como exercício de interpretação e compreensão textual tem sido estudada por diversos autores ao longo do pensamento ocidental. Sendo assim, para nossa investigação e desenvolvimento do problema de interpretação e compreensão textual nas aulas de Filosofia na *Escola Estadual Professora Herondina Caldas*, localizada na cidade de Serra Caiada – RN, temos como fundamentação teórica a proposta hermenêutica do filósofo francês, Paul Ricoeur.

A referida escola possui um total de 11 turmas do Ensino Médio, distribuídas da seguinte forma: quatro 1º anos, três 2º anos e dois 3º anos do ensino regular; no segmento de Jovens e Adultos – EJA, temos um 2º ano e um 3º ano. As aulas têm 45 minutos de duração. Na escola há aproximadamente um total de 631 discentes e apenas 1 professor de Filosofia.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa, optamos por trabalharmos apenas com a turma do 2º ano A, pois diferentemente do 1º ano, aquela representa o alunado que já teve experiência com os textos de filosofia. Por esta razão, os discentes desta turma poderão, ou não (pois os discentes têm participação voluntária, caso queiram participar, precisam assinar um termo de consentimento e autorização dos pais ou responsáveis), auxiliar-nos em nossa investigação a respeito da(s) dificuldade(s) de compreensão e interpretação textual na disciplina de Filosofia. Esta turma possui um total de 28 alunos.

A partir da turma escolhida, faremos uma pesquisa por amostragem¹. Esta tem como finalidade selecionar um determinado número de participantes que represente grupos investigados, tais como: trabalhadores de uma empresa, alunos, comerciantes, religiosos, pessoas sem religião, entre outros.

Desde o nosso primeiro contato, iniciamos nossa atividade docente na escola no dia 24 de outubro de 2017, com o alunado do Ensino Médio da escola acima citada, percebemos a dificuldade de os discentes realizarem interpretações textuais. Não importa que gênero textual lhes seja oferecido para ler. Ler, eles até leem, ou dito em outras palavras, eles decodificam as palavras, mas não compreendem aquilo que leem.

¹Cf. THIOLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986, p. 60-63.

Para nós professores da disciplina de Filosofia que estamos com a responsabilidade de lecionar esta disciplina nas escolas da rede estadual do Rio Grande do Norte, temos que pensar e repensar seriamente em como desenvolver estratégia(s) que auxiliem(m) nossos discentes a adquirirem a competência e habilidade de compreensão e interpretação textual, pois, estas constituem a espinha dorsal para o aprendizado de qualquer disciplina.

Diante do contexto que vivenciamos na Escola Estadual Professora Herondina Caldas e da complexidade que envolve o ensino de Filosofia para os jovens da escola anteriormente citada, na qual também lecionamos, consciente de que a nossa cultura não possui o hábito de leitura, e, que, a maioria de nossos jovens têm dificuldades para realizar uma interpretação textual e, não apenas isso, mas diante da situação em que se encontra a educação em nosso país, entendemos a urgência de oferecermos condições educativas que auxiliem o alunado a desenvolver habilidades de ler, compreender e interpretar de modo filosófico textos de diferentes estruturas e gêneros.

O processo de consolidação para o ingresso do alunado em sua tarefa social consiste em sua preparação para o exercício da cidadania e sua qualificação profissional, pois isso também representa uma das preocupações filosóficas. Por estas razões, a disciplina de Filosofia no Ensino Médio tem, entre outras funções, a de propor condições para uma relação interdisciplinar com os demais componentes curriculares, contribuindo desta forma para a formação e desenvolvimento do educando para a cidadania. Mas para conquistar essa cidadania se faz necessário que os cidadãos tenham participação ativa e consciente na comunidade a qual pertencem, ou como disse Silvio Gallo (2003), “seja na raiz grega, seja na latina, a cidadania é definida como algo essencialmente ativo. A cidadania não é um pathos (algo que sofre), mas uma energia (algo que realiza)”. Por esta razão, precisamos urgentemente de discentes capazes de construir essa cidadania em prol da coletividade.

Para aqueles que se propõe a tarefa de ensinar Filosofia no Ensino Médio, urge analisar e desenvolver um método pelo qual será ministrado os conteúdos em sala de aula, pois é de suma importância que os alunos interpretem e compreendam os conteúdos das disciplinas, no intuito de alcançarem o desenvolvimento pleno e satisfatório para sua vida pessoal, profissional e social. Para Guilherme Obiols defende um modelo de ensino filosófico que favoreça a autonomia e possibilite diálogo e interação entre docente e discente na elaboração dos temas abordados em sala de aula. Segundo Obiols, o ensino de filosofia no ensino médio deve estar:

Apoiado em algumas preocupações que, de modo claro ou confuso, estão presentes na vida dos jovens, que para além das diferenças sociais e culturais, devem construir sua própria existência em uma sociedade e em uma escola em crise; preocupações de tipo existencial como a orientação que darão às suas vidas, no trabalho, frente à sociedade e à exclusão, frente à política e aos problemas da democracia, ao viver o amor e o sexo, ao descobrir a liberdade e os limites, etc. (OBIOLS, 2002, p.131).

Quando o discente por si mesmo compreende o texto, dando-lhe sentido ao associar o texto a sua experiência de vida, isto possibilita uma mudança nas ações do indivíduo, porque uma vez que se tenha apropriado do mundo do texto, isto passa a converter-se em uma nova perspectiva e, esta nova compreensão possibilita ao indivíduo perceber as possíveis interpretações textuais.

1.2 PROBLEMA A SER INVESTIGADO JUNTO AOS DISCENTES DO 2º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA HERONDINA CALDAS – RN

Quando falamos sobre o ensinar filosofia e filosofar, a interpretação surge como algo necessário para o desenvolvimento deste processo. Independentemente da classe social, os seres humanos estão a utilizar da interpretação no seu dia a dia. O jornalista além de trazer as notícias eles as interpreta; o tradutor de língua estrangeira também de certa forma faz uma “interpretação”; o cientista interpreta a análise dos dados; em nossa vida diária interpretamos gestos, placas de trânsito, símbolos religiosos, enfim, “a interpretação é, portanto, talvez o ato essencial do pensamento humano; na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado como um processo constante de interpretação” (PALMER, 1969, p. 20).

O problema a ser investigado consiste na dificuldade que os discentes da E. E. P. H. C apresentam ao interpretar os textos de filosofia. Tendo em vista que os discentes possuem déficit na aprendizagem, alguns não conseguem sequer acompanhar os conteúdos do livro didático de filosofia. Ao possuírem certa dificuldade na interpretação textual, constatamos a necessidade de auxiliá-los nesta tarefa, que é a de capacitá-los a interpretar textos, pois em todos os aspectos de nossa vida utilizamos da interpretação. Quando lemos uma bula de remédio, uma receita de bolo, um manual de normas técnicas para a instalação de um aparelho eletrônico e, até mesmo anúncios nos jornais, precisamos realizar uma interpretação, uma tradução, ou seja, uma compreensão que possa captar a mensagem que o emissor pretende transmitir a partir dos mais diversos meios de comunicação.

Os objetivos de nossa pesquisa, são:

- Identificar as dificuldades do alunado em compreender, explicar e dar sentido ao texto.
- Identificar, nesse contexto, como os alunos do Ensino Médio podem utilizar os textos filosóficos para uma compreensão de si mesmo.
- Refletir as implicações da teoria hermenêutica ricoeuriana como guia metodológico de leitura com os alunos do Ensino Médio

O que se espera do professor de Filosofia no ensino médio é o de que ele possa desenvolver habilidades e as competências esperadas do profissional responsável pela implementação das diretrizes indicadas² na BNCC para o ensino médio. No tópico 5.4.1 da BNCC está delineada as competências e habilidades específicas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, entre as quais se encontra a Filosofia. Leiamos o que diz a competência 1:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (BNCC, 2017, p. 571)

O que se pretende nessa competência é ampliar as capacidades dos discentes de elaborar hipóteses e compor argumentos com base na sistematização de dados (de natureza quantitativa e qualitativa). E não apenas isso, mas que estejam habilitados a contextualizar e operacionalizar conceitos como etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade etc. e diferentes linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas.

Além do que foi dito no parágrafo anterior, entendemos que as Orientações curriculares para o ensino médio ainda nos auxiliam nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, pois elas nos apresentam quatro habilidades³ a serem desenvolvidas juntos aos discentes, que são: leitura, compreensão, interpretação e produção textual. Geralmente numa aula expositiva, a relação entre docente e o discente, entre aquele que “explica” e aquele que “compreende” sugere a busca de algo em comum: interpretar o texto. Por certo, o primeiro e mais elementar trabalho de interpretação é captar aquilo que o autor se propôs ao escrever determinado texto. Sendo assim, nossa pesquisa tem como finalidade buscarmos na hermenêutica do filósofo

² Cf. Base Nacional Curricular Comum, p. 570-579.

³ Cf. Orientações curriculares para o ensino médio. p. 31.

Paul Ricoeur, os critérios que auxiliem tanto o docente quanto o discente na interpretação textual.

Como dissemos acima, por estarmos exercendo o magistério, em contato imediato com os discentes, percebemos que muitos deles possuem dificuldade em compreender e interpretar textos da disciplina de Filosofia (isso provavelmente pode ocorrer nas demais disciplinas). Pensamos que seja oportuno disponibilizar ao alunado uma “ferramenta”, a hermenêutica, que os capacitem a pensar, a compreender, a identificar, a analisar e a comparar diversas fontes e narrativas expressas nas diversas linguagens.

A partir do que dissemos acima, qual pode ser a contribuição de uma hermenêutica que possibilite ao docente desenvolver juntamente com seus discentes os seguintes aspectos: as habilidades de ler, de compreender e de interpretar de modo filosóficos textos de diferentes estruturas e registros, assim como articular conhecimentos filosóficos de diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais, sem inculcar valores ou mesmo doutriná-los⁴, mas despertar o gosto pela reflexão filosófica? Se uma das contribuições da Filosofia é a de fazer o discente desenvolver a habilidade discursivo-filosófica, como poderá o nosso discente desenvolver essa habilidade sem saber realizar uma simples interpretação textual?

A hipótese de nossa pesquisa é a de que o alunado possa apropriar-se das ideias apresentadas pelo “mundo do texto”. É de fundamental importância que nossos discentes não fiquem restritos a um modo de pensar do senso comum. Neste, as pessoas agem de tal forma que não questionam as estruturas do mundo em que estão inseridas. Da mesma forma quando elas realizam uma leitura textual, não buscam compreender as estruturas que compõem um texto. A Filosofia, no entanto, possibilita um pensar, mas um pensar, que não é o do senso comum, pois o pensar filosófico possui três características peculiares: a primeira delas é a radicalidade que consiste na origem ou fundamento essencial que é inerente a uma coisa, que é inseparável dela. A radicalidade, então, como característica da filosofia busca explicitar os conceitos fundamentais em todos os campos do pensar e do agir; a segunda é a rigorosidade,

⁴“*sem inculcar valores ou mesmo doutriná-los*” diz respeito a maneira como devemos lidar em nosso dia a dia em sala de aula, para que não a transformemos em um ambiente fundamentalista (que se refere ao fundamentalismo, movimento conservador e religioso que interpreta literalmente os livros sagrados). Pois a sala de aula constitui um ambiente aberto ao diálogo e a pluralidade de ideias. Cf. Orientações curriculares para o ensino médio. p. 18,19. “Assim, ao lado de uma cautela excessiva, podemos encontrar passos por demais doutrinários que terminam por roubar à Filosofia um de seus aspectos mais ricos, a saber, a multiplicidade de perspectivas, que não deve ser reduzida a uma voz unilateral. Mostrou-se, pois, necessária uma reformulação que evite imposições doutrinárias, mesmo quando resultantes das melhores intenções. [...]A cautela filosófica é ainda mais necessária nesse nível de ensino, no qual posturas por demais doutrinárias podem sufocar a própria possibilidade de diálogo entre a Filosofia e as outras disciplinas, cabendo sempre lembrar que as tomadas de posições, mesmo as politicamente corretas, não são ipso facto filosoficamente adequadas ou propícias ao ensino.

pois sua argumentação tem como finalidade manter a coerência discursiva, evitando assim, as expressões ambíguas do cotidiano; a terceira característica é uma reflexão totalizante, porque nada escapa a seu interesse. Por ser um pensamento totalizante, o pensamento filosófico possui um caráter essencialmente transdisciplinar, ele estabelece o elo com as diversas disciplinas.

O pensar filosófico não é melhor nem superior a todos os outros, mas constitui um pensar diferente, pois que a tudo problematiza e nos conduz à experiência filosófica, ou seja, o indivíduo passa por um processo de estranhamento frente as situações-limites que exigem uma atitude reflexiva a respeito das mesmas. Sendo assim, os discentes devem perceber a importância da disciplina de Filosofia, pois esta constitui uma apresentação de textos que abordam os mais diversos temas: vida humana, a morte, a felicidade, direitos humanos, ética e moral, etc. A filosofia constitui um conjunto de códigos, conceitos e regras que possibilitam a comunicação de ideias e a interpretação das informações que eles recebem diariamente dos meios de comunicação (internet, jornais, revistas, televisão, rádio etc.).

Entendemos ser relevante para esta pesquisa a hermenêutica proposta pelo filósofo Paul Ricoeur (1913-2005), sem dúvida, um dos mais importantes pensadores do século XX. Este pensador francês dialoga com os mais variados campos do conhecimento, tais como: a filosofia reflexiva⁵, a fenomenologia, o existencialismo, a filosofia analítica, a hermenêutica, entre outras. Sua proposta hermenêutica consiste em que esta seja tomada não apenas como um guia metodológico para interpretações textuais, mas pressupõe uma atitude ontológica⁶ e reflexiva, ou seja, o ser humano é capaz de interpretar o mundo e interpretar a si próprio, pois, para Paul Ricoeur o problema da compreensão hermenêutica, só é possível por mediação dos outros, que pode ser um texto ou mesmo os outros homens, mediante o diálogo.

1.3 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA NOSSA PESQUISA

Paul Ricoeur contribuiu bastante para o desenvolvimento da hermenêutica. Geralmente, o nome do filósofo está associado a esta disciplina, a qual ele busca elaborar sua teoria da interpretação em duas de suas principais obras: *O conflito das interpretações* e *Do Texto à ação*, ambas têm como subtítulo “ensaios de hermenêutica”. Mas para o

⁵Paul Ricoeur foi profundamente marcado pela filosofia reflexiva, notadamente francesa, que busca responder à questão: o que é o homem? Ou mais simplesmente: quem sou eu? Para ele, o ser humano é claramente um ser de possibilidades. Possibilidade que evoca várias coisas, tais como: de agir, falar, narrar suas experiências, perdoar, ser tocado pelo divino, cometer o mal, etc.

⁶ Cf. nota anterior.

desenvolvimento desta dissertação, optamos pela obra *Do Texto à ação*. O que nos motivou a escolher esta obra de Ricoeur foram os conceitos de texto, mundo do texto, mundo do leitor, apropriação e distanciamento como elementos presentes na interpretação textual.

A hermenêutica ricoeuriana constitui um modo de filosofar que busca estabelecer as condições de validade de uma teoria geral da hermenêutica, ou seja, uma interpretação dos signos humanos, sejam eles os símbolos, os textos, ou os quase textos (ações). Como afirma Daniel Frey⁷ ao comentar a obra ricoeuriana, *Escritos e Conferências 2*, o qual diz que a hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur “apresenta-se como uma reflexão distanciada e crítica sobre as operações de explicações e de compreensão em jogo na interpretação, habitual ou erudita, das obras de cultura”.

A hermenêutica entendida como teoria e prática da interpretação ocupa um lugar de destaque na educação. Por ela, os discentes podem alcançar um significado do texto, ou seja, aquilo que o autor quis transmitir mediante o texto e, também podem apropriar-se do mundo do texto.

Para Ricoeur, a hermenêutica articula-se entre dois polos: o texto e a interpretação do texto. Estes dois polos são duas espirais de um mesmo processo. A dinâmica do trabalho interpretativo consiste em esclarecer e em acompanhar a dinâmica já efetivada no texto por meio da leitura textual. Paul Ricoeur em sua obra *Del texto la accion*, ele diz que há um entrecruzamento entre o “mundo do texto” e “mundo do leitor”, tese central de sua hermenêutica filosófica. Conforme ele mesmo diz, “o papel da hermenêutica é acompanhar a atividade estruturante que parte do pleno da vida, investe-se no texto e, graças à leitura privada e à recepção pública, retorna à vida” (RICOEUR, 2006, p. 126). O texto está estruturado mediante às experiências do escritor de tal forma que é possível ao leitor poder acompanhar o desenvolvimento do que ali está escrito, ou seja, pela leitura o leitor traz à lume e se apropria daquele mundo apresentado pelo autor.

Para uma hermenêutica textual, Paul Ricoeur tem como finalidade compreender de que forma a linguagem possibilita a mediação entre a humanidade e o mundo e, entre os próprios seres humanos. Isso constitui, segundo Ricoeur (2006), uma tríplice mediação de referencialidade (humano e mundo), de comunicabilidade (ser humano e ser humano) e de compreensão de si (ser humano e o si mesmo) o problema mais importante de uma hermenêutica dos textos.

⁷Daniel Frey faz parte do Conselho Científico do site FondsRicoeur.fr que promove e assegura a liderança intelectual e a animação do site, organizando reuniões e publicações e tem como objetivo estabelecer parcerias com outras instituições na França e no exterior. Cf. <http://www.fondsriceur.fr/fr/pages/conseil-scientifique-1.html>

A contribuição ricoeuriana para a hermenêutica provem da noção de distanciamento, pela qual Ricoeur estabelece algumas categorias⁸: a efetuação da palavra como instância do discurso, a fixação da obra pela escrita, o mundo do texto projetado pela obra escrita, a compreensão de si pelo ato da leitura e o mundo do texto.

Ressaltemos que o conceito de distanciamento exerce uma função preliminar para a apropriação de textos. É certo que existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, pois uma vez produzido, o texto possui certa autonomia em relação ao seu autor. Autonomia que possibilita uma carreira de sentido, ou seja, o texto não mais estar restrito à situação originária em que foi escrito pelo autor, podendo, então, ser retomado e ressignificado pelos mais diversos destinatários. Uma segunda distância está relacionada entre o texto e seus potenciais leitores. Esses precisam entender e respeitar que o texto possui alteridade em relação a eles. Para Paul Ricoeur (2002)⁹, “el texto es [...] mucho más que un caso particular de comunicación inter-humana; es el paradigma del distanciamiento em la comunicación y, por eso, revela un rasgo fundamental de la historicidad misma de la experiencia humana: que es una comunicación em y por la distancia”.

A autonomia que o texto alcança em relação ao seu autor possibilita que ele seja reassumido por leitores posteriores que não pertencem ao mundo particular do autor. O mundo do texto encontra uma diversidade de destinatários que, mediante o ato de leitura, enriquecem sua própria apreensão do mundo em que estão inseridos, compreensão de si a partir das projeções de sentido inclusas no texto.

A noção de mundo do texto consiste em outro conceito fundamental para a hermenêutica de Paul Ricoeur, assim como é fundamental para o que nos propomos investigar em nossa pesquisa com os discentes do Ensino Médio na disciplina de Filosofia. A hermenêutica ricoeuriana decorre da intersecção do mundo do texto e o mundo de seus leitores. Segundo Paul Ricoeur na obra *A hermenêutica bíblica*:

Por mundo do texto entendo o mundo desdobrado pelo texto diante dele, por assim dizer, como o horizonte da experiência possível na qual a obra desloca seus leitores. Por mundo do leitor entendo o mundo efetivo no qual a ação real se desdobra de uma “rede de relações humanas” para usar uma expressão de Hannah Arendt em *The human condition* (RICOEUR, 2006, p. 290)

⁸Cf. RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1978, p. 96.

⁹ Cf. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenêutica II. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 95. “o texto é[...] muito mais que um caso particular de comunicação inter-humana; é o paradigma do distanciamento na comunicação e, por isso, revela uma categoria fundamental da historicidade mesma da experiência humana: que é uma comunicação em e pela distância”. (tradução nossa)

À medida que os leitores se apropriam do texto há certa capacidade de o texto reconfigurar a experiência do leitor, ou seja, mudar a concepção que o leitor possui do mundo (cosmovisão), dos valores estéticos, éticos, religiosos. O sentido que há no texto não pode ser plenamente atualizado se não for mediante a leitura dos destinatários que dele se apropriam. Em decorrência desta situação, são destacadas as possíveis novas significações no horizonte indicado pelo texto.

Antes mesmo de ser obra dos leitores, a interpretação é realizada, segundo Ricoeur, primeiramente pelo texto, ou seja, constitui uma interpretação no texto e pelo texto. A tarefa do(s) intérprete(s) está em desvelar o dinamismo que há no texto, para em seguida prolongá-lo “em imaginação e simpatia”. Daí que:

interpretar/compreender uma obra é, nesse sentido, tomar o rumo de sentido proposto por ela, como já vimos. É habitar o mundo proposto por ela, com “um dos meus possíveis mais próprios”, um possível ser do leitor, que não está já dado na realidade, anterior ao encontro do leitor com a obra, mas que se revela nesse encontro, se torna realidade efetiva, ainda que ao modo de um poder ser e não um ser dado, a partir desse encontro (GENTIL, 2011, p, 185).

De acordo com Gentil, o encontro do leitor com a obra, entre o “mundo da ação” e o “mundo do texto”, constitui o acontecimento que ultrapassa e atravessa a ação do leitor, pois o mundo do leitor é muito mais resultado do que princípio de interpretação. O resultado da interpretação surge como uma “reconfiguração” do mundo do leitor.

Para que haja uma reconfiguração do mundo do leitor, Paul Ricoeur (2002) elabora um conceito para esta nova situação: a apropriação. Este conceito, segundo Ricoeur, consiste em se apropriar do mundo projetado pelo texto. Para a apropriação do mundo do texto, Ricoeur apresenta sua maneira de conceber o arco hermenêutico que se inicia com uma primeira apreensão do texto, ou seja, primeira compreensão ingênua que consiste na leitura em primeiro grau de quem lê o texto como manifestação de um psiquismo alheio, do autor, mais especificamente, aquilo que o autor quer dizer., captado como um todo. Em um segundo momento há um procedimento explicativo que é explicação estrutural do texto, pela qual explica-se o texto a partir de sua própria lógica interna como um conjunto de signos fechado em si mesmo. A composição da Intriga constitui a mediadora entre o acontecimento e a história, ela consiste na produção textual. Por seu caráter inteligível é possível realizar combinações várias pelas quais os acontecimentos se transformam em histórias. Por fim, o arco se conclui por uma nova apreensão que permite um ponto de intersecção entre o mundo

do texto e o mundo do leitor, apropriação desta intriga pelo leitor. Este se apropria do mundo da obra literária. Neste caso, o leitor realiza uma apropriação daquilo que o mundo do texto lhe apresenta. Na sua obra *Del texto la acción*, Ricoeur diz que o conceito de apropriação consiste em duas finalidades:

Una de las finalidades de toda hermenéutica es luchar contra la distancia cultural, lucha que puede comprenderse, en términos puramente temporales, como una lucha contra el alejamiento secular o, en términos más verdaderamente hermenéuticos, como una lucha contra el alejamiento del sentido mismo, del sistema de valores sobre el cual el texto se establece; en este sentido, la interpretación acerca, iguala, convierte en contemporáneo y semejante, lo cual es verdaderamente hacer propio que en principio era extraño. (RICOEUR, 2002, p. 141)¹⁰

A trajetória de sentido possibilitada pelo mundo do texto pode reconfigurar o mundo do leitor. À medida que se apropria do mundo do texto, o leitor tem sua subjetividade descentralizada, a partir da leitura do texto, com isto ele recebe uma compreensão de si mais ampla. A apropriação do mundo do texto possibilita ao ser humano refletir sobre sua própria existência, configurando, desta forma, a identidade de si mesmo, ou seja, permiti-lhe auto interpretar-se a partir das experiências vividas na sociedade.

Do exposto acima fica claro que a trajetória de sentido do mundo do texto só acaba quando encontra o mundo do leitor, reconfigurando, então, a identidade do sujeito. Essa intersecção só é possível mediante o ato de leitura que o intérprete atualiza por meio das diversas figuras de si projetadas pelo texto. Apropriar-se de um texto exige de o leitor descentralizar sua subjetividade a fim de examinar o que possa receber do texto para uma compreensão de si mais ampla.

A busca por uma hermenêutica permite-nos compreender a importância das narrativas para os humanos, pois elas ressaltam o valor das ações humanas como portadoras de significados. É de fundamental importância que o sujeito possa se tornar coautor de uma narração e interpretação que apótem uma compreensão e interpretação de determinados problemas investigados na sociedade, tais como: violência, precariedade no setor público (saúde, educação, transportes, moradia, alimentação), desigualdade social, alta taxa de impostos, impunidade, corrupção, etc.

¹⁰ Cf. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenéutica II. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 141. “Um dos propósitos de toda hermenêutica é lutar contra a distância cultural, uma luta que pode ser entendida, em termos puramente temporais, como uma luta contra o afastamento secular ou, em termos mais verdadeiramente hermenêuticos, como uma luta contra o distanciamento do sentido em si. sistema de valores em que o texto é estabelecido; Neste sentido, a interpretação aproxima, iguala a, torna-se contemporânea e semelhante, o qual é realmente fazer próprio o que em princípio, fosse estranho.”. (tradução nossa)

De acordo com Paul Ricoeur (2002), o ato de narrar constitui uma unidade funcional entre os múltiplos modos e gêneros narrativos (romance, novela, conto, crônica, fábula, parábola, lenda). Entre relatos de ficção e relatos com pretensão de verdades, há, segundo Ricoeur, algo em comum que é a narratividade e a temporalidade, pois estas são marcas da experiência da vida humana, a qual pode ser narrada. O caráter temporal da narratividade caracteriza a experiência humana em suas mais variadas formas de narrar. Razão pela qual a função narrativa possibilita uma abertura ao mundo mediante a compreensão do mundo do leitor. Desta forma:

A função mimética das narrativas, intimamente relacionada à sua função de mediação, tais como elucidadas por Ricoeur, insere as narrativas históricas e as narrativas de ficção numa história, história à qual pertencem e de cuja constituição participam. Esse seu pertencimento e participação têm como condição de possibilidade a historicidade desse ser-aí que somos, ser-aí caracterizado pela “abertura” ao mundo e pela compreensão, bem como por sua temporalização própria (GENTIL, 2011, p. 190).

Segundo Ricoeur, a função mimética configura a linguagem narrativa em um mundo habitável apresentado pela narrativa ficcional, possibilitando a reconfiguração dos valores éticos e estéticos. A utilização da hermenêutica possibilita aos sujeitos de um determinado contexto social (no nosso caso, são os discentes do Ensino Médio da Escola Herondina Caldas) participar, investigar, assinalar, articular e compreender a realidade em que vivem. Situados numa determinada comunidade surge o leitor/intérprete e o texto, pois o intérprete não é apenas um observador teórico, mas participa das mais diversas experiências que a vida lhe proporciona. Razão pela qual entendemos ser de fundamental importância à proposta ricoeuriana de interpretação como apropriação, pois ela permite ao sujeito reconstruir sua própria identidade a partir do mundo do texto.

Para esclarecer o conceito de mimese, Ricoeur se baseia na *Poética* de Aristóteles. Daí ele toma as noções de *mimese* e de *intriga* como estruturantes da noção da narrativa (*mythos*). “Se continuarmos a traduzir mimese por imitação, deve-se entender totalmente o contrário do decalque do real preexistente e falar de imitação criadora, (...) se traduzirmos mimese por representação, não se deve entender, por esta palavra, alguma duplicação de presença, como se poderia entendê-lo na mimese platônica, mas o corte que abre o espaço de ficção” (RICOEUR, 1994, p. 76).

Geralmente, o que se entende por interpretação, consiste na compreensão daquilo que o autor de uma determinada obra quisera dar a entender quando escreveu o texto. Talvez seja

muito complexo captarmos a intencionalidade de outra pessoa, ainda mais quando não tivemos nenhuma experiência de convivência com ela. Por esta e outras razões a hermenêutica nos auxilia a compreender uma determinada obra sem a necessidade de havermos convivido com o autor, pois a obra passa a ter uma autonomia em relação à quem a elaborou. Diferentemente do que ocorre num diálogo, no qual podemos tirar qualquer dúvida com nosso interlocutor, o mesmo não ocorre com a leitura textual, pois não temos o autor presente no momento da leitura.

Ricoeur (2000) em sua obra *Teoria da interpretação* ressalta uma importante distinção que há entre a mensagem e o código. Segundo ele, a mensagem é individual, o código é coletivo. A mensagem é intencional, é pensada por alguém, ou seja, é o conteúdo que o emissor transmite ao receptor, é tudo que é falado ou escrito. O código, por sua vez, é impessoal e não intencionado. O código consiste no conjunto de signos linguísticos utilizados na mensagem, que podem ser: verbais ou não verbais. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) constitui um exemplo de código coletivo utilizado por todos os brasileiros. Além de padronizar o uso gramatical em nosso país, a NGB expõe as regras de linguagem pelas quais são utilizadas para as mais diversas comunicações e elaborações textuais.

Ao realizar esta distinção Ricoeur procura demonstrar que o texto vai se tornando algo inteligível por meio dos signos, que são a ligação associativa entre o significado e o significante: signo linguístico. A ordenação destes signos, ou seja, o arranjo, a combinação ou disposição das palavras na frase começa a adquirir sentido e, desta forma, possibilita o primeiro passo para interpretar o texto em sua totalidade ou mesmo em suas partes.

O diálogo entre dois interlocutores facilita a comunicação devido a interlocução ocorrer mediante perguntas e respostas que permitam sanar qualquer dúvida na conversação. Ao escrevermos determinada obra, isso requer que façamos a utilização de signos ortográficos para expressar a fala mediante algumas funções, tais como: a linguagem referencial ou informativa, a qual busca transmitir a mensagem de um modo objetivo, neutro e claro; a linguagem poética, pela qual o emissor utiliza-a como jogos de palavras, sonoridade, ritmo e musicalidade; a linguagem metalinguística, esta consiste na utilização da própria linguagem para explicar a linguagem, dando explicação ou conceitos. Há outras funções da linguagem, porém as que foram mencionadas servem para ilustrar a distinção entre mensagem e código. Sendo assim, Paul Ricoeur nos diz que:

A escrita não só preserva as marcas linguísticas da enunciação oral, mas também acrescenta sinais distintivos suplementares como sinais de citação, os pontos de exclamação e de interrogação, para indicar as expressões fisionômicas e gestuais,

que desaparecem quando o locutor se torna um escritor. Por conseguinte, os actos ilocucionários podem, de muitos modos, comunicar-se ao ponto de a sua “gramática” fornecer o evento com uma estrutura pública (RICOEUR, 1976, p. 29).

De acordo com Ricoeur (2002), a conversação possui algumas propriedades: o ato locucionário de conteúdo proposicional, ou dito de outra maneira, é a força do ato completo do discurso. No discurso, além do ato proposicional, há o ato ilocucionário, que nada mais é do que aquilo a que me refiro ao falar, ou seja, consiste no modo com o qual o orador afirma, sugestiona, apresenta ou promete. Há também o ato perlocucionário, que consiste em provocar um efeito no interlocutor através da minha fala, influenciando seus sentimentos ou pensamentos.

Na conversação parece não haver tanto problema na compreensão da fala dos interlocutores, pois ambos estão presentes e podem esclarecer dúvidas no diálogo. O problema da hermenêutica, segundo Ricoeur em sua obra *Del texto la acción*, está vinculado diretamente ao problema de interpretação textual. Para ele há duas vias deste problema: a primeira está relacionada ao campo de aplicação dos textos. Estes possuem autonomia em relação às intenções do seu autor, pois este não mais está presente para que possa sanar qualquer dúvida pelo leitor. Por isso o texto não possui um caráter dialogal como acontece no discurso oral. Sendo assim, o texto necessita, ele pede para ser interpretado.

A referência do texto implica dizer que sua significação não está oculta, por trás do texto, mas aponta para um mundo possível, a maneiras possíveis de se orientar nesses mundos. Sendo assim, o trabalho interpretativo consiste em apropriar-se das proposições de mundo possibilitadas pelas referências do texto. Apropriar-se do mundo do texto não é ficar restrito apenas as intenções daquilo que o autor queria transmitir nem mesmo as estruturas imanentes do texto, mas, sim, apropriar-se daquilo sobre o que é dito no texto. *Em Escritos e conferências 2: hermenêutica*, Paul Ricoeur diz o seguinte:

Entendo com isso que o que deve finalmente ser compreendido num texto não é o autor e sua intenção presumida, nem mesmo a estrutura ou estruturas imanentes ao texto, mas o tipo de mundo visado fora do texto como referência do texto [...] Intenção ou estrutura designam o sentido, o mundo do texto designa a referência do discurso, não o que é dito, mas aquilo sobre o que é dito. A coisa do texto, eis o objeto da hermenêutica. E a coisa do texto é o mundo que o texto exhibe diante de si (RICOEUR, 2011, p. 176).

Na interpretação textual o papel da subjetividade não pode ser descrito como uma projeção, mas, sim, de um compreender-se ante a obra. É deixar-se ser conduzido pela obra e pelo mundo que esta propõe para que ampliem o horizonte de compreensão que temos de nós

mesmos. De acordo com a proposta ricoeuriana, a interpretação consiste no processo pelo qual o descobrimento de novos modos de ser possibilita ao sujeito uma nova capacidade de conhecer-se a si mesmo, ou seja, a hermenêutica auxilia na constituição e compreensão de si do sujeito.

Quando o leitor inicia a leitura de uma obra, ele começa a perceber que aquilo de que trata a obra é algo possível de ser posto em ação. Para Ricoeur, não interessa tanto saber quais eram as intenções de Platão ao escrever a obra *Apologia de Sócrates*, mas o que interessa saber é aquilo sobre o que é dito na obra.

1.4 JUSTIFICATIVA E A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA NA EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

A educação do século XXI tem como meta propor soluções para os desafios relativos à participação na sociedade da informação e as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. O tipo de educação que se espera não pode ficar restrito a um ensino memorístico, repetitivo, sem nenhuma reflexão para a vida do alunado, pois necessitamos de discentes capazes de pensar e enfrentar os mais diversos problemas que há na sociedade em que residem. Por esta razão, um dos desafios da sociedade da informação está em proporcionar ferramentas para processar a grande quantidade de informação que se obtém através dos meios de comunicação.

Processar esta vasta quantidade de informação requer do discente a capacidade de interpretar os dados que lhe são fornecidos no ambiente escolar e na World Wide Web (WWW), também conhecida por rede mundial de computadores. Para tanto, o docente deve propor metodologia(s) que possibilite(m) aos discentes se apropriarem, construírem, reconstruírem e produzirem conhecimentos. A dúvida e a crítica são fundamentais nesse processo, pois elas auxiliam os discentes na capacidade de realizarem uma análise e salientar as qualidades e/ou defeitos de algo (uma obra literária) ou de alguém (a postura intransigente de alguns políticos), expressando-se através de um texto escrito. Por essa razão, a hermenêutica constitui a habilidade indispensável para que o discente perceba que os conteúdos divulgados nas redes sociais, blog's, youtubers, por exemplo, não estão prontos e acabados e requer investigação que possa modificar, rever, ampliar e transformar as informações. Pierre Lévy (1999) constata que, cada vez mais, urge a necessidade de os sistemas de educação estarem adaptados à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e *savoir-faire*, ou seja, a capacidade para solucionar ou resolver algo de modo prático.

Como dissemos acima, na E. E. P. H. C há a necessidade de que os discentes estejam aptos para compreensão, interpretação e, conseqüentemente, a comunicação. A tradição hermenêutica sempre esteve em busca de possibilitar a clareza, o entendimento das formas simbólicas expressas pelo ser humano em suas mais variadas manifestações. Por esta razão, percebemos que de acordo com a 46ª Conferência Internacional da Educação da UNESCO, foram realizadas reflexões e propostas para uma educação para todos. Ali estão prescritas as necessidades básicas para que os discentes se desenvolvam plenamente como cidadãos. E para alcançar esse desenvolvimento é de suma importância eles adquirirem a competência em interpretar não apenas textos, mas também a sociedade onde vivem. Na conferência ficou enfatizado que:

A educação básica para todos deveria “responder às necessidades educativas fundamentais que dizem respeito tanto às ferramentas essenciais de aprendizagem — leitura, escrita, expressão oral, aritmética e resolução de problemas — quanto aos conteúdos educativos fundamentais — conhecimentos, aptidões, valores e atitudes — de que o ser humano tem necessidade para sobreviver, desenvolver todas as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente no desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões bem refletidas e continuar a aprender” (UNESCO, 2003, p. 28).

Em qualquer experiência educativa, a compreensão, a interpretação e a comunicação estão fundamentadas sobre: a intelecção, explicação e aplicação, pois à medida que o ser humano aprende algo, ele capta o significado possibilitando-lhe agir, ou não, de acordo com o conteúdo adquirido. Desta forma, as coisas adquirem sentido quando se lhe tornam próprias, ou seja, quando eles mesmos interpretam, compreendem e processam as informações que lhe são repassadas ou que estão disponíveis em seus ambientes, tais como: escola, igreja, trabalho, etc. Sendo assim, o indivíduo encontra-se em condições de aplicá-las em seu dia a dia.

Na educação do Ensino Médio percebemos como a prática pedagógica encontra-se estruturada sobre o processo hermenêutico. Estando situada no contexto da tradição e linguagem, tem como finalidade a aprendizagem, o conhecimento próprio, as transformações das tradições, dos indivíduos e da sociedade. Situados num determinado contexto, numa certa tradição, podemos transcendê-los mediante a produção de uma autêntica aprendizagem, pois aprender não significa ficar restrito à tradição, tampouco ficar delimitado a um determinado contexto cultural. Aprender não é meramente reproduzir a tradição, mas apropriar-se dela para reformular a nossa compreensão e incorporar tudo que se conhece, em busca do que ainda não se sabe.

Para uma autêntica aprendizagem entendemos ser relevante a que Jacques Delors (1998) apresentou quatro pilares no “Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

O primeiro pilar, aprender a conhecer, consiste numa aprendizagem que não se restringe à aquisição de um conteúdo de um repertório de saberes codificados, mas que o discente possa saber utilizá-los para compreender as estruturas que formam o mundo que o rodeia. Esta modalidade de aprendizagem tem a finalidade de fazer o discente compreender, de conhecer, de descobrir e de produzir conhecimento.

O segundo pilar, aprender a fazer, está intrinsecamente ligado ao primeiro. A aprendizagem tem como foco algo mais do que aprender a realizar a tarefa para fabricar alguma coisa. O discente não constitui uma “engrenagem” no processo industrial, ele vai além da tarefa repetitiva, do ato de repetir, ele busca realizar com criticidade e autonomia. O fazer deixa de ser apenas instrumental e passa a ser uma competência pessoal que possibilita ao discente enfrentar as novas situações de emprego que exigem um profissional multidisciplinar.

No que diz respeito ao terceiro pilar, aprender a viver, Delors diz que é de suma importância os discentes estarem cientes das semelhanças e da interdependência entre todos os seres vivos do planeta. A educação do século XXI requer conteúdos e práticas pedagógicas que possibilitem um aprendizado voltado para o conviver harmoniosamente com todos (homens, animais, terra, mar...).

Por fim, o quarto pilar, aprender a ser, tem como finalidade uma educação que potencialize o desenvolvimento pleno do discente. Desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sentido estético, sensibilidade, responsabilidade pessoal e coletiva, espiritualidade. Segundo Delors:

Todo ser humano deve ser preparado, especialmente, graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 1998, p.99).

Nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, o processo hermenêutico intenta possibilitar aos discentes a capacidade de compreensão, interpretação e comunicação, com vista a compartilhar saberes, proporcionar significados a estes mesmo saberes e, a dialogar acerca dos variados assuntos que envolvem a vida, ou seja, a própria origem da vida, a morte como

enigma, o sofrimento, a violência, a cultura como construção humana, o ato de conhecer, teorias sobre as verdades, direitos humanos, ciência e tecnologia, a arte como forma de pensamento, etc.

A hermenêutica constitui uma “ferramenta” fundamental para aquisição e construção do conhecimento, potencializa o objetivo de compreender conceitos e interpretações sobre os processos formativos de indivíduos (discentes do Ensino Médio) que os habilitem como pensadores e interlocutores competentes. Como um aporte nas aulas de filosofia, ela pode contribuir de maneira significativa com recursos necessários para o exercício de questionamento(s) frente aos pré-juízos, pré-conceito, ou seja, a hermenêutica como aporte proporcionará o desenvolvimento de um pensar filosófico à medida em que os discentes se apropriam dos conceitos filosóficos.

Uma educação pautada sobre uma hermenêutica proporciona uma melhor comunicação para a vida em sociedade, pois a hermenêutica não pretende ter uma postura absolutista, mas busca um princípio que mantenha aberto o diálogo. Por ela o educar-se consiste num escutar o outro, numa colaboração de compreensão, de transformação e, conseqüentemente, de uma busca pelo sentido e respostas aos anseios mais profundos do ser humano que são: o sentido da existência, sexualidade, amor, felicidade, a experiência com o sagrado/transcendente, pós-morte, etc. Todos esses temas podem ser abordado nos mais diversos filósofos e obra: Albert Camus (1913-1960)/ O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo; Michel Foucault/História da Sexualidade – A Vontade de Saber – Vol. 1; Platão/ O banquete; Agostinho/ Sobre a vida feliz, etc.

Mais do que em qualquer outra época necessitamos de um labor constante de reflexividade e de hermenêutica, com um maior acesso a uma infinidade de informações disponíveis na rede mundial de computadores, nos centros educativos, em casa, na rua, no trabalho, etc. Isso requer dos homens uma competência para lidar com este montante de informações.

De maneira muito sucinta, a hermenêutica consiste na capacidade para interpretar textos, compreendê-los, contextualizá-los, entender o seu autor, seu conteúdo e intenção. O que se busca na interpretação é o sentido, daí sermos constantemente interpelados pela hermenêutica de que a educação é um pensar e re-pensar, um ler e re-ler, ou seja, ela constitui uma constante re-interpretação.

Um dos objetivos da hermenêutica está em possibilitar clareza e significado sobre o objeto estudado. Em nosso caso, o objeto são os textos de Filosofia que são abordados em sala de aula. Intentamos auxiliar os discentes a serem capazes de elucidar e expressar os

significados(s) do texto. Por meio da interpretação textual adquire-se a compreensão das coisas, dos diferentes modos de estar no mundo; pode-se dizer que o texto tem uma função mediadora entre o homem e o mundo.

O procedimento metodológico hermenêutico constitui uma importante “ferramenta” que permita aos discentes alcançar uma educação na busca de sentido, clareza e significado de um texto. A compreensão textual implica a capacidade de interpretar a mensagem levando em consideração os detalhes de sua produção. O texto possibilita um contexto em que há um mundo do texto e do leitor, encontro este que faz surgir a interpretação, razão pela qual isto nos levar a considerar que possam existir tantas interpretações tanto quanto existam leitores. Segundo Gentil:

O encontro que, além de ser do leitor com a obra, é o encontro entre o mundo do leitor e o mundo da obra, entre o “mundo da ação” e o “mundo do texto” – em que o leitor é o veículo, o mediador de um acontecimento que o ultrapassa e o atravessa, algo que acontece além de seu controle e de seus procedimentos metódicos, ainda que preparado por estes procedimentos. Atravessado por esse encontro, o leitor é transformado por ele, recebendo da obra um si mesmo transformado e alargado, como veremos – o que leva Ricoeur a dizer que o sujeito está muito mais no ponto de chegada do que no ponto de partida do processo. Ele é muito mais resultado do que princípio da interpretação – outra maneira ou outro aspecto dessa “despsicologização” da interpretação que mantém a implicação do sujeito (GENTIL, 2011, p. 185).

De acordo com Gentil, o processo de interpretação constitui uma “reconfiguração” desse mundo do leitor. Mediante a fusão do seu horizonte com o horizonte do mundo do texto é estabelecido um trabalho metódico, reflexivo e intuitivo que o leitor realiza para compreender o que a obra quer dizer, ou seja, o leitor desvela o mundo e a experiência que no texto são narrados.

Os leitores adquirem uma dimensão muito importante acerca do significado e sentido de um texto, pois não é possível que mediante sua subjetividade, com seus pré-conceito(s), linguagem e contexto histórico fiquem à margem daquilo que interpreta. Neste ponto chegamos àquilo que entendemos ser relevante para nossos alunos no Ensino Médio que é um método hermenêutico que promova ao alunado a capacidade de interpretar textos de forma a compreender, apropriar-se e dar sentido aquilo que lê. Este método consiste em acompanhar o trabalho efetivado no texto, ou seja, a atividade estruturante que há no texto, mas que graças à leitura o texto ganha vida.

Do que ficou exposto acima, exporemos de forma sucinta algumas principais propostas hermenêuticas elaboradas pelos mais variados estudiosos do assunto, pois a

hermenêutica tem modificado significativamente o processo educativo do homem, possibilitando a este interpretar e compreender suas ações, sentimentos e, a formar e a estruturar as diferentes formas sociais e culturais, com as quais busca dar sentido à vida.

1.5 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DA HERMENÊUTICA

Para a compreensão de um determinado conceito entendemos ser relevante conhecer suas origens, sua história, ou seja, realizar um percurso que lhe possibilitou ser o que ele se tornou, ou seja, o desenvolvimento gradual do seu significado. De acordo com Schleiermacher (1999), já havia indícios de uma hermenêutica entre os gregos, pois estes teriam sido os primeiros a terem a preocupação com a interpretação dos versos dos poetas. De maneira geral o que se entende por hermenêutica consiste na “arte de interpretação de textos”. Segundo Jean Grodin (2008), esta arte desenvolveu-se no seio de disciplinas que tinham que ver com a interpretação de textos sagrados ou canônicos: a teologia (*hermeneutica sacra*), o direito (*hermeneutica juris*) e a filologia (*hermeneutica profana*).

De origem grega, a palavra hermenêutica (*hermeneutikós*, “interpretar”, ou *hermenéia* “interpretação”) em seu significado básico consiste na “arte de interpretação”. A hermenêutica está presente nas diversas áreas do conhecimento humano, tais como: religião, filosofia, literatura e etc. Independente da área de estudos e sempre que houver um emissor e receptor da mensagem, a hermenêutica colocar-se-á como significativa para estabelecer uma boa comunicação entre os interlocutores.

Segundo Jean Grodin (2008), Platão (428 a.C-347 a.C) em sua obra *Íon* (535a) diz que os poetas são para nós intérpretes dos deuses; numa outra obra, *Político* (260d) Platão fala de uma arte interpretativa, ou seja, fala daqueles indivíduos que explicam os oráculos. Aristóteles (384 a.C-322 a.C) escreve um tratado que tem por título *Da Interpretação* em sua obra *Organon*, na qual o autor busca compreender a linguagem na sua relação com o pensamento, como tradutora ou intérprete deste.

Fílon de Alexandria (20 a.C. — 50 d.C)¹¹, aplicou o conceito de *alegoresis* às passagens do Antigo Testamento como forma de esclarecer passagens obscuras e aparentemente contraditórias. Por exemplo, a narrativa da criação em seis dias talvez queira nos indicar algum sentido interno ou oculto, pois como poderia ocorrer de contar os dias se o sol faz parte da criação e, este aparece apenas no quarto dia?

¹¹Cf. Obras completas de Filon de Alexandria, 1976, p. 71.

Segundo Hans von Campenhausen, Orígenes¹² (185 – 253 d.C) sob a influência do pensamento do judeu Fílon desenvolveu um Tratado sobre os princípios no qual expõe sua famosa “doutrina dos três estratos”. Para ele os textos bíblicos possuíam um significado material, psíquico e espiritual. Estes corresponderiam, respectivamente, ao sentido histórico, moral e teológico. Segundo Grodin, este tratado possibilitou o desenvolvimento do quádruplo sentido que consistia em interpretar a escritura cristã de maneira literal, moral, alegórico e escatológico.

Para a interpretação do texto bíblico, Orígenes realizou uma analogia com a tripartição constituinte do ser humano: corpo, alma e espírito. Essa concepção tripartida do homem que Orígenes adere sobrevém do texto paulino¹³ da primeira carta de apóstolo Paulo aos Tessalonicenses 5, 23 que diz: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo”¹⁴. A partir desse texto, Orígenes estende essa tripartição para todo texto bíblico, ou seja, o significado literal (somático) constituiria o corpo literal, histórico e gramatical; para o sentido anímico (psíquico), este ficaria relacionado à moral. Por fim, o sentido espiritual (pneumático e alegórico-místico) proporcionaria aos intérpretes os mistérios que a sabedoria divina inseriu sob a literalidade textual. Os três estratos¹⁵ do significado da escritura cristã obedecem à vontade de Deus para dar aos cristãos a possibilidade de progredir do visível ao invisível, do corporal às inteligíveis.

Durante a Filosofia Medieval houve um leve desenvolvimento no conceito de hermenêutica sob a influência da doutrina dos quatro significados. Talvez a versão definitiva desta doutrina tenha sido elaborada por João Cassiano (360 – 435 d.C)¹⁶, pois, segundo ele, a escritura judaico-cristã expõe quatro significados: um literário, outro alegórico, um moral e, por fim, um anagógico ou escatológico. De maneira sucinta, os quatro significados, respectivamente, estavam relacionados:

- À história literal da narrativa bíblica;
- Aquilo que se deve crer (a alegoria nos mostra onde está escondida nossa fé);

¹²Também conhecido como Orígenes de Alexandria ou mesmo Orígenes de Cesareia foi teólogo, filósofo neoplatônico e considerado um dos Pais da Igreja. Cf. **Os Pais da Igreja: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos**. Rio de Janeiro: Editora CPAD. p. 41-66.

¹³**Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2017. p. 1167.

¹⁴ Segundo a tradição cristã, a palavra ESPÍRITO significa “respiração, ar, força, vento, brisa, espírito, ânimo, humor, Espírito”. Este substantivo tem cognatos no ugarítico, aramaico e árabe. A palavra ocorre em tomo de 378 vezes e em todos os períodos do hebraico bíblico. Por sua vez, a palavra ALMA significa “alma, ego, vida, pessoa, coração”. Este é um termo muito comum nos idiomas semíticos antigos e modernos. Para maiores detalhes, conferir os termos no dicionário bíblico, **Dicionário Vine: o significado exegético das palavras do Antigo e Novo Testamentos**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2002, nas páginas 34 e 113.

¹⁵Cf. ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Editora Paulus, 2012. p. 170-175.

¹⁶Cf. GRODIN, Jean. **Introducción a la hermenéutica filosófica**. Barcelona: Editora Herder, 1999. p. 60.

- Ao que se deve fazer (o significado moral nos dá as regras para a vida cotidiana) e,
- O que devemos esperar, ou seja, aponta para a promessa a ser cumprida a respeito do fim de todas coisas referentes a este mundo: salvação dos eleitos, condenação dos reprovados, a renovação dos céus e da terra, etc.

Considerado como um grande expoente do pensamento cristão, Agostinho de Hipona (354-430 d.C) escreveu uma obra que tem por título a *Doutrina Cristã*. Nela, o Hiponense oferece alguns critérios para que os leitores superem as dificuldades das passagens ambíguas no texto bíblico. Alguns dos critérios¹⁷ são: a necessidade de conhecer as línguas em que foram escritos os textos, o conhecimento das ciências em geral (a retórica, a gramática, a filosofia, a história, a astronomia) as artes (a escultura, a pintura, a mecânica) e as instituições (as políticas e as religiosas), etc. Diferentemente de Orígenes que entendia que as escrituras somente podiam ser interpretadas alegoricamente, a atenção de Agostinho se volta para as passagens ambíguas da escritura judaico-cristã. A hermenêutica se faz necessária, segundo o bispo Hiponense, quando o leitor está diante de um texto de difícil compreensão.

Para Grodin, Martin Heidegger (1889-1976)¹⁸ realizou uma transformação na hermenêutica, transformando-a em uma forma de fenomenologia. A hermenêutica tem como principal função questionar e explicar a facticidade, ou seja, demonstrar a situação da existência humana¹⁹. Sua tarefa é a de possibilitar acesso ao ser-aí próprio, ou seja, capacidade que o indivíduo tem de pensar por si próprio enquanto este ser-aí. A hermenêutica, com Heidegger, muda de objeto, vocação e estatuto. O objeto não se restringe aos textos ou as ciências interpretativas, mas à existência mesma. Sua vocação não está mais restrita ao sentido técnico, normativo ou metodológico, mas terá uma função fenomenológica da qual deriva seu estatuto, o qual consiste em desvelar aquilo que está oculto, aquilo que não se manifesta. Este estatuto tem um caráter existencial, pelo qual o ser-aí tem a possibilidade de se autointerpretar. Segundo Grodin (2008), a hermenêutica da facticidade proposta por Heidegger tem por objeto a existência humana, compreendida como *ens hermeneuticum* (ser hermenêutico)

De acordo com Jean Grodin, Hans-Georg Gadamer (1900-2002) em sua obra *Verdade e Método* parte de uma dúvida quanto à extensão universal da ideia do método, como

¹⁷Cf. AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Editora Paulus, 2002. p. 63-91.

¹⁸Cf. RICOEUR, Paul. *Del texto a la acción*: ensayos de hermenêutica II. México: Editora Fondo de Cultura Económica. 2002. p. 83-90.

¹⁹ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. (parte 1) p. 38-41.

se este fosse o único acesso à verdade. Gadamer não questiona o método em si, o que ele quer demonstrar são os limites do método, pois sua reivindicação de monopólio poderia ocultar outras experiências da verdade e torná-las irreconhecíveis. A tarefa gadameriana é, então, precisamente recuperar essas experiências de verdade e de encontrar sua legitimação filosófica. Segundo Ricoeur²⁰, o que Gadamer se propõe realizar é reanimar o debate entre as ciências do espírito a partir da filosofia heideggeriana. A experiência central da obra gadameriana gira em torno da reivindicação de universalidade da hermenêutica. Segundo Grodin:

Esa universalidad de la lingüisticidad se desarrolla ya al principio de la tercera parte de Verdad y método, en la que se desvela la lingüisticidad como objeto y forma de realización del entender. Esta universalidad no significa que todo pueda entenderse y expresarse lingüísticamente, sino que ese exceso del tener que decir en comparación con lo que se ha dicho escasamente y con lo que ha de decirse, es lo que se halla en el corazón mismo de la hermenéutica. En su raíz, esa hermenéutica es un pensar en la finitud: en la finitud del sentido, del lenguaje y del entender (GRODIN, 2003, p. 229)²¹

A universalidade da hermenêutica consiste, se assim podemos dizer, do aspecto de pertencer, do entender o sentido da tradição. Estamos sempre "já", presentes onde temos que entender pessoas, coisas, pensamentos, vozes, experiências. A "universalização" da hermenêutica, segundo Gadamer, indica-nos uma transcendência da problemática das ciências humanas para abordar um assunto mais universal e que, por essa razão, relaciona-se à filosofia. Uma característica da universalidade hermenêutica está relacionada à compreensão e a linguística para a nossa experiência humana.

A proposta hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur consiste em que esta seja tomada não apenas como um guia metodológico para interpretações textuais, mas pressupõe uma atitude ontológica e reflexiva, pois, para Paul Ricoeur o problema da compreensão hermenêutica, só é possível por mediação dos outros (que pode ser um texto ou mesmo os outros homens). Ao dar-se conta de sua existência, o ser humano quer viver a vida e não somente que ela passe por ele, vivência esta construída na relação com o mundo e com os outros.

²⁰Cf. HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. (parte 1) p. 90.

²¹Essa universalidade da linguística se desenvolve ao princípio da terceira parte de Verdad e Método, no que se desvela a linguística como objeto e forma de realização do entender. Esta universalidade não significa que tudo possa entender e expressar-se linguisticamente, senão que esse excesso do ter que dizer em comparação com o que se tem dito escassamente e com o que tem de se dizer, é o que se encontra no coração mesmo da hermenêutica. Em sua raíz, essa hermenêutica é um pensar na finitude: na finitude do sentido, da linguagem e do entender (GRODIN, 2003, p. 229) (tradução nossa)

De maneira breve expomos na visão de Jean Grodin a preocupação de vários filósofos e teólogos em elaborar um conceito de hermenêutica que possibilitasse a clareza na compreensão e interpretação ante a polissemia de significados daquilo que sempre fazemos e realizamos diante de qualquer expressão textual. Paul Ricoeur mediante sua hermenêutica busca ampliar a questão de interpretação de textos, ele quer demonstrar que a interpretação não se restringe apenas a critérios de análise hermenêutica, mas se estende à ação humana. No segundo capítulo veremos qual a tarefa da hermenêutica, segundo Ricoeur.

Neste primeiro capítulo apresentamos como a hermenêutica está presente em nosso dia a dia. Também elaboramos um breve percurso pela história do desenvolvimento da hermenêutica e os seus principais teóricos. Destacamos a importância que a hermenêutica possibilita ao auxiliar o alunado no aprender a aprender, a aprender a fazer, a aprender a viver e a aprender a ser. Apresentamos também de maneira introdutória a perspectiva hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur.

2 A TAREFA DA HERMENÊUTICA SEGUNDO PAUL RICOEUR

2.1 O SIGNIFICADO DE TEXTO PARA PAUL RICOEUR

No ensaio *¿Qué es un texto?*²², Paul Ricoeur traz a lume duas atitudes fundamentais que podemos tomar diante de um texto: explicar e compreender. Estas atitudes foram abordadas no fim do século XIX e início do XX por Wilhelm Dilthey²³. Para este autor, explicar denotava o modelo de inteligibilidade tomado pelas ciências naturais e por extensão, também, era aplicado às ciências históricas. Por sua vez, a interpretação implicava um modelo de compreensão, que era adotado pelas ciências do espírito, como característica fundamental para se distinguir do modelo das ciências naturais.

Segundo Paul Ricoeur (2002), o debate entre explicar e compreender se refere à epistemologia e a ontologia, ou seja, o debate estaria entre reflexão sobre a natureza, o conhecimento e suas relações entre o sujeito e o objeto e a que considera o ser em si mesmo, na sua essência, independentemente do modo em que se manifesta. Para ele, o debate inicia por uma simples análise de nossa maneira de pensar e de falar sobre as coisas. A questão é a de saber se as ciências, sejam as naturais ou as do espírito, constituem um conjunto contínuo, homogêneo e unitário, ou se há a possibilidade de um eventual corte epistemológico entre elas. Os termos explicar e compreender, respectivamente, correspondem: a explicação ao modelo de inteligibilidade recebido das ciências da natureza e estendido às ciências históricas pelas escolas positivistas e fazia da interpretação uma forma derivada da compreensão, na qual ele via a atitude fundamental das ciências do espírito, a única capaz de respeitar a diferença fundamental entre estas ciências e as ciências da natureza.

De acordo com Ricoeur (2002, p. 127), ao fazer a distinção entre explicar e compreender, o intuito de Dilthey era dotar as ciências do espírito (a história, a filosofia, a sociologia, o direito) de uma metodologia tão respeitável quanto a das ciências da natureza (a biologia, a química e a física), pois estas têm por fundamentação o suporte empírico da validade e o rigor lógico demonstrativo para comprovar e certificar as leis da natureza. Paul Ricoeur percebe que há complementaridade entre os conceitos: explicar, das ciências da natureza, e o compreender, das ciências do espírito. Para ele, a dialética entre explicar e compreender não constituiriam polos opostos de uma relação de exclusão, senão momentos

²²Cf. RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenéutica II. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 127-148.

²³*Ibid.* p. 78.

relativos de um processo que se pode chamar de interpretação. Para esclarecer esta complementaridade, ele a iniciou por responder a partir desta pergunta basilar: *¿qué es un texto?*

Para responder à pergunta formulada ao final do parágrafo anterior talvez possa ser dito que o texto seja todo discurso ou fala fixado pelo texto. Mas o que isto quer dizer? Que relação pode haver entre o texto com o discurso da fala? O que se entende por fala? Ricoeur resgata aquilo que falou Ferdinand de Saussure²⁴: a realização de uma língua é um evento discursivo, é a produção de um discurso singular por um falante singular. Daí que cada texto encontra sua relação com a língua na mesma proporção de realização da fala e do discurso. O texto, portanto, é posterior à fala, destinando-se, àquela a fixar-se por meio de caracteres as articulações da oralidade.

Portanto, se a anterioridade da fala ao texto, perguntemos: será que a aparição do texto não terá provocado alguma mudança radical na relação que mantemos com os enunciados do nosso discurso? O que é fixado no texto é um discurso que pode ser dito, fixação esta que toma o lugar da fala. Daí perguntarmos, se o texto não é verdadeiramente texto quando não se limita a transcrever uma fala anterior, senão quando inscreve diretamente na letra o que quer dizer o discurso?

Ao fazer esta pergunta Ricoeur tem em vista mostrar que a ideia de relação entre querer dizer do enunciado e a escrita é trazer a importância da função da leitura a respeito do texto. E por qual finalidade? É a de demonstrar que a leitura nos permite introduzir o conceito de interpretação. O leitor assume a posição de interlocutor, enquanto que a escritura tem o lugar do falante. Mas eis que surge algo insólito, Paul Ricoeur diz que a relação escrever-ler difere de a relação falar-responder, pois escrever-ler se refere à escrita e ao possível destinatário, enquanto que falar-responder diz respeito ao locutor e ao interlocutor. Não basta dizer que a leitura se assemelha a um diálogo com o autor mediante sua obra. A relação do leitor com o livro assume uma postura distinta. E, por quê? Ricoeur assim afirma:

El diálogo es un intercambio de preguntas y respuestas, no hay intercambio de este tipo entre el escritor y o lector; el escritor no responde al lector; el libro separa más bien en dos vertientes el acto de escribir y el acto de ler que no comunican; el lector está ausente en la escritura y el escritor está ausente em la lectura. El texto produce así um doble ocultamento: del lector y del escritor, y de esta manera sustituye la relación que une inmediatamente la voz de uno con el oído del otro (RICOEUR, 2002, p. 128-129)²⁵

²⁴Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, p. 26-28.

²⁵“O diálogo é uma troca de perguntas e respostas, não há troca deste tipo entre o escritor e o leitor; o escritor não responde ao leitor; o livro separa em dois aspectos o ato de escrever e o ato de ler que eles não comunicam; o leitor está ausente por escrito e o escritor está ausente na leitura. O texto produz assim uma dupla

Para Ricoeur, a relação de leitura que há entre o leitor e a obra se difere da relação de elaboração da obra pelo autor, pois quando o leitor tem em mãos a obra de determinado autor, esse não mais pode responder, restando tão somente a leitura, a compreensão e a interpretação de sua obra. Essa distinção que Ricoeur estabelece entre ato de leitura e ato de elaboração confirma sua hipótese de que a escrita é uma realização comparável à fala, ela se assemelha ao falar. Razão pela qual se pode dizer que a escrita consiste no discurso enquanto intenção de dizer. Sendo assim, Paul Ricoeur (2002) questiona: *¿Qué sucede con el enunciado mismo cuando se lo inscribe directamente em lugar de pronunciarlo?*²⁶ A resposta para essa questão é a de que a escritura conserva o discurso, convertendo-o em um arquivo de dados para a memória coletiva e individual, possibilitando a formação da(s) identidade(s) das pessoas e dos povos.

Ao possibilitar a transcrição da fala em escrita foi possível aumentar sua conservação e eficácia. Isso contribuiu para o surgimento nas relações de linguagem e mundo tanto quanto nas relações entre linguagem e as subjetividades, do autor e a do leitor. Para Ricoeur, esta alteração surge quando da distinção entre leitura e diálogo. Ele diz que esta modificação “alcanza a la relación referencial del lenguaje com el mundo cuando el texto toma el lugar del habla”²⁷. Então, o que é que podemos entender por relação referencial ou por função referencial? Segundo Paul Ricoeur, consiste naquilo que o sujeito do discurso afirma algo sobre algo, ou seja, aquilo sobre o que se fala é o referente de seu discurso. A função referencial está presente no diálogo, que é a primeira e mais simples unidade do discurso e, que tem o objetivo de dizer algo. Segundo Ricoeur (2002), “todo discurso se encuentra así vinculado, en alguna medida, al mundo, pois si no se habla del mundo, de qué hablaríamos?”²⁸

Quando o texto substitui o diálogo, algo de fundamental é deixado de lado. Numa situação dialogal, os falantes estão em presença mútua, vivenciam o mesmo ambiente. O meio circunstancial favorece plenamente o diálogo, pois a realidade pode ser mostrada em torno

dissimulação: do leitor e do escritor, e assim substitui a relação que imediatamente une a voz de um com o ouvido do outro” (RICOEUR, 2002, p. 128-129) (tradução nossa)

²⁶“O que acontece à declaração em si quando é escrita diretamente em lugar de pronunciar-la?” (RICOEUR, 2002, p.129). O “em si” da citação anterior não tem nada a ver com a “coisa em si” kantiana. O “em si” diz respeito ao discurso ou a declaração de um locutor ao afirmar ou negar determinada proposição. (tradução nossa)

²⁷“Atinge a relação referencial da linguagem com o mundo quando o texto toma o lugar da fala” (RICOEUR, 2002, p.129). (tradução nossa)

²⁸“Todo o discurso se encontra assim vinculado, em alguma medida, ao mundo, mas se não se fala sobre o mundo, sobre o que falaríamos?” (RICOEUR, 2002, p. 130). (tradução nossa)

dos interlocutores. A linguagem está bem assegurada para fornecer uma clareza na conversação: os demonstrativos, os advérbios de tempo e de lugar, os pronomes pessoais, os tempos verbais, de forma geral, é possível utilizar todos os indicadores dêiticos. O professor Dr. Sérsi Bardari em seu artigo intitulado *A função dos dêiticos na organização do texto* diz o seguinte a respeito dos indicadores dêitico: o termo ‘dêixis’, do qual deriva o adjetivo “dêitico”, é empregado para designar a função que os pronomes pessoais e demonstrativos, as formas gramaticais que indicam tempo, inúmeras palavras e uma variedade de outras formas linguísticas desempenham ao fazer referência à situação de produção dos gêneros textuais, sejam estes nas modalidades oral ou escrita. Instrumentos linguísticos responsáveis pela coesão, os dêiticos funcionam também no sentido de enriquecer o sentido do texto. Isto porque, além de asseguraram uma ligação entre os elementos que ocorrem na superfície textual, fazem referência à situação de enunciação, constitutiva do sentido dos enunciados (BARDARI, 2011, p. 01). Os dêiticos servem para dar suporte ao diálogo entre os interlocutores na realidade circunstancial que rodeia a instância do discurso. Segundo Ricoeur:

Así en el habla viva, el sentido ideal de lo que se dice se inclina hacia la referencia real, hacia aquello sobre lo cual se habla. En el límite, esta referencia real tiende a confundirse con una designación ostensiva donde el habla se une al gesto de mostrar, de hacer ver. (RICOEUR, 2002, p. 130)²⁹

À medida que o texto substitui a fala, já não existe, estritamente falando, uma relação dialógica, ao menos num sentido de autodesignação como ocorre na fala, na instância do discurso. Estabelecida essa dissonância entre o texto e a fala, isso possibilita o fenômeno de primeira leitura, ou seja, o leitor tem diante de si apenas o texto para lê. Porém, esta leitura traz em si os problemas que estão relacionados à explicação e interpretação, relações estas que ocorrem mediante a leitura.

Paul Ricoeur ao elaborar uma teoria do texto, ele demonstra que ela está estruturada em cinco temas interligados, que juntos formam uma noção progressiva de distanciamento. O primeiro diz respeito à realização da linguagem como discurso, pois o discurso oral possui uma categoria absolutamente primária de situação, sendo a condição de possibilidade de uma

²⁹“Assim, na fala viva, o sentido ideal do que é dito se inclina para a referência real, em direção àquilo sobre o qual ela é falada. No limite, esta referência real tende a confundir-se com uma designação ostensiva em que a fala se une ao gesto de mostrar, de fazer ver” (RICOEUR, 2002, p. 130). (tradução nossa)

dialética³⁰ entre evento e significado. Ao se referir sobre o caráter primário da linguagem como discurso, Ricoeur tem em mente aquilo que ocorre no momento do diálogo. O segundo, o discurso oral não consiste em uma simples oração ou ato de fala, mas da organização desta, ou seja, o discurso está organizado a partir de três elementos: composição, um estilo individual e pertença a um gênero. O terceiro tema trata da autonomia do texto, o qual não mais coincide com a intenção do autor, assim como, o leitor não é o interlocutor da situação dialogal. No quarto tema a escritura possibilita a liberação do discurso da referência imediata a um mundo comum pressuposto pelo diálogo e, conseqüentemente, abre a um mundo próprio, ou seja, no mundo da obra. Por fim, o quinto tema é apresentado o discurso como mediação para compreensão de si mesmo³¹, ou seja, mediante a leitura do texto, o leitor tem a possibilidade de ir compreendendo cada vez mais a si mesmo em comparação àquilo que é dito na obra.

A compreensão de nós mesmos, conforme Ricoeur, é mediada pelas narrativas ficcionais ou históricas, pois as obras literárias possibilitam a formação da identidade do ser humano à medida em que este se apropria do mundo do texto. Além disso, o ser humano se torna o narrador, coautor e personagem de sua própria história quando a ele é perguntado: quem ele é?

Do exposto no parágrafo anterior, o mesmo não ocorre quando o texto substitui o discurso. A pretensão de Paul Ricoeur consiste em mostrar que o texto possui referente, isto é, possui referência à semelhança do discurso falado. Esta tarefa, segundo Ricoeur, realizar-se-á mediante a leitura como interpretação que consiste em efetuar a referência do texto. O texto parece estar suspenso no ar, fora do mundo ou mesmo sem mundo. Por se encontrar nesta situação de obliteração em relação ao mundo, cada texto fica livre para entrar em relação ou mesmo substituir a realidade circunstancial mostrada possibilitada no ato dialogal. Nesta relação de texto a texto, na desapareição do mundo circunstancial sobre o qual se fala, é engendrado o quase-mundo dos textos, ou seja, a literatura. Para Ricoeur:

³⁰Segundo Nicola Abbagnano, o termo DIALÉTICA não possui unívoco, mas pode ser distinguido em quatro significados fundamentais: 1º D. como método da divisão; 2º D. como lógica do provável; 3º D. como lógica e 4º D. como síntese dos opostos. O termo por nós utilizado está relacionado a quarta concepção apresentada por Abbagnano, ou seja, a de que a dialética consiste na síntese dos opostos. Cf. ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 315-322.

³¹A compreensão de si mesmo nos remete ao “conhece-te a ti mesmo” socrático. A compreensão de nós mesmos, segundo Ricoeur, provém das narrativas que nos constituem. Por exemplo, a comunidade judaica formou sua identidade a partir da recepção que ela mesma produziu, ou seja, a Torá e o Talmude. Desta maneira, são elas que formam nossa identidade, da qual Ricoeur chama de identidade narrativa, pois responder à questão, *quem?*, é certamente contar uma história de uma vida. Entre diversos tipos de narrativas destacamos: as narrativas históricas e as de ficção. *Tempo e Narrativa III*. São Paulo: Editora Papirus, 1997. p. 315-334.

Este ocultamiento del mundo circunstancial por el cuasimundo de los textos puede ser tan completo que el mundo mismo, en una civilización de la escritura, deje de ser lo que se puede mostrar al hablar y se reduzca a esta suerte de aura que despliegan las obras. Así hablamos del mundo griego, del mundo bizantino (RICOEUR, 2002, p. 131)³²

Este quase-mundo do texto, segundo Ricoeur, podemos classificá-lo como mundo imaginário, no sentido de está presente no texto, do qual substitui o mundo presenciado no momento do diálogo. A este mundo imaginário é uma criação literária, ou como diz Paul Ricoeur, “es un imaginario literario”.

O texto possui uma unidade superior à oração, ou seja, enquanto que esta permanece isoladamente, aquele, ao ser constituído estruturalmente por diversas orações, forma-se uma obra, a qual constitui para Ricoeur como uma expansão da primeira unidade de significação atual que é a oração. Enquanto unidade linguística, o texto é explorado pelo ato de narrar sob diversas formas. Desta forma, o discurso escrito consiste em um processo acumulativo, com uma estrutura específica (narrativo, descritivo, argumentativo e injuntivo³³), diferente da que caracteriza a oração.

O texto constitui uma elaboração subjetiva para desvelar o mundo, seja para descrever, refazer, confirmar ou negá-lo. O texto enquanto escritura se caracteriza por meio de composições de orações em forma de relato, poema, ensaio, etc. De acordo com Ricoeur:

Gracias a la escritura, el discurso adquiere una triple autonomía semántica: en relación a la intención del hablante, en relación al público primitivo y las circunstancias económicas, sociales y culturales de su producción. En este sentido, la escritura se libera de los límites del diálogo cara a cara y se convierte en condición de devenir texto del discurso (RICOEUR, 2002 p. 33)³⁴

³²“Este ocultamento do mundo circunstancial pelo quase-mundo dos textos pode ser tão completo que mundo mesmo, em uma civilização da escritura, deixe de ser o que pode ser mostrar ao falar e se reduza a esta sorte de aura que se desdobra nas obras. Assim falamos do mundo grego, do mundo bizantino”. (RICOEUR, 2002, p. 131). (tradução nossa)

³³ É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor. Ex.: “Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas.” Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor (“amarre”, “coloque”, “endireite”). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor. FIGUEIREDO, Adriana. **Gramática comentada com interpretação de textos para concursos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2015. p. 569.

³⁴“Graças à escritura, o discurso adquire uma tripla autonomia semântica: em relação a intenção do falante, em relação ao público primitivo e as circunstâncias econômicas, sociais e culturais de sua produção. Neste sentido, a escrita se libera dos limites do diálogo face a face e se converte em condição de se tornar texto do discurso” (RICOEUR, 2002, p. 33). (tradução nossa)

Do que foi dito sobre o texto, ele parece produzir dois tipos de liberação. A primeira, o texto assume o lugar da fala. Ela constitui o discurso em sua intenção de dizer. O surgimento do texto possibilita e conserva o discurso; e, permite torná-lo como um arquivo para a memória individual e coletiva. A segunda corresponde as implicações e relações que o texto tem na construção das subjetividades dos leitores.

Para Paul Ricoeur (2002), quando o texto assume o lugar da fala ocorre um transtorno na relação referencial da linguagem com o mundo, pois a função referencial está presente na oração, sendo esta a principal unidade do discurso. Daí que a função referencial está vinculada ao mundo, do contrário, de que falaríamos? O texto possui referência. Nisto consistirá a tarefa da leitura como interpretação, ou seja, ela tem de efetuar a referência. Por esta razão, o mundo do texto está livre para entrar em relação com outros textos, que tomaram o lugar da realidade circunstancial apresentada pela fala.

A dinâmica interna que rege a estruturação do texto consiste na explicação estrutural que possibilita compreendê-lo a partir de sua própria lógica interna como um conjunto de signos justapostos. Por isso, se torna possível realizar combinações várias pelas quais os acontecimentos se transformam em obras literárias.

2.2 RECONSTRUÇÃO DINÂMICA DO MUNDO DO TEXTO

Se a tarefa da hermenêutica constitui a reconstrução dinâmica do mundo do texto e da restituição da capacidade de a obra projetar-se ao exterior mediante a representação de um mundo habitável, qual a proposta de Ricoeur para tornar possível essa tarefa realizável? A resposta está na dialética que ele postulou entre compreensão e explicação. Para Paul Ricoeur, a explicação designa a tese da não diferenciação, da continuidade epistemológica entre ciências naturais e ciências do espírito, enquanto que o termo compreensão especifica uma irreduzibilidade e especificidade das ciências do espírito. Ricoeur, então, busca superar esta dicotomia demonstrando que ambas pode ser complementares.

Como obra, o texto possui consistência própria: pertence a um gênero, marcado por um estilo, um autor e suas estruturas linguísticas. Graças à escrita, o texto alcança definitivamente sua própria autonomia. Nele aparece um sentido e desaparece a intimidade psicológica do autor: não há mais um cara a cara que permitia avançar, através da pergunta e da resposta, para aquilo que o diálogo possibilita, que é a explicitação e compreensão da conversação.

O texto ao ser constituído num discurso fixado pela escrita, isso possibilitou um duplo ocultamento: do autor e do leitor. Este está ausente na escritura, assim como o autor está ausente na leitura. Não apenas isso, o texto assume o lugar da fala, substituindo a relação dialogal entre um e outro. Restando apenas a obra do autor. Por essas razões, o texto nos convida a interpretar uma proposta de mundo. Mundo este que por nós pode ser habitado e no qual podemos projetar nossas possibilidades mais próprias.

Na leitura textual há duas atitudes que podemos tomar ao lermos um texto: ou o explicamos, à maneira do pesquisador naturalista; ou o interpretamos, à maneira do historiador. O pesquisador naturalista tem diante de si os objetos oferecidos à observação e submetida a matematização e a lógica indutiva. Por sua vez, interpretar à maneira do historiador consiste em buscar compreender as individualidades psíquicas. Para Ricoeur, Não podemos ficar “presos” meramente à explicação estrutural do texto e nem ficarmos em busca apenas da intenção do autor do texto, por isso, ele diz haver uma complementaridade entre essas duas atitudes.

Segundo Ricoeur, há a necessidade de superar a oposição entre compreensão e explicação. Oposição que foi estabelecida pelo filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão, Wilhelm Dilthey. Para este, a interpretação seria uma província da compreensão, ou seja, a hermenêutica seria a arte de compreender registros, manifestações e monumentos cujo caráter distintivo consistiria na escritura.

Para Ricoeur, a tarefa da interpretação não é buscar uma norma de inteligibilidade na compreensão do outro, ou seja, encontrar o psiquismo e a subjetividade do autor. Daí ele entender ser necessário uma complementaridade na relação de interpretação com a explicação.

Diante disso, duas alternativas são possíveis: levantar a suspensão do texto, ou seja, considerá-lo autônomo em relação ao autor que o produziu e restituí-lo à comunicação viva com o qual o interpretamos; tratá-lo como sem mundo e sem autor, explicando-o por suas relações internas. Essas duas alternativas estão vinculadas à leitura.

O momento explicativo em relação ao texto realizado por meio da análise estrutural consiste na composição de elementos – substantivo, verbo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, preposição, conjunção, interjeição e advérbio – capazes de entrar em coesão com outros elementos, possibilitando, então, coesão e coerência textual. Esta observação é legítima, segundo Ricoeur, e nos autoriza a pensar que o modelo explicativo-estrutural não esgota o campo das atitudes possíveis em relação a interpretação do texto. De acordo com Ricoeur:

La hipótesis de trabajo de todo análisis estructural de textos es la siguiente: a pesar de que la escritura está del mismo lado que la habla en relación a la lengua, del lado del discurso, la especificidad se basa en categorías estructurales susceptibles de ser tratadas como análogos de la lengua en el discurso. Esta hipótesis es perfectamente legítima: consiste en decir que, en ciertas condiciones, las grandes unidades del lenguaje, es decir, las unidades de nivel superior a la oración, ofrecen organizaciones comparables a las de las pequeñas unidades del lenguaje, es decir, las unidades de nivel inferior a la oración, aquellas que son precisamente de las que se ocupa de la lingüística (RICOEUR, 2002, p. 136)³⁵

O texto se constitui numa unidade linguística, a qual é intencionalmente elaborado por um autor, a partir de uma situação comunicativa específica e com um propósito específico. O texto possui estruturas semânticas (ideias organizadas), umas estruturas sintáticas (organização formal dessas ideias) e estruturas comunicativas ou pragmáticas (relações entre os elementos da comunicação). A análise de texto permite ao leitor desenvolver competência e habilidade que o auxiliarão para ampliar sua capacidade em analisar diferentes tipos e gêneros textuais.

Ricoeur propôs outra hipótese: a de que a explicação já não constitui um conceito tomado das ciências naturais, mas surge da esfera da linguagem. Assim, explicar e interpretar se encontram em debate sobre o mesmo terreno, ou seja, no interior mesmo da linguagem. Desta forma, Ricoeur nos diz que:

Esta transposición de un modelo lingüístico a la teoría del relato comprueba exactamente nuestra observación inicial: actualmente la explicación ya no es un concepto tomado de las ciencias naturales y transferido a un dominio ajeno, de los monumentos escritos, sino que nace de la propia esfera del lenguaje, por transferencia analógica de las pequeñas unidades de la lengua (fonemas y lexemas) a grandes unidades superiores de la oración, como el relato, el folclore y el mito. A partir de esto, la interpretación, si aún es posible darle un sentido, ya no será confrontada con un modelo exterior de las ciencias humanas; se está debatiendo con un modelo de inteligibilidad que pertenece de nacimiento, si se puede decir, al dominio de las ciencias humanas y a una ciencia de vanguardia de este campo: la lingüística (RICOEUR, 2002, p. 139-140)³⁶

³⁵“A hipótese de trabalho de toda análise estrutural de textos é a seguinte: apesar de que a escritura está do mesmo lado que a fala em relação a língua, do lado do discurso, a especificidade se baseia em categorias estruturais suscetíveis de ser tratadas como análogos da língua no discurso. Esta hipótese é perfeitamente legítima: consiste em dizer que, em certas condições, as grandes unidades da linguagem, isto é, as unidades de nível superior a oração, oferecem organizações comparáveis as das pequenas unidades da linguagem, isto é, as unidades de nível inferior a oração, aquelas que são precisamente das que se ocupa da lingüística” (RICOEUR, 2002, p. 136) (tradução nossa)

³⁶“Esta transposição de um modelo lingüístico à teoria do relato comprova exatamente nossa observação inicial: atualmente a explicação já não é um conceito tomado das ciências naturais e transferido a um domínio alheio, dos monumentos escritos, senão que nasce da própria esfera da linguagem, por transferência analógica das pequenas unidades da língua (fonemas e semantema) a grandes unidades superiores da oração, como o relato, o folclore e o mito. A partir disto, a interpretação, se ainda é possível dar-lhe um sentido, já não será confrontada com um modelo exterior das ciências humanas; se está debatendo com um modelo de inteligibilidade que

A leitura se torna possível devido o texto não estar fechado, mas espera e reclama para ser lido. A leitura constitui, então, na articulação de um discurso novo ao discurso do texto. Por seu caráter aberto, o texto possibilita uma capacidade originária de continuação. A interpretação não mais está em oposição à explicação, ela ganha novo impulso por adquirir uma característica de “apropriação”.

O conceito de apropriação possui duas categorias. A primeira é que uma das finalidades de toda hermenêutica é lutar contra a distância cultural, ou seja, a tarefa da hermenêutica consiste em possibilitar a compreensão e interpretação de um determinado texto escrito há mais de vinte séculos, de uma cultura totalmente diversa da nossa, a brasileira. Luta que se pode compreender em termos puramente temporais, tais como o distanciamento secular, ou em termos hermenêuticos, trata do distanciamento do sentido mesmo, do sistema de valores sobre o qual o texto foi produzido. Neste sentido, a interpretação aproxima, iguala, converte em contemporâneo e semelhante, o qual é verdadeiramente fazer próprio o que em princípio era estranho. Assim:

Al caracterizar la interpretación como apropiación, se quiere destacar el carácter actual de la interpretación: la lectura es como una ejecución de una partitura musical; marca la realización, la actualización, de las posibilidades semánticas del texto. [...] el texto tenía un solo sentido, es decir, relaciones internas, una estructura; ahora tiene un significado, es decir, una realización en el discurso propio del sujeto que lee. Por su sentido, el texto tenía una sola dimensión semiológica; ahora tiene, por su significado, una dimensión semántica (RICOEUR, 2002, p. 141-142)³⁷

Interpretar, então, consiste em seguir o texto. Este dá uma interpretação e o exegeta é posto na direção indicada pelo texto. A ideia de interpretação como apropriação fica ao término do processo, no extremo do arco hermenêutico, pois este é último pilar da ponte, a base no solo do vivido. O processo de compreensão do texto culmina no ato de apropriação ou atualização, como está descrito no arco hermenêutico³⁸.

O ato de compreender como o de explicar constituem dois momentos, que Ricoeur chama de o processo de compreensão. Processo este que se inicia numa leitura ingênua. Trata-

perence de nascimento, se se pode dizer, ao domínio das ciências humanas e a uma ciência específica deste campo: a linguística” (RICOEUR, 2002, p. 139-140) (tradução nossa).

³⁷“Ao caracterizar a interpretação como apropriação, se quer destacar o caráter atual da interpretação: a leitura é como uma execução de uma partitura musical; marca a realização, a atualização, das possibilidades semânticas do texto. [...] o texto tinha um só sentido, isto é, relações internas, uma estrutura; agora tem um significado, isto é, uma realização no discurso próprio do sujeito que lê. Por seu sentido, o texto tinha uma só dimensão semiológica; agora tem, por seu significado, uma dimensão semântica” (RICOEUR, 2002, p. 141-142) (tradução nossa).

³⁸ Cf. o tópico 3.3.4 Aplicação da proposta hermenêutica ricoeuriana aplicada ao texto. p. 73.

se de uma pré-compreensão que antecipa o sentido do texto, ou seja, o leitor lê o texto primeiramente a partir do que ele já conhece. Neste momento tem um importante papel a intuição, a experiência e a cosmovisão do leitor. O segundo momento tem como característica a validação ou não da fase anterior por intermédio da exegese. A definição dada por Ricoeur à exegese consiste numa prática teórica que busca reconstruir o significado do “mundo do texto”. Este momento possibilita a eliminação de pré-juízos que impedem uma interpretação do texto, aproxima o que estava distante, tornando-o próprio do leitor, ou seja, incorpora o mundo do texto ao mundo do leitor.

O texto requer ser atualizado devido o seu grande potencial. A apropriação não é arbitrária, pois o dizer do hermenauta constitui um re-dizer, que reativa o dizer do texto. Durante a leitura se opõe e se conciliam a todo instante a explicação e interpretação. A leitura textual consiste na mediação pela qual compreendemos a nós mesmos, pois o compreender é compreender-se ante o texto.

O caráter de apropriação, como a entende Ricoeur, possibilita uma interpretação de si do sujeito, no qual este se compreende melhor, se compreende de outra maneira ou mesmo, começa a compreender-se. Compreensão que deixa de ser uma constituição da qual o sujeito teria a chave absoluta e um protagonismo absoluto na interpretação. Desta forma, nos assinala Paul Ricoeur:

Lo que finalmente me aproprio es una proposición de mundo, que no está detrás del texto, como si fuera una intención oculta, sino delante de él, como lo que la obra desenrolla, descubre, revela. A partir de esto, comprender es comprenderse ante el texto. No imponer al texto la propia capacidad finita de comprender, sino exponerse al texto y recibir de él un yo más vasto, que sería la proposición existencial que responde de manera más apropiada a la proposición de mundo. La comprensión es, a continuación, todo lo contrario de una constitución cuya clave estaría en posesión del sujeto. Con respecto a esto sería más justo decir que el yo está constituido por la cosa del texto (RICOEUR, 2002, p. 141-142)³⁹

O texto tem como finalidade ser uma via para compreensão do *cogito*⁴⁰. Ricoeur que fora muito influenciado pela tradição reflexiva⁴¹, continuou crítico a todo idealismo, a

³⁹“O que finalmente me aproprio é uma proposição de mundo, que não está detrás do texto, como se fora uma intenção oculta, senão adiante dele, como o que a obra desenrola, descubre, revela. A partir disto, compreender é compreender-se ante o texto. Não impor ao texto a própria capacidade finita de compreender, senão expor-se ao texto e receber dele um eu mais vasto, que seria a proposição existencial que responde de maneira mais apropriada a proposição de mundo. A compreensão é, a continuação, todo o contrário de uma constituição cuja chave estaria em posse do sujeito. Com respeito a isto seria mais justo dizer que o eu está constituído pela coisa do texto” (RICOEUR, 2002, p. 141-142) (tradução nossa).

⁴⁰É interessante notar que Ricoeur faz uma discussão importante sobre duas subjetividades fundamentadas na ideia do cogito. No prefácio de sua obra *Si mesmo como outro*, Ricoeur contrapõe duas ideias distintas sobre o cogito: a primeira vem de Descartes (1596-1650), o qual defendia a ideia de um cogito exaltado, capaz de um

qualquer consensualismo que exalte o sujeito racional ou reflexivo como detentor do significado. Para ele, o sujeito compreende-se pela mediação dos textos.

2.3 A PROPOSTA RICOEURIANA PARA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

O texto, como escritura, “espera” e necessita ser lido. A leitura só é possível porque o texto não está cerrado em si mesmo, mas está aberto a novas releituras. Ricoeur aponta duas maneiras de ler um texto. A primeira é a de uma atitude explicativa, a qual o leitor expõe como o texto está estruturado, por exemplo, de que tipo e gênero ele pertence. A segunda diz respeito a articulação de um discurso novo ao discurso do texto, ou seja, a partir da (re)leitura textual o leitor elabora uma nova maneira de redizer o que está escrito no texto. Por seu caráter aberto a possibilidades de releituras a interpretação consiste no cumprimento concreto desta articulação e de uma continuação.

O próprio texto nos orienta dentro dele mesmo possibilitando descobrir as dimensões do “mundo do texto”. Sua função vai mais além do que assinalar e mostrar o que já existe, neste sentido, transcende a função da referência aparente vinculado à linguagem falada. Esta ao ser transposta para a linguagem escrita necessita ser explicado. Razão pela qual é de suma importância saber que este dizer do fazer pode ser apreendido em vários níveis: nível dos conceitos postos em jogo na descrição da ação; no nível das proposições de onde a própria ação chega a enunciar-se; e, no nível dos argumentos em que se articula uma estratégia da ação.

O texto constitui um paradigma à ação humana, ele apresenta uma maneira de ver e agir como possibilidades aos homens. A ação por sua vez se torna um quase-texto, ao se inscrever no curso das coisas, tornando-se arquivo e documento⁴². Não só isso, mas a ação

conhecimento claro e distinto; a segunda ideia de cogito vinha de Nietzsche (1844-1900), este denunciou as ilusões de toda filosofia do sujeito. Para Nietzsche, o que restava era um cogito “quebrado”, ou seja, assumir a fenomenalidade do mundo constitui uma ilusão que dissimula o jogo do artifício da ordem. É postular uma unidade completamente arbitrária, ficção chamada de “pensar”, separada da exuberante multiplicidade dos instintos. É imaginar um “substrato de sujeito”. Cf. RICOEUR, Paul. **O si mesmo como outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

⁴¹ Na obra *Del texto a la acción*, 2002, p. 27, Ricoeur nos diz que a tradição filosófica a qual ele pertence: a filosofia reflexiva, se encontra na esfera da fenomenologia husserliana e pretende ser uma variante hermenêutica dessa fenomenologia. Segundo Ricoeur, os problemas filosóficos abordados pela filosofia reflexiva são: a possibilidade de compreensão de si mesmo como sujeito das operações cognoscitivas, volitivas, estimativas, etc. Ainda segundo Ricoeur, a fenomenologia em seu exercício concreto nos remete à intencionalidade, ou seja, a consciência é sempre consciência de algo, ou seja, o fenômeno mental se dirige a um objeto, que pode ser real ou imaginário.

⁴² A elaboração de diversos textos nos séculos I, II, e III referente ao personagem Jesus Cristo consiste num exemplo significativo, pois muitos empreenderam interpretações divergentes sobre as ações daquele personagem. Cf. COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das

humana pode reinscrever-se em outros contextos. A ação humana ao se assemelhar a um texto, torna-se uma obra aberta, dirigida a uma diversidade de leitores. Tomemos como exemplo o personagem principal, Jesus Cristo, dos textos dos quatro evangelhos contido na escritura cristã, a Bíblia. No evangelho de Mateus, Jesus é retratado como “filho de Davi” que ocuparia o trono de Israel; Em Marcos, Jesus é apresentado como aquele que veio resgatar as almas perdidas; Lucas, por sua vez, enfatiza a humanidade de Jesus; e, João demonstra ser Jesus, o próprio Deus em forma humana. Ambos os autores dos evangelhos possuíam seus objetivos ao descrever aspectos da pessoa de Jesus.

Textos como a tragédia e a poética têm como referência a ação humana, pois as obras literárias possibilitam ao ser humano modificar suas ações a partir do “mundo do texto” ali descrito. Por esta razão, analogamente em numeráveis situações a ação se deixa tratar com um texto. A isto se refere Ricoeur ao dizer que:

La acción constituye una parte de la situación de transacción que circula de un agente a otro, exactamente del mismo modo que el lenguaje hablado queda prisionero en el proceso de interlocución o, si se puede emplear el término, de translocación. [...] la acción misma, la acción significativa, se puede convertir en objeto de la ciencia sin perder su carácter de significancia gracias a un tipo de objetivación semejante a la fijación que se produce en la escritura. Mediante esta objetivación, la acción ya no es una transacción la cual aún pertenecerá el discurso de la acción. Es una configuración que debe interpretarse de acuerdo con sus conexiones internas (RICOEUR, 2002, p. 141-142)⁴³

Para Ricoeur, a ação tem a mesma estrutura do ato locucionário, um conteúdo proposicional que se pode identificar e re-identificar. Uma categoria que torna possível transpor a noção de fixação da esfera do discurso à ação consiste no estatuto ontológico dos verbos de ação. Há certos verbos de ação que possibilitam identificar um sujeito como agente da ação, tais como: pensar, crer, andar, correr, entre outros.

Paul Ricoeur chamou de a “estrutura noemática” da ação o que se pode fixar e deprender do processo de interação do indivíduo e o meio em que está inserido. Esta ação pode, então, se tornar objeto passível de ser interpretado. O *noema* não possui apenas um conteúdo proposicional, mas apresenta outras categorias ilocucionárias muito semelhante aos

Assembleias de Deus., 1998. p. 13-27. ERHMAN, Bart. **History of the Bible: The Making of the New Testament Canon**. Nort Carolina: Editora The Teaching Company, 2013. p. 52-57.

⁴³“A ação constitui uma parte da situação de transação que circula de um agente a outro, exatamente do mesmo modo que a linguagem oral fica prisioneira no processo de interlocução ou, se se pode empregar o termo, de translocação. [...] a ação mesma, a ação significativa, se pode converter em objeto da ciência sem perder seu caráter de significância graças a um tipo de objetivação semelhante a fixação que se produz na escritura. Mediante esta objetivação, a ação já não é uma transação a qual ainda pertencerá o discurso da ação. É uma configuração que deve interpretar-se de acordo com suas conexões internas” (RICOEUR, 2002, p. 141-142) (tradução nossa).

atos de fala. O que possibilita ser realizada uma tipologia da ação e uma criteriologia das regras que a constituem. Com isto, a ação poderá ser identificada não apenas por seu conteúdo proposicional, mas também por sua força ilocucionária. Deste modo, tanto o conteúdo proposicional quanto a força ilocucionária contribuem para o que Ricoeur chamou de o “conteúdo de sentido”. Daí ele nos falar que:

Podemos decir ahora que una acción, la manera de un acto de habla, puede ser identificada no sólo según su contenido proposicional, sino también según su fuerza ilocucionaria. Ambos constituyen su contenido de sentido. Como el acto de habla, el acontecimiento en forma de acción (si podemos acuñar esta expresión analógica) desarrolla una dialéctica similar entre su estatuto temporal, como acontecimiento que aparece y desaparece, y su estatus lógico, por tener tales y qué significados identificables o contenido de sentido (RICOEUR, 2002, p. 178)⁴⁴

À semelhança dos textos, a ação humana possibilita uma variedade de possíveis interpretações, pois na medida em que se interpreta uma ação não podemos explicar de maneira definitiva seu sentido. Por esta razão, talvez seja inevitável o conflito das interpretações. Ao se tornar objeto de interpretação, as ações produzem vestígios no curso dos acontecimentos. Por isto, elas são um campo fértil de significações pelo que podem ser ressignificadas em outras situações pela qual sua eficácia persiste ou é reativada. Desta forma, a ação humana pode ou não ser ressignificada mediante a apropriação que o leitor realiza a partir do “mundo do texto” desdobrado pela obra literária.

A proposta ricoeuriana para interpretação textual apresenta-nos três peculiaridades, que são: primeiro, que o fenômeno da escrita possibilitou certa autonomia do texto em relação ao seu autor; segundo, a elaboração do discurso mediante gêneros literários tais como a narração, a ficção, a poesia, etc, contribui para exteriorizar o mundo do texto, sendo assim, o mundo do texto pode ser apropriado por outros leitores ou intérpretes; terceiro, o mundo do texto consiste naquilo que deve ser compreendido num texto, ou seja, não é a intenção do autor nem a estrutura do texto, mas o tipo de mundo ou os modos de ser visado pela obra.

⁴⁴“Podemos dizer agora que uma ação, a maneira de um ato de fala, pode ser identificada não só segundo seu conteúdo proposicional, senão também segundo sua força ilocucionária. Ambos constituem seu conteúdo de sentido. Como o ato de fala, o acontecimento em forma de ação (se podemos elaborar esta expressão analógica) desenvolve uma dialéctica similar entre seu estatuto temporal, como acontecimento que aparece e desaparece, e seu estatuto lógico, por ter tais e quais significados identificáveis ou conteúdo de sentido” (RICOEUR, 2002, p. 178) (tradução nossa).

3 PRODUTO PEDAGÓGICO: CARTILHA FILOSÓFICA – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

O trabalho de dissertação no curso do PROF-FILO tem como finalidade elaborar um processo teórico e prático implementado pelo mestrando, preferencialmente, no ambiente educacional, onde ele leciona como docente da disciplina de filosofia. O objetivo do desenvolvimento da dissertação consiste em alcançar resultados e suscitar discussões que fomentem intervenções na melhoria do ensino de filosofia. Como requisito de caráter intervencionista nas aulas de filosofia, elaboramos uma cartilha filosófica a partir das discussões teóricas sobre a hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur e da coleta de dados que estão em anexo.

A cartilha filosófica: Contribuições de aplicabilidade de critérios da hermenêutica ricoeuriana na interpretação de textos nas aulas de filosofia no Ensino Médio tem como finalidade ser um guia didático para docentes e discentes durante as aulas de Filosofia. Ressaltamos que a cartilha não visa à substituição do livro didático. A proposta desta cartilha filosófica surge como uma ferramenta importante no meio educacional, pois serve como um auxílio ao docente na elaboração de ações pedagógicas. Esta ferramenta contém de forma simples e objetiva a aplicação de uma ação de caráter intervencionista, que auxilie tanto docentes quanto os discentes. Como a cartilha se trata de um trabalho desenvolvido como um produto pedagógico, resolvemos deslocá-la, *ipsis litteris*, do corpo textual da dissertação para deixá-la a parte no ANEXO A.

3.1 OBJETIVO GERAL DA CARTILHA FILOSÓFICA

- Utilizá-la como guia didático para interpretação de textos sejam eles de filosofia ou de outras disciplinas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar uma biografia do filósofo Paul Ricoeur.
- Aplicar os conceitos ricoeurianos do arco de interpretação.

- Socializar esta cartilha por meios das redes sociais como ferramenta de auxílio aos demais profissionais da educação.

A proposta desta cartilha filosófica surgiu a partir da nossa pesquisa no Mestrado Profissional de Filosofia, realizada juntos aos discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Herondina Caldas, localizada na cidade de Serra Caiada – RN.

A pesquisa teve uma considerável participação dos discentes. Primeiramente, solicitamos a eles que respondessem ao questionário com a finalidade de compreendermos a relação deles com os conceitos de *COMPREENSÃO* e *INTERPRETAÇÃO* aplicados aos textos. Num segundo momento, trabalhamos com os discentes uma análise textual a partir de critérios da hermenêutica ricoeuriana: mundo do texto, mundo do leitor, apropriação, pré-compreensão, explicação estrutural, etc.

A cartilha filosófica está estruturada da seguinte forma: Elaboramos uma pequena biografia do filósofo Paul Ricoeur; em seguida, elencamos os principais conceitos relacionados à hermenêutica ricoeuriana e, por fim, apresentamos uma aplicação da proposta hermenêutica ricoeuriana aplicada a alguns textos.

3.3 CARTILHA FILOSÓFICA – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

3.3.1 VIDA E OBRA DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur nasceu no dia 27 de fevereiro de 1913, em Valence, na França. Sua vida foi marcada por alguns eventos trágicos, que muito o influenciaram. Sua mãe vem a óbito após o parto daquele que viria a ser um dos mais importantes filósofos franceses. Seu Pai, que foi professor no Liceu, faleceu no campo de batalha em Marne 1915. A ausência do pai e da mãe foi um duro golpe na vida de Ricoeur. Ele ainda viria a sofrer uma experiência dolorosa da morte de sua única irmã, Alice, em 1935, afetada por “o mal do século XX”, a tuberculose.

Fora criado por seus avós paternos e uma tia, recebendo uma criação protestante. No liceu adquiriu a admiração e a fascinação pelos autores gregos. Anos mais tarde (1933), viria a se tornar professor do Liceu. A atividade docente no Liceu e, depois, na Universidade de

Sorbonne, possibilitou um imenso trabalho de elaboração de diversas obras no âmbito filosófico.

Além de ser um grande admirador dos filósofos gregos, Ricoeur em seus primeiros passos no pensamento filosófico foi influenciado pelo filósofo e dramaturgo Gabriel Marcel. O pensamento filosófico deste é existencialista, que investiga o mistério da existência humana e sua liberdade, para ele o sentido existencial do ser humano, diante da vida corporal e psíquica, deve ser entendido como uma experiência imediata. Karl Barth⁴⁵ foi outro pensador que fez parte do círculo de amigos com os quais Ricoeur esteve engajado socialmente.

Em seus primeiros escritos havia lido e aprofundado a leitura de Karl Marx, a partir do qual escreveu um artigo intitulado “*Necessidade de Karl Marx*” (na revista *Être*, 1937-1938). Por volta de 1940, Paul Ricoeur foi aprisionado no campo de Marne e enviado para um campo de prisioneiros na Pomerânia. Com ele estava também Michel Dufrenne (1919-1955). Aprisionado, Ricoeur aproveitou para conhecer ainda mais a obra de Karl Jaspers e a de Husserl. Deste, ele traduziu as *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de 1913.

No ano de 1947, publica o livro *Karl Jaspers e a filosofia da existência*. Junto a Emmanuel Mounier escreve para a revista *Esprit*. Escreve obras como *hermenêutica bíblica*⁴⁶, *Metáfora viva*⁴⁷, *Interpretação e ideologias*⁴⁸, *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*⁴⁹, *Do Texto à ação: ensaios de hermenêutica II*⁵⁰, *o Si mesmo como outro*⁵¹, *A memória, a história, o esquecimento*, entre outras obras. Em 2005, veio a falecer tão

⁴⁵Karl Barth foi pastor da Igreja Reformada. Teólogo cristão-protestante, também esteve à frente de estudos da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. O objetivo dele estava em buscar sentido do cristianismo a partir de vertentes existenciais. Barth mostrou a reintegração das bases bíblicas e esclarecendo vários elementos sobre doutrinas, revelações e fé. Elaborou diversos estudos nas universidades de Berna, Berlim e Tübingen, e outras tantas teses em Marburg. Cf. a biografia que Eberhard Busch escreveu sobre Karl Barth BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts**. Zurich: SCM press, 2005.

⁴⁶Uma obra extremamente importante para o tema das parábolas evangélicas e da especificidade da linguagem religiosa, assim como alguns artigos que apresentam uma aplicação à narração bíblica das pesquisas desenvolvidas na trilogia Tempo e Narrativa de Paul Ricoeur.

⁴⁷A contribuição de Ricoeur nesta obra é fundamental para entendermos as implicações da metáfora - especialmente da retórica e das figuras de linguagem -, a obra está estruturada em oito estudos, que seguem um percurso da palavra à frase e, daí, ao discurso.

⁴⁸Ricoeur parte da análise da vontade humana e, além disso, seu objetivo é formular uma teoria da interpretação do ser. Razão pela qual o problema para Ricoeur é o da hermenêutica, ou seja, a compreensão e da interpretação de sentido. Ricoeur se contrapõe ao dualismo epistemológico que Dilthey havia realizado ao dicotomizar os métodos explicativo e compreensivo. Faz duras críticas ao pensamento que opõe radicalmente ciência e ideologia, por não ver, entre ambas, uma relação de tipo dialético.

⁴⁹Uma obra riquíssima em dialética entre hermenêutica e estruturalismo; hermenêutica e psicanálise; Uma interpretação filosófica de Freud; Hermenêutica e fenomenologia; Hermenêutica dos símbolos e reflexões filosófica; Culpabilidade, ética e religião; entre outros tópicos.

⁵⁰Nesta obra encontramos diversos artigos publicados na França. Esta obra constitui uma continuidade de O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.

⁵¹A obra está estruturada em dez estudos, cada um há uma reflexão sobre o sentido e o destino das filosofias do sujeito. A hermenêutica ali proposta está distante da apologia do cogito quanto da sua destruição.

importante filósofo para a Filosofia e outras ciências humanas. Ricoeur apresenta a tripla descendência de sua filosofia:

Eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica à qual me reporto com três traços: ela está na linhagem da filosofia reflexiva; ela permanece na esfera de influência da fenomenologia husserliana; ela quer ser uma variante hermenêutica desta fenomenologia (RICOEUR, 2002, p.25)

O pensamento ricoeuriano parte da filosofia reflexiva, que consiste numa filosofia que afirma não ser possível compreender quem é o homem sem partir da autorreflexão. Isso ele o faz a partir da filosofia de Kant e da filosofia pós-kantiana francesa, da qual Jean Nabert⁵² foi o pensador mais marcante. Os problemas filosóficos que uma filosofia reflexiva aborda são os concernentes à possibilidade da compreensão de si como sujeito, das operações de conhecimento e de volição.

Paul Ricoeur (2002) declara que o mecanismo de condução de sua produção filosófica tem sido o confronto com diferentes posições, geralmente divergentes, mas sempre valiosas sobre os mais diversos temas. Por sua insistente busca em estabelecer uma espécie de articulação entre pensamentos opostos, ele pode ser considerado árbitro mediador que exige a conciliação de posições antagônicas através de sua superação, ou mesmo, complementação.

Em sua obra *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*⁵³ Paul Ricoeur buscar fazer uma síntese entre posições opostas, tais como: hermenêutica e estruturalismo, hermenêutica e psicanálise, hermenêutica e fenomenologia, entre outros. No tópico referente à hermenêutica e estruturalismo ele destaca que ambas tratam de uma maneira de viver, de operar o tempo: tempo de transmissão e tempo de interpretação.

Para Ricoeur, a interpretação tem uma história e que essa constitui um segmento da tradição, sempre se interpreta de algum lugar, para explicar, para prolongar e manter viva a tradição. Em contrapartida, a tradição sendo entendida como transmissão de conhecimentos, valores, cultura(s) etc, consiste em uma tradição morta se não interpreta continuamente esta tradição. Paul Ricoeur, então, busca encontrar uma alternativa a partir dessas duas temporalidades. Uma terceira temporalidade, que estaria inscrito na riqueza de sentido do entrecruzamento da hermenêutica e do estruturalismo. A esta terceira temporalidade Ricoeur chama de carga temporal. Esta seria, por sua vez, a sedimentação em um depósito e a

⁵²Jean Nabert foi um filósofo francês e principais obras dele são: *l'Expérience intérieure de la Liberté, Éléments pour une éthique, Essai sur le mal, Le divin et Dieu*, em *Les Études philosophiques, Le Désir de Dieu*.

⁵³Cf. RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1978. p. 31-91.

explicitação em uma interpretação, haveria um embate entre ambas temporalidades, uma que transmite e, a outra que renova.

O que mais chama a atenção de Ricoeur na fenomenologia de Husserl, é: primeiro, a atenção às coisas mesmas, ou seja, descrever de modo “eidético”, de acordo com seus tipos ideais; segundo, a teoria da intencionalidade, que trata a respeito do *ego*, pois este não tem fundamento em si mesmo, é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, visada às coisas mesmas. É uma consciência dirigida para fora de si mesma, direcionada ao sentido, antes mesmo de ser para si reflexão. Esta para Paul Ricoeur diz respeito a apropriação de nosso esforço de existir e de nosso desejo de ser através das obras que testemunham esse esforço e desejo.

O ponto central que marca o pensamento de Ricoeur, consiste na sua ruptura com a fenomenologia husserliana e com a filosofia reflexiva. Esta ruptura caracteriza-se pela seguinte ideia: “o ego não pode compreender a si mesmo pela introspecção, o retorno reflexivo sobre si. Ele deverá se servir da via longa da interpretação dos símbolos se quiser conhecer a si mesmo e, mais particularmente, dar conta da experiência do mal” (GRODIN, 2015). A hermenêutica dos símbolos aborda a arquitetura do sentido, ou seja, a linguagem de duplo sentido, a qual tem a função de desvelar outro sentido mais rico e figurado. Interpretar consiste, então, em decifrar um sentido velado e por à luz os possíveis sentidos sob a polissemia das palavras. Nisto concorda Constança Marcondes Cesar quando comenta a respeito da hermenêutica ricoeuriana:

A meditação sobre a linguagem, a busca do núcleo semântico de toda hermenêutica, cujo elemento comum é a busca de uma arquitetura do sentido e a reflexão sobre a linguagem simbólica, cujo papel é o desvelamento de um significado profundo sob o significado imediato, nas expressões de duplo sentido (CESAR, 2002, p. 46)

Ricoeur ressalta a consciência de finitude que caracteriza o viver humano, pois esse inacabamento está intrínseco a todas possibilidades e iniciativas humanas. O pensamento ricoeuriano constitui a busca por uma articulação de diversas ideias, que possibilitem a esperança e a abertura ao novo no agir humano.

No início dos anos oitenta, Ricoeur tem como foco central o texto, algo que pode ser constatado nos primeiros ensaios de *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II* (1986), obra em que oferece uma segunda coleção de ensaios sobre hermenêutica. Ricoeur defende que não há autocompreensão que não seja mediada por signos, símbolos e textos. Ele apresenta uma nova definição de hermenêutica: teoria de operações de compreensão em

relação à interpretação de textos. Aqui o "texto" opõe-se como discurso à língua, ao discurso oral. A tarefa da hermenêutica está constituída por dois polos: reconstruir a dinâmica interna do texto e restaurar sua capacidade de projetar-se fora, ou seja, realizar uma representação de um mundo que pode ser habitado.

3.3.2 POR ONDE SE INSERIR NO PENSAMENTO RICOEURIANO?

O mais óbvio seria, certamente, ler as obras de Ricoeur em seu desenrolar cronológico, contudo, talvez isto não seja do interesse a todo o leitor, como Ricoeur escreveu sobre uma variedade de temas, o mais aconselhável seja que cada um comece por seus interesses específicos, pois Ricoeur abordou diversos temas, tais como: vontade, ação, identidade, a questão do tempo, da história, da linguagem, da interpretação, do texto e da narrativa, etc.

Para os que têm interesse por psicanálise podem começar por *Da interpretação*; os que são amantes da teoria da metáfora, pela narrativa e a identidade podem se debruçar sobre *A metáfora viva, Tempo e Narrativa e o Si mesmo como outro*. Uma obra interessante para adentrarmos o pensamento de Ricoeur é a de François Dosse, *Paul Ricoeur: um filósofo em seu século*⁵⁴. Nela o autor apresenta as principais ideias filosóficas e os principais debates que elas suscitaram, além de possuir um interessante contexto biográfico e político.

Diversas sugestões são oferecidas no site do Fonds Ricoeur (www.fondsricoeur.fr). Neste há orientações biográficas e bibliográficas, textos on-line, documentos em áudio e vídeo, fóruns para discussões. Para o nosso propósito e interesse sugerimos a obra *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II*, pois aborda alguns conceitos fundamentais para uma filosofia da interpretação. Acreditamos que outra obra fundamental seja a *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*, nesta Ricoeur realiza uma síntese clara e concisa do projeto hermenêutico das suas categorias centrais; discurso como evento, noção de texto, mundo da obra, distanciação e apropriação.

⁵⁴Cf. DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017. p. 6-9. François Dosse elabora uma minuciosa análise dos trabalhos do filósofo Paul Ricoeur, os quais este escreveu ao longo de sua vida. Obra essencial para todo leitor apaixonado pelo campo das humanidades e que estejam interessados nos problemas cruciais da história da segunda metade do século XX e que transbordam para o presente século. Ricoeur oferece-nos uma alternativa para pensarmos a realidade contemporânea, marcada por diversos holocaustos, e a urgência de pensarmos novas formas de solidariedade entre os homens. Para ele, a tolerância expressa uma atitude que mescla uma abertura não-dogmática, possibilitando o diálogo, sob múltiplas perspectivas.

3.3.3 O ARCO HERMENÊUTICO A PARTIR DE ALGUNS CONCEITOS RICOEURIANOS

A partir da leitura da obra ricoeuriana *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II* (2002) foi possível percebermos alguns conceitos que o filósofo (re)elabora para (re)constituir a função da hermenêutica. O sentido forte que Ricoeur lhe dá consiste no discernimento de um sentido oculto num sentido aparente do texto. O arco hermenêutico consiste na complementaridade do explicar e do compreender. Para Paul Ricoeur, o primeiro momento do arco constitui a compreensão ingênua do texto, ou seja, é uma leitura em primeiro grau de quem lê o texto como manifestação do psiquismo alheio. O passo seguinte é o da explicação, que Ricoeur idêntica à análise estrutural, a qual explica o texto a partir da própria lógica interna do texto. O arco hermenêutico não se restringe a estes dois momentos, mas se estende a apropriação do mundo do texto, pelo qual o intérprete realiza uma interpretação de si mesmo mediante a leitura do texto. Ricoeur (2002, p. 153) chama a essa apropriação de “fusão da interpretação do texto com a interpretação de si próprio”.

A hermenêutica, então, articula-se entre dois polos: o texto e a interpretação do texto. Estes dois polos são duas espirais de um mesmo processo. A dinâmica do trabalho interpretativo consiste em esclarecer e em acompanhar a dinâmica já efetivada no texto. Ricoeur faz um entrecruzamento entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Aqui estamos diante da tese central de sua hermenêutica filosófica.

Para uma hermenêutica textual, Paul Ricoeur estabelece uma relação dialética entre o interior e o exterior dos textos, a qual tem como finalidade compreender de que forma a linguagem possibilita a mediação entre a humanidade e o mundo, entre os próprios seres humanos, e entre o ser humano individual e si mesmo. Como ele mesmo diz, essa tríplice mediação de referencialidade (humano e mundo), de comunicabilidade (ser humano e ser humano) e de compreensão de si (ser humano e ele mesmo) constitui o problema mais importante de uma hermenêutica dos textos.

O conceito de **distanciamento** exerce uma função preliminar para a apropriação de textos. É certo que existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, pois uma vez produzido, o texto possui certa autonomia em relação ao seu autor. Autonomia que possibilita uma carreira de sentido, ou seja, o texto não mais está restrito à situação originária em que foi escrito pelo autor, podendo, então, ser retomado e ressignificado pelos mais diversos destinatários. Uma segunda distância está relacionada entre o texto e seus potenciais leitores. Esses precisam entender e respeitar que o texto possui alteridade em relação a eles.

A **autonomia que o texto** alcança em relação ao seu autor possibilita que ele seja reassumido por leitores posteriores que não pertencem ao mundo do autor. O mundo do texto quando apropriado pela diversidade de destinatários e leitores, mediante o ato de leitura, enriquece a apreensão do mundo dos leitores em que estão inseridos e a compreensão de si a partir das projeções de sentido inclusas no texto.

À medida que os leitores se apropriam do texto há certa capacidade de o texto reconfigurar a experiência do leitor, ou seja, mudar a concepção que o leitor possui do mundo (cosmovisão), dos valores estéticos, éticos, religiosos. O sentido que há num texto não pode ser plenamente atualizado se não for mediante a leitura dos destinatários que dele se apropriam. Em decorrência desta situação, são destacadas as significações novas no horizonte indicado pelo texto.

A hermenêutica tem como finalidade auxiliar os discentes da educação básica na compreensão e interpretação dos diversos tipos e gêneros textuais. A singularidade do enfoque hermenêutico para os alunos no Ensino Médio busca resgatar o sentido dos textos mediante a perspectiva do leitor. Isto não implica cair num relativismo extremo (toda e qualquer interpretação está correta), porém, não podemos nos esquecer que ainda que a proposta ricoeuriana para interpretação textual seja para que o leitor possa apropriar-se do mundo do texto, isso não significa exista umas ilimitadas interpretações textuais.

Se a tarefa da hermenêutica constitui a reconstrução dinâmica do texto e da restituição da capacidade de a obra projetar-se ao exterior mediante a representação de um mundo habitável, qual a proposta de Ricoeur para tornar possível esta tarefa realizável? A resposta está na dialética que ele postulou entre compreensão e explicação, de onde procede o “arco hermenêutico”. Ricoeur retoma os conceitos compreender e explicar de Dilthey. Este havia realizado uma distinção entre esses dois, associando-os as ciências da natureza e as ciências do espírito. Enquanto as primeiras objetivam explicar os fenômenos da natureza a partir de leis universais, as segundas visam a compreender uma interioridade através de suas expressões, que podem ser pinturas, músicas, poesias, etc. O primeiro momento do arco hermenêutico constitui a compreensão ingênua do texto, a primeira leitura em primeiro grau de quem lê o texto como manifestação de um psiquismo alheio.

Por meio da **análise estrutural** é possível explicar o texto, perceber suas relações internas e sua estrutura. Este é um exercício de leitura que toma o texto em sua suspensão de significado para nós. A segmentação que procede da análise estrutural estabelece pontos de orientação dentro do relato mesmo como uma lógica da ação, como unidades do relato. Esta lógica da ação consiste em um encadeamento de nós da ação que em conjunto constituem a

continuidade estrutural do relato. Este por sua vez, é reduzido a uma combinação de algumas unidades da gramática, é um discurso dirigido pelo narrador a um destinatário.

O conceito de **apropriação** possui duas categorias. A primeira é que uma das finalidades de toda a hermenêutica é lutar contra a distância cultural. Luta que se pode compreender em termos puramente temporais, tais como o distanciamento secular, ou em termos hermenêuticos, trata do distanciamento do sentido mesmo, do sistema de valores sobre o qual o texto se estabelece. Neste sentido, a interpretação aproxima, iguala, converte em contemporâneo e semelhante, tornando próprio aquilo que em princípio era estranho ao leitor.

Devido o distanciamento do sentido que no texto se estabelece como distância cultural, se faz necessário fazer nosso o texto. Dito de outra maneira, mediante a apropriação da interpretação é necessário aproximar, igualar, converter em contemporâneo o que se tornou estranho. Para Ricoeur, a apropriação tem como característica fundamental destacar o caráter cultural da interpretação. Segundo ele, a leitura se assemelha a uma partitura musical; que marca a realização, a atualização de possibilidades semânticas dos textos.

O texto, como escritura, “espera” e necessita ser lido. A leitura só é possível porque o texto não está cerrado em si mesmo, mas está aberto a novas releituras. Ricoeur aponta duas maneiras de ler um texto. A primeira é a de uma atitude explicativa. A qual o leitor expõe como o texto está estruturado. A segunda diz respeito a articulação de um discurso novo ao discurso do texto. Por seu caráter aberto a possibilidades de releituras a interpretação consiste no cumprimento concreto desta articulação e de uma continuação.

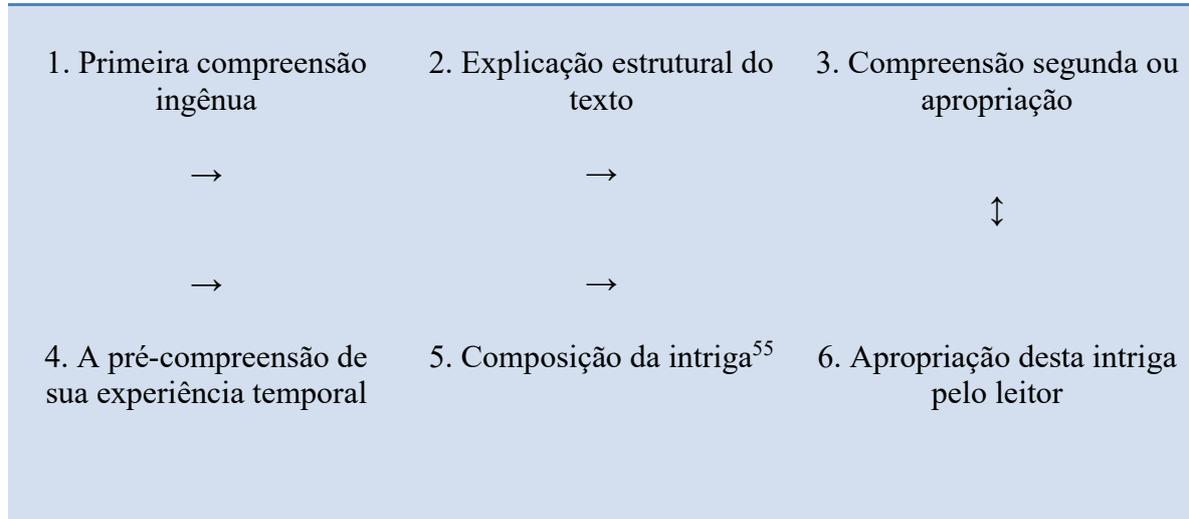
O próprio texto nos orienta dentro dele mesmo. O texto possibilita descobrir as dimensões do mundo do texto. Sua função vai mais além do que assinalar e mostrar o que já existe. Neste sentido, transcende a função da referência aparente vinculado à linguagem falada. Sua função de mostrar é por sua vez uma nova forma de ser, de agir, de pensar.

Tomemos como exemplo uma obra da antiguidade: *Édipo Rei*. A tragédia grega *Édipo Rei* foi escrita por Sófocles e constitui um dos mitos mais revisitados da Antiguidade Clássica. As estruturas da obra de Sófocles nos apresentam aquilo que Ricoeur chama de o mundo do texto. Este não pode ser encontrado fora do texto, mas apenas no texto. Porém, a obra possibilita aos seus leitores diversas re-leituras da obra que podem auxiliá-los na compreensão de si mesmos.

3.3.4 APLICAÇÃO DA PROPOSTA HERMENÊUTICA RICOEURIANA APLICADA AO TEXTO

Vejamos o quadro abaixo:

O ARCO HERMENÊUTICO



Em sua obra *Del Texto a la acción*, Ricoeur diz adotar a seguinte definição do trabalho hermenêutico: esta “es la teoría de las operaciones de la comprensión relacionadas com la interpretación de los textos”⁵⁶. Ao falar em operações Ricoeur está a destacar um arco hermenêutico. O círculo hermenêutico ou arco hermenêutico, como lhe chama Ricoeur apresenta relação que vai da pré-compreensão a compreensão, num processo recorrente, contínuo e sempre inacabado, de compreender mais para compreender melhor e, também se compreender melhor. De acordo com Ricoeur, não há, pois, compreensão sem pré-compreensão, assim como, nunca há uma compreensão ou interpretação última, que por sua vez, cada horizonte a partir do qual se compreende é apenas um horizonte, este horizonte, e podemos sempre retomar o processo, mais tarde, desde um outro horizonte, o que nos permitirá compreender não só mais, mas melhor ou, ainda, de outro modo.

Estabelecemos seis critérios a partir do capítulo 2 da obra de Paul Ricoeur *Del Texto a la acción*, porém, constituem apenas três. Tanto a **Primeira compreensão ingênua** quanto a **pré-compreensão de sua experiência temporal** constituem uma leitura que o leitor realiza como manifestação de um psiquismo alheio, ou seja, o leitor lê o texto limitando-se a

⁵⁵ Cf. **Escritos e conferências 2: hermenêutica**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011. p. 33. De maneira muito geral a definição de intriga consiste na síntese de elementos heterogêneos: que podem ser eventos e múltiplos incidentes, circunstâncias indesejadas, reuniões por acaso ou intencionadas, interações que colocam os atores em relacionamentos que vão desde o conflito até a colaboração que possibilitam contar uma história com início, meio e fim. Aristóteles em sua obra *Poética* elabora o conceito de intriga, que em grego é chamado de *mythos*, e que pode significar tanto fábula (no sentido de história imaginária) quanto intriga (no sentido de história bem construída). Ricoeur assume este segundo aspecto da ideia de intriga, pois será a partir desse conceito que possibilitará extrair os elementos que podem auxiliar e a reformular ainda mais a relação entre a vida e a história.

⁵⁶ “É a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação de textos” p. 71.

encontrar apenas as intenções do autor. Segundo Ricoeur, se faz necessário substituir essa abordagem de caráter espontâneo por uma **explicação estrutural**, que ele assimila à uma análise estrutural dos textos, pois estes são na verdade um discurso fixado pela escrita. A explicação estrutural explica o texto a partir da estrutura interna, como um conjunto de signos fechados em si mesmos e não mais a partir da intenção do autor.

Ricoeur valoriza o conceito de distanciamento, pois este tem como mérito a autonomia do texto em relação a seu autor. De acordo com Ricoeur, a tarefa da hermenêutica consiste em compreender a “coisa” da qual fala o texto e não propriamente o autor. Explicar mais é compreender-se melhor ante a leitura. No entanto, ao evidenciar a autonomia do texto, isso não quer dizer que a interpretação se resume a uma análise estrutural do texto. O que se busca é o sentido desvinculado da intenção do autor e que se torne nosso pela leitura.

A **Compreensão segunda ou apropriação/ Apropriação desta intriga pelo leitor** consiste na busca do sentido do texto que se encerra na compreensão de si efetuada pela leitura do texto. A Intriga consiste numa composição verbal, a qual seleciona, combina e estrutura acontecimentos e ações relatadas, tornando-as em uma história que tem começo, meio e fim. Por esta razão, a apropriação constitui a fusão entre o “mundo do texto” e “mundo do leitor”, o qual pode ser reconfigurado por meio daquele.

TEXTO 01

“Se, com efeito, a existência precede a essência [...] não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos [...] justificações ou desculpas. [...] É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: editora Nagel, 1970, p. 253-254.

1. Primeira compreensão ingênua. Nesta primeira etapa, o leitor lê o texto buscando uma intenção por trás do texto, ou seja, a intenção do autor, aquilo que ele queria dizer. Ao ler-se o texto do filósofo Sartre, percebe-se o desenvolvimento de argumentos que justifiquem

a ideia central de que o “homem é livre e de que está condenado por esta condição de liberdade”.

2. Explicação estrutural do texto/ Composição da Intriga diz respeito aos argumentos pelos quais o filósofo estrutura seu texto.

“a existência precede a essência”	“o homem é livre”
“não há determinismo”	“o homem é liberdade”
“não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento”	“o homem está condenado a ser livre”
“porque não se criou a si próprio”	“é responsável por tudo quanto fizer”

3. A Compreensão segunda ou apropriação/ Apropriação desta intriga pelo leitor. Após as primeiras etapas, primeira compreensão ingênua e explicação estrutural do texto, a terceira constitui o momento em que o leitor faz sua ou se apropria do mundo do texto. Ele não busca uma intenção por trás do texto tampouco se contenta com a explicação estrutural. Ambas são importantes, mas a terceira o é mais devido o fato de o leitor pode realizar combinações várias pelas quais os acontecimentos se transformam em história. Assim como, dá sentido ao mundo da obra literária. Desta forma, podemos perceber no texto do filósofo Sartre como nossa própria existência consiste em evitar e, não nos abrigarmos com desculpas que justifiquem nossas ações, nossas paixões e tudo o mais. Se nossa existência não tem sentido, podemos, então, projetar nossa própria existência a algo autêntico!?

3.3.5 RECOMENDAÇÕES

Uma vez descrito e analisado os dados obtidos nas duas etapas, questionário e análise textual realizada pelos discentes, do 3º capítulo de nossa dissertação na presente investigação de campo e bibliográfica sobre a Cartilha filosófica: A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de Filosofia no Ensino Médio. Ressaltamos o uso desta cartilha como meio de comunicação para o ensino e aprendizagem para o alunado do Ensino Médio. Além disso, recomendamos:

- Esta cartilha como produto pedagógico para auxiliar docentes e discentes na disciplina de Filosofia no Ensino Médio.

- Que a cartilha possibilita um enfoque no aprender a aprender, ou seja, que o discente precisa saber não só o que, mas como saber estudar, adquirindo autonomia em sua vida.
- Como ferramenta de comunicação, a cartilha filosófica deve ser, preferencialmente, um projeto coletivo, de construção dialógica, que possibilite o trabalho em equipe e multidisciplinar.
- Como instrumento de auxílio ao docente de filosofia em sala de aula, a cartilha visa complementar os processos de capacitação abordando de forma simples os princípios gerais da hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur.

Diante dos aspectos apresentados e da pesquisa aplicada junto aos discentes do 2º ano da Escola Professora Herondina Caldas, percebemos que na devida escola há a necessidade de uma maior intervenção do docente na disciplina de filosofia no sentido de articular os discentes à leitura dos textos dos filósofos para estarem habituados à linguagem filosófica e, conseqüentemente, o desenvolvimento e fortalecimento da compreensão e interpretação textual.

Espera-se que a *cartilha filosófica – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO* possa contribuir para possibilitar e oferecer aos docentes e discentes uma orientação simples.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação busca contribuir para uma melhor qualidade de ensino em nosso país. Por esta razão, buscamos ingressar no Mestrado Profissional de Filosofia com vista a melhorarmos nossa formação acadêmica. Quando assumimos as turmas da Escola Estadual Professora Herondina Caldas, localizada na cidade de Serra Caiada – RN, vimos a necessidade de algo que nos pudesse auxiliar no ensino da disciplina de Filosofia naquela escola.

O contexto em que vivenciamos o ensino de filosofia, ou seja, a escola Herondina Caldas na qual lecionamos a disciplina de filosofia, urge a necessidade de que os discentes estejam aptos para a compreensão, a interpretação e, conseqüentemente, a comunicação na sociedade da informação. O tipo de educação que se espera não pode ficar restrito a um ensino memorístico, repetitivo, sem nenhuma reflexão para a vida do alunado, pois

necessitamos de discentes capazes para pensar e enfrentar os mais diversos problemas que há na sociedade em que residem.

Se a aula de Filosofia no Ensino Médio consiste numa aula expositiva, numa relação entre docentes e o discente, entre aquele que “explica” e aquele que “compreende” sugere a busca de algo em comum: interpretar o texto. O que percebemos em nossos discentes foi uma grande dificuldade em compreender e interpretar os textos. Por isso, pensamos disponibilizar ao alunado uma “ferramenta”, a hermenêutica que os capacitasse a pensarem de maneira própria, apropriando-se do sentido dos textos. Para tal tarefa, pensamos em elaborar critérios para interpretação textual a partir da hermenêutica ricoeuriana.

Nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, o processo hermenêutico ricoeuriano tem como finalidade principal possibilitar aos discentes a capacidade de compreensão, interpretação e comunicação, com vista a compartilhar saberes, proporcionar significados a estes mesmo saberes e, dialogar acerca dos mistérios que envolvem a vida.

Para consecução de nossa investigação junto aos discentes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Herondina Caldas realizamos uma pesquisa participante, a qual foi dividida em duas etapas: na primeira etapa aplicamos um questionário a fim de diagnosticarmos o contexto do discente com a compreensão e interpretação textual. A segunda etapa constituiu a aplicação prática, a qual os discentes leram e interpretaram alguns textos a partir de alguns critérios da hermenêutica ricoeuriana. No entanto, ressaltamos que tivemos uma deficiência em nossa pesquisa, que foi a de não darmos um retorno aos discentes da coleta de dados. A princípio não havíamos pensado neste aspecto e, como só nos demos conta tardiamente, não foi possível realizar este retorno com os discentes. Tal deficiência poderá ser corrigida em um eventual trabalho posterior.

As respostas que obtivemos do questionário e as análises textuais que os discentes realizaram, confirmaram nossa hipótese inicial da urgente necessidade de eles adquirirem uma “ferramenta”, ou seja, a hermenêutica para compreensão e interpretação textual. Por isso, vimos a importância de elaborarmos uma cartilha que pudesse não apenas nos auxiliar em nosso dia a dia na escola, mas compartilhá-la com os demais professores da disciplina de Filosofia. Isso poderá ser feito por meio de publicação na forma de livro impresso e digital (e-book).

A proposta da cartilha filosófica tem como finalidade a de ser uma ferramenta importante no meio educacional. Esta ferramenta possibilita de forma simples e objetiva a aplicação de uma ação de caráter intervencionista, que auxilie tanto os docentes quanto os

alunos. O título que demos a cartilha foi: Cartilha filosófica: A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Reconhecemos a necessidade de ampliarmos e melhorarmos o tema aqui pesquisado. Nosso trabalho de pesquisa não está encerrado, mas requer um aprimoramento. Porém, a investigação contribuiu enormemente para a nossa formação e a construção de novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que nos permitiu uma experiência frutífera, porquanto, possibilitou a aprendizagem e a capacitação profissional, o qual contribuirá no exercício da docência.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. Revisão e tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- ALEXANDRIA, Filon de. **Obras completas de Filon de Alexandria**. Tradução de José Maria Triviño. Buenos Aires, 1976.
- BARDARI, Sérsi. **A função dos dêiticos na organização do texto**. Disponível em: <http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-fun%C3%A7%C3%A3o-dos-d%C3%AAticos-na-organiza%C3%A7%C3%A3o-do-texto.pdf> Acesso em: 24/06/2019
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias**: Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts**. Zurich: SCM press, 2005
- CAMPENHAUSEN, Hans von. **Os pais da igreja**: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2007.
- CESAR, Constança Marcondes. **A hermenêutica francesa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. 1 ed. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.
- DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir – Relatório para Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Editora Cortez, 1998.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Tradução de Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.
- ERHMAN, Bart. **History of the Bible: The Making of the New Testament Canon**. North Carolina: Editora The Teaching Company, 2013.
- FIGUEIREDO, Adriana. **Gramática comentada com interpretação de textos para concursos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.
- GALLO, Silvio, CORNELLI, Gabriele, MÁRCIO, Danelon. **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis: editora Vozes, 2003.

GENTIL, Hélio Salles. Historicidade e compreensão das narrativas de ficção a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur. In. **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível.** / Adna Candido de Paula, Suzi Frankl Sperber (Organizadoras). – Dourados, MS : UFGD, 2011, p. 177-193.

GRODIN, Jean. **Qué es la hermenéutica?**. Tradução de Antoni Martínez Riu. Barcelona: Editora Herder, 2008.

_____. **Paul Ricoeur.** Tradução de Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **Introducción a la hermenéutica filosófica.** Tradução de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Editorial Herder, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. (parte 1)

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KAMESAR, Adam. **Biblical Interpretation in Philo.** In. (org.), *The Cambridge Companion to Philo.* Cambridge: Editora Cambridge University Press 2009, p. 65-91.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural.** Tradução Beatriz Perrone-Moisés. Brasil: Editora Cosac Naify, 2008.

LDB – **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OBIOLS, Guilherme. **Uma introdução ao ensino de filosofia.** Tradução de Silvio Gallo. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

Orientações curriculares para o ensino: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/fagne/Desktop/documentos%20sobre%20legislação/book_volume_03_internet.pdf Acesso em: 31/ 11/ 2019

ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios.** tradução Monjas Beneditinas, Antonio Marchionni. São Paulo: Paulus, 2012.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1ª ed. 2014.

_____. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1978.

- _____. **El discurso de la acción.** Tradução de Pilar Calvo. Madrid: Editora Cátedra, 1988.
- _____. **Escritos e conferências 2: hermenêutica.** Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.
- _____. **Freud: una interpretacción de la cultura.** Tradução de Armando Suárez. México: Editora Século XXI, 1990.
- _____. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação.** Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.
- _____. **Del texto a la acción: ensayos de hermenêutica II.** 2 ed. Tradução de Pablo Corona. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 2002.
- _____. **Hermeneutica e acción: de la hermenêutica del texto la hermenêutica de la acción.** Tradução de Mauricio M. Prelooker, Luis J. Adúriz, Aníbal Fonari, Juan Carlos Gorlier e Maria Teresa La Valle. Buenos Aires: Editora Prometeo, 2008.
- _____. **Historia y narratividad.** Tradução de Gabriel Aranzueque Sahuquillo. Barcelona: Editora Paidós, 1999.
- _____. **Tempo e narrativa I.** Tradução Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. **Tempo e Narrativa III.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Papyrus, 1997.
- _____. “The Text as Dynamic Identity.” In **Identity of the Literary Text**, eds. Mario J. Valdés and Owen J. Miller. Toronto: Editora University of Toronto Press, 1985. 175-186.
- _____. **A hermenêutica bíblica.** Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Editora Loyola, 2006.
- _____. **Retórica, poética y hermenéutica.** Tradução de Gabriel Aranzueque. Madrid: Editora Universidade Autônoma, 1997. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/296/22229_Ret%C3%B3rica%20po%C3%A9tica%20y%20hermen%C3%A9utica.pdf?sequence=1 Acesso em: 20/02/2019
- Projeto Político Pedagógico e no blog da escola.** Disponível em <http://herondinacaldas.blogspot.com/2012/04/?m=0> acesso em: 13/02/2019
- SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: editora Nagel, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paese Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica** – arte e técnica da interpretação. Tradução de Celso Reni Braida. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

UNESCO. **Aprender a viver juntos: nós falhamos?**. Brasília: UNESCO, 2003.

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131359por.pdf>

Acesso: 22/04/2018

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução: José Carlos Eufrazio. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

VINE, W. E. **Dicionário Vine**: o significado exegético das palavras do Antigo e Novo Testamentos. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2002

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

APÊNDICE A – CARTILHA FILOSÓFICA



Cartilha
Filosófica –
Contribuições
de critérios da
hermenêutica
ricoeuriana na
aplicabilidade
de interpretação
de textos nas
aulas de
filosofia no
ensino médio

Fagner Veloso da silva

SUMÁRIO

VIDA E OBRA DE PAUL RICOEUR.....	1
POR ONDE SE INSERIR NO PENSAMENTO RICOEURIANO.....	4
O ARCO HERMENÊUTICO A PARTIR DE ALGUNS CONCEITOS RICOEURIANOS.....	5
APLICAÇÃO DA PROPOSTA HERMENÊUTICA RICOEURIANA APLICADA AO TEXTO.....	8
RECOMENDAÇÕES.....	11
REFERÊNCIAS	

VIDA E OBRA DE PAUL RICOEUR

Paul Ricoeur nasceu no dia 27 de fevereiro de 1913, em Valence, na França. Sua vida foi marcada por alguns eventos trágicos, que muito o influenciaram. Sua mãe vem a óbito após o parto daquele que viria a ser um dos mais importantes filósofos franceses. Seu Pai, que foi professor no Liceu, faleceu no campo de batalha em Marne 1915. A ausência do pai e da mãe foi um duro golpe na vida de Ricoeur. Ele ainda viria a sofrer uma experiência dolorosa da morte de sua única irmã, Alice, em 1935, afetada por “o mal do século XX”, a tuberculose.

Fora criado por seus avós paternos e uma tia, recebendo uma criação protestante. No liceu adquiriu a admiração e a fascinação pelos autores gregos. Anos mais tarde (1933), viria a se tornar professor do Liceu. A atividade docente no Liceu e, depois, na Universidade de Sorbonne, possibilitou um imenso trabalho de elaboração de diversas obras no âmbito filosófico.

Além de ser um grande admirador dos filósofos gregos, Ricoeur em seus primeiros passos no pensamento filosófico foi influenciado pelo filósofo e dramaturgo Gabriel Marcel. O pensamento filosófico deste é existencialista, que investiga o mistério da existência humana e sua liberdade, para ele o sentido existencial do ser humano, diante da vida corporal e psíquica, deve ser entendido como uma experiência imediata. Karl Barth⁵⁷ foi outro pensador que fez parte do círculo de amigos com os quais Ricoeur esteve engajado socialmente.

Em seus primeiros escritos havia lido e aprofundado a leitura de Karl Marx, a partir do qual escreveu um artigo intitulado “*Necessidade de Karl Marx*” (na revista *Être*, 1937-1938). Por volta de 1940, Paul Ricoeur foi aprisionado no campo de Marne e enviado para um campo de prisioneiros na Pomerânia. Com ele estava também Michel Dufrenne (1919-1955). Aprisionado, Ricoeur aproveitou para conhecer ainda mais a obra de Karl Jaspers e a de Husserl. Deste, ele traduziu as *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de 1913.

⁵⁷Karl Barth foi pastor da Igreja Reformada. Teólogo cristão-protestante, também esteve à frente de estudos da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. O objetivo dele estava em buscar sentido do cristianismo a partir de vertentes existenciais. Barth mostrou a reintegração das bases bíblicas e esclarecendo vários elementos sobre doutrinas, revelações e fé. Elaborou diversos estudos nas universidades de Berna, Berlim e Tübingen, e outras tantas teses em Marburg. Cf. a biografia que Eberhard Busch escreveu sobre Karl Barth BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts**. Zurich: SCM press, 2005.

No ano de 1947, publica o livro *Karl Jaspers e a filosofia da existência*. Junto a Emmanuel Mounier escreve para a revista *Esprit*. Escreve obras como *hermenêutica bíblica*⁵⁸, *Metáfora viva*⁵⁹, *Interpretação e ideologias*⁶⁰, *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*⁶¹, *Do Texto à ação: ensaios de hermenêutica II*⁶², *o Si mesmo como outro*⁶³, *A memória, a história, o esquecimento*, entre outras obras. Em 2005, veio a falecer tão importante filósofo para a Filosofia e outras ciências humanas. Ricoeur apresenta a tripla descendência de sua filosofia:

Eu gostaria de caracterizar a tradição filosófica à qual me reporto com três traços: ela está na linhagem da filosofia reflexiva; ela permanece na esfera de influência da fenomenologia husserliana; ela quer ser uma variante hermenêutica desta fenomenologia (RICOEUR, 2002, p.25)

O pensamento ricoeuriano parte da filosofia reflexiva, que consiste numa filosofia que afirma não ser possível compreender quem é o homem sem partir da autorreflexão. Isso ele o faz a partir da filosofia de Kant e da filosofia pós-kantiana francesa, da qual Jean Nabert⁶⁴ foi o pensador mais marcante. Os problemas filosóficos que uma filosofia reflexiva aborda são os concernentes à possibilidade da compreensão de si como sujeito, das operações de conhecimento e de volição.

Paul Ricoeur (2002) declara que o mecanismo de condução de sua produção filosófica tem sido o confronto com diferentes posições, geralmente divergentes, mas sempre valiosas sobre os mais diversos temas. Por sua insistente busca em estabelecer uma espécie de articulação entre pensamentos opostos, ele pode ser considerado árbitro mediador que exige a conciliação de posições antagônicas através de sua superação, ou mesmo, complementação.

⁵⁸Uma obra extremamente importante para o tema das parábolas evangélicas e da especificidade da linguagem religiosa, assim como alguns artigos que apresentam uma aplicação à narração bíblica das pesquisas desenvolvidas na trilogia Tempo e Narrativa de Paul Ricoeur.

⁵⁹A contribuição de Ricoeur nesta obra é fundamental para entendermos as implicações da metáfora - especialmente da retórica e das figuras de linguagem -, a obra está estruturada em oito estudos, que seguem um percurso da palavra à frase e, daí, ao discurso.

⁶⁰Ricoeur parte da análise da vontade humana e, além disso, seu objetivo é formular uma teoria da interpretação do ser. Razão pela qual o problema para Ricoeur é o da hermenêutica, ou seja, a compreensão e da interpretação de sentido. Ricoeur se contrapõe ao dualismo epistemológico que Dilthey havia realizado ao dicotomizar os métodos explicativo e compreensivo. Faz duras críticas ao pensamento que opõe radicalmente ciência e ideologia, por não ver, entre ambas, uma relação de tipo dialético.

⁶¹Uma obra riquíssima em dialética entre hermenêutica e estruturalismo; hermenêutica e psicanálise; Uma interpretação filosófica de Freud; Hermenêutica e fenomenologia; Hermenêutica dos símbolos e reflexões filosóficas; Culpabilidade, ética e religião; entre outros tópicos.

⁶²Nesta obra encontramos diversos artigos publicados na França. Esta obra constitui uma continuidade de O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.

⁶³A obra está estruturada em dez estudos, cada um há uma reflexão sobre o sentido e o destino das filosofias do sujeito. A hermenêutica ali proposta está distante da apologia do cogito quanto da sua destruição.

⁶⁴Jean Nabert foi um filósofo francês e principais obras dele são: *l'Expérience intérieure de la Liberté, Éléments pour une éthique, Essai sur le mal, Le divin et Dieu*, em *Les Études philosophiques, Le Désir de Dieu*.

Em sua obra *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*⁶⁵ Paul Ricoeur buscar fazer uma síntese entre posições opostas, tais como: hermenêutica e estruturalismo, hermenêutica e psicanálise, hermenêutica e fenomenologia, entre outros. No tópico referente à hermenêutica e estruturalismo ele destaca que ambas tratam de uma maneira de viver, de operar o tempo: tempo de transmissão e tempo de interpretação.

Para Ricoeur, a interpretação tem uma história e que essa constitui um segmento da tradição, sempre se interpreta de algum lugar, para explicar, para prolongar e manter viva a tradição. Em contrapartida, a tradição sendo entendida como transmissão de conhecimentos, valores, cultura(s) etc, consiste em uma tradição morta se não interpreta continuamente esta tradição. Paul Ricoeur, então, busca encontrar uma alternativa a partir dessas duas temporalidades. Uma terceira temporalidade, que estaria inscrito na riqueza de sentido do entrecruzamento da hermenêutica e do estruturalismo. A esta terceira temporalidade Ricoeur chama de carga temporal. Esta seria, por sua vez, a sedimentação em um depósito e a explicitação em uma interpretação, haveria um embate entre ambas temporalidades, uma que transmite e, a outra que renova.

O que mais chama a atenção de Ricoeur na fenomenologia de Husserl, é: primeiro, a atenção às coisas mesmas, ou seja, descrever de modo “eidético”, de acordo com seus tipos ideais; segundo, a teoria da intencionalidade, que trata a respeito do *ego*, pois este não tem fundamento em si mesmo, é sempre consciência de alguma coisa, ou seja, visada às coisas mesmas. É uma consciência dirigida para fora de si mesma, direcionada ao sentido, antes mesmo de ser para si reflexão. Esta para Paul Ricoeur diz respeito a apropriação de nosso esforço de existir e de nosso desejo de ser através das obras que testemunham esse esforço e desejo.

O ponto central que marca o pensamento de Ricoeur, consiste na sua ruptura com a fenomenologia husserliana e com a filosofia reflexiva. Esta ruptura caracteriza-se pela seguinte ideia: “o ego não pode compreender a si mesmo pela introspecção, o retorno reflexivo sobre si. Ele deverá se servir da via longa da interpretação dos símbolos se quiser conhecer a si mesmo e, mais particularmente, dar conta da experiência do mal” (GRODIN, 2015). A hermenêutica dos símbolos aborda a arquitetura do sentido, ou seja, a linguagem de duplo sentido, a qual tem a função de desvelar outro sentido mais rico e figurado. Interpretar consiste, então, em decifrar um sentido velado e por à luz os possíveis sentidos sob a

⁶⁵Cf. RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1978. p. 31-91.

polissemia das palavras. Nisto concorda Constança Marcondes Cesar quando comenta a respeito da hermenêutica ricoeuriana:

A meditação sobre a linguagem, a busca do núcleo semântico de toda hermenêutica, cujo elemento comum é a busca de uma arquitetura do sentido e a reflexão sobre a linguagem simbólica, cujo papel é o desvelamento de um significado profundo sob o significado imediato, nas expressões de duplo sentido (CESAR, 2002, p. 46)

Ricoeur ressalta a consciência de finitude que caracteriza o viver humano, pois esse inacabamento está intrínseco a todas possibilidades e iniciativas humanas. O pensamento ricoeuriano constitui a busca por uma articulação de diversas ideias, que possibilitem a esperança e a abertura ao novo no agir humano.

No início dos anos oitenta, Ricoeur tem como foco central o texto, algo que pode ser constatado nos primeiros ensaios de *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II* (1986), obra em que oferece uma segunda coleção de ensaios sobre hermenêutica. Ricoeur defende que não há autocompreensão que não seja mediada por signos, símbolos e textos. Ele apresenta uma nova definição de hermenêutica: teoria de operações de compreensão em relação à interpretação de textos. Aqui o "texto" opõe-se como discurso à língua, ao discurso oral. A tarefa da hermenêutica está constituída por dois polos: reconstruir a dinâmica interna do texto e restaurar sua capacidade de projetar-se fora, ou seja, realizar uma representação de um mundo que pode ser habitado.

POR ONDE SE INSERIR NO PENSAMENTO RICOEURIANO?

O mais óbvio seria, certamente, ler as obras de Ricoeur em seu desenrolar cronológico, contudo, talvez isto não seja do interesse a todo o leitor, como Ricoeur escreveu sobre uma variedade de temas, o mais aconselhável seja que cada um comece por seus interesses específicos, pois Ricoeur abordou diversos temas, tais como: vontade, ação, identidade, a questão do tempo, da história, da linguagem, da interpretação, do texto e da narrativa, etc.

Para os que têm interesse por psicanálise podem começar por *Da interpretação*; os que são amantes da teoria da metáfora, pela narrativa e a identidade podem se debruçar sobre *A metáfora viva, Tempo e Narrativa e o Si mesmo como outro*. Uma obra interessante para adentrarmos o pensamento de Ricoeur é a de François Dosse, *Paul Ricoeur: um filósofo em*

*seu século*⁶⁶. Nela o autor apresenta as principais ideias filosóficas e os principais debates que elas suscitaram, além de possuir um interessante contexto biográfico e político.

Diversas sugestões são oferecidas no site do Fonds Ricoeur (www.fondsricoeur.fr). Neste há orientações biográficas e bibliográficas, textos on-line, documentos em áudio e vídeo, fóruns para discussões. Para o nosso propósito e interesse sugerimos a obra *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II*, pois aborda alguns conceitos fundamentais para uma filosofia da interpretação. Acreditamos que outra obra fundamental seja a *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*, nesta Ricoeur realiza uma síntese clara e concisa do projeto hermenêutico das suas categorias centrais; discurso como evento, noção de texto, mundo da obra, distanciação e apropriação.

O ARCO HERMENÊUTICO A PARTIR DE ALGUNS CONCEITOS RICOEURIANOS

A partir da leitura da obra ricoeuriana *Del Texto a la acción: ensayos de hermenéutica II* (2002) foi possível percebermos alguns conceitos que o filósofo (re)elabora para (re)constituir a função da hermenêutica. O sentido forte que Ricoeur lhe dá consiste no discernimento de um sentido oculto num sentido aparente do texto. O arco hermenêutico consiste na complementaridade do explicar e do compreender. Para Paul Ricoeur, o primeiro momento do arco constitui a compreensão ingênua do texto, ou seja, é uma leitura em primeiro grau de quem lê o texto como manifestação do psiquismo alheio. O passo seguinte é o da explicação, que Ricoeur idêntica à análise estrutural, a qual explica o texto a partir da própria lógica interna do texto. O arco hermenêutico não se restringe a estes dois momentos, mas se estende a apropriação do mundo do texto, pelo qual o intérprete realiza uma interpretação de si mesmo mediante a leitura do texto. Ricoeur (2002, p. 153) chama a essa apropriação de “fusão da interpretação do texto com a interpretação de si próprio”.

A hermenêutica, então, articula-se entre dois polos: o texto e a interpretação do texto. Estes dois polos são duas espirais de um mesmo processo. A dinâmica do trabalho interpretativo consiste em esclarecer e em acompanhar a dinâmica já efetivada no texto.

⁶⁶Cf. DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017. p. 6-9. François Dosse elabora uma minuciosa análise dos trabalhos do filósofo Paul Ricoeur, os quais este escreveu ao longo de sua vida. Obra essencial para todo leitor apaixonado pelo campo das humanidades e que estejam interessados nos problemas cruciais da história da segunda metade do século XX e que transbordam para o presente século. Ricoeur oferece-nos uma alternativa para pensarmos a realidade contemporânea, marcada por diversos holocaustos, e a urgência de pensarmos novas formas de solidariedade entre os homens. Para ele, a tolerância expressa uma atitude que mescla uma abertura não-dogmática, possibilitando o diálogo, sob múltiplas perspectivas.

Ricoeur faz um entrecruzamento entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Aqui estamos diante da tese central de sua hermenêutica filosófica.

Para uma hermenêutica textual, Paul Ricoeur estabelece uma relação dialética entre o interior e o exterior dos textos, a qual tem como finalidade compreender de que forma a linguagem possibilita a mediação entre a humanidade e o mundo, entre os próprios seres humanos, e entre o ser humano individual e si mesmo. Como ele mesmo diz, essa tríplice mediação de referencialidade (humano e mundo), de comunicabilidade (ser humano e ser humano) e de compreensão de si (ser humano e ele mesmo) constitui o problema mais importante de uma hermenêutica dos textos.

O conceito de **distanciamento** exerce uma função preliminar para a apropriação de textos. É certo que existe uma primeira distância entre o texto e seu autor, pois uma vez produzido, o texto possui certa autonomia em relação ao seu autor. Autonomia que possibilita uma carreira de sentido, ou seja, o texto não mais está restrito à situação originária em que foi escrito pelo autor, podendo, então, ser retomado e ressignificado pelos mais diversos destinatários. Uma segunda distância está relacionada entre o texto e seus potenciais leitores. Esses precisam entender e respeitar que o texto possui alteridade em relação a eles.

A **autonomia que o texto** alcança em relação ao seu autor possibilita que ele seja reassumido por leitores posteriores que não pertencem ao mundo do autor. O mundo do texto quando apropriado pela diversidade de destinatários e leitores, mediante o ato de leitura, enriquece a apreensão do mundo dos leitores em que estão inseridos e a compreensão de si a partir das projeções de sentido inclusas no texto.

À medida que os leitores se apropriam do texto há certa capacidade de o texto reconfigurar a experiência do leitor, ou seja, mudar a concepção que o leitor possui do mundo (cosmovisão), dos valores estéticos, éticos, religiosos. O sentido que há num texto não pode ser plenamente atualizado se não for mediante a leitura dos destinatários que dele se apropriam. Em decorrência desta situação, são destacadas as significações novas no horizonte indicado pelo texto.

A hermenêutica tem como finalidade auxiliar os discentes da educação básica na compreensão e interpretação dos diversos tipos e gêneros textuais. A singularidade do enfoque hermenêutico para os alunos no Ensino Médio busca resgatar o sentido dos textos mediante a perspectiva do leitor. Isto não implica cair num relativismo extremo (toda e qualquer interpretação está correta), porém, não podemos nos esquecer que ainda que a proposta ricoeuriana para interpretação textual seja para que o leitor possa apropriar-se do mundo do texto, isso não significa exista umas ilimitadas interpretações textuais.

Se a tarefa da hermenêutica constitui a reconstrução dinâmica do texto e da restituição da capacidade de a obra projetar-se ao exterior mediante a representação de um mundo habitável, qual a proposta de Ricoeur para tornar possível esta tarefa realizável? A resposta está na dialética que ele postulou entre compreensão e explicação, de onde procede o “arco hermenêutico”. Ricoeur retoma os conceitos compreender e explicar de Dilthey. Este havia realizado uma distinção entre esses dois, associando-os as ciências da natureza e as ciências do espírito. Enquanto as primeiras objetivam explicar os fenômenos da natureza a partir de leis universais, as segundas visam a compreender uma interioridade através de suas expressões, que podem ser pinturas, músicas, poesias, etc. O primeiro momento do arco hermenêutico constitui a compreensão ingênua do texto, a primeira leitura em primeiro grau de quem lê o texto como manifestação de um psiquismo alheio.

Por meio da **análise estrutural** é possível explicar o texto, perceber suas relações internas e sua estrutura. Este é um exercício de leitura que toma o texto em sua suspensão de significado para nós. A segmentação que procede da análise estrutural estabelece pontos de orientação dentro do relato mesmo como uma lógica da ação, como unidades do relato. Esta lógica da ação consiste em um encadeamento de nós da ação que em conjunto constituem a continuidade estrutural do relato. Este por sua vez, é reduzido a uma combinação de algumas unidades da gramática, é um discurso dirigido pelo narrador a um destinatário.

O conceito de **apropriação** possui duas categorias. A primeira é que uma das finalidades de toda a hermenêutica é lutar contra a distância cultural. Luta que se pode compreender em termos puramente temporais, tais como o distanciamento secular, ou em termos hermenêuticos, trata do distanciamento do sentido mesmo, do sistema de valores sobre o qual o texto se estabelece. Neste sentido, a interpretação aproxima, iguala, converte em contemporâneo e semelhante, tornando próprio aquilo que em princípio era estranho ao leitor.

Devido o distanciamento do sentido que no texto se estabelece como distância cultural, se faz necessário fazer nosso o texto. Dito de outra maneira, mediante a apropriação da interpretação é necessário aproximar, igualar, converter em contemporâneo o que se tornou estranho. Para Ricoeur, a apropriação tem como característica fundamental destacar o caráter cultural da interpretação. Segundo ele, a leitura se assemelha a uma partitura musical; que marca a realização, a atualização de possibilidades semânticas dos textos.

O texto, como escritura, “espera” e necessita ser lido. A leitura só é possível porque o texto não está cerrado em si mesmo, mas está aberto a novas releituras. Ricoeur aponta duas maneiras de ler um texto. A primeira é a de uma atitude explicativa. A qual o leitor expõe como o texto está estruturado. A segunda diz respeito a articulação de um discurso novo ao

discurso do texto. Por seu caráter aberto a possibilidades de releituras a interpretação consiste no cumprimento concreto desta articulação e de uma continuação.

O próprio texto nos orienta dentro dele mesmo. O texto possibilita descobrir as dimensões do mundo do texto. Sua função vai mais além do que assinalar e mostrar o que já existe. Neste sentido, transcende a função da referência aparente vinculado à linguagem falada. Sua função de mostrar é por sua vez uma nova forma de ser, de agir, de pensar.

Tomemos como exemplo uma obra da antiguidade: *Édipo Rei*. A tragédia grega *Édipo Rei* foi escrita por Sófocles e constitui um dos mitos mais revisitados da Antiguidade Clássica. As estruturas da obra de Sófocles nos apresentam aquilo que Ricoeur chama de o mundo do texto. Este não pode ser encontrado fora do texto, mas apenas no texto. Porém, a obra possibilita aos seus leitores diversas re-leituras da obra que podem auxiliá-los na compreensão de si mesmos.

APLICAÇÃO DA PROPOSTA HERMENÊUTICA RICOEURIANA APLICADA AO TEXTO

Vejamos o quadro abaixo:



⁶⁷ Cf. **Escritos e conferências 2: hermenêutica**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011. p. 33. De maneira muito geral a definição de intriga consiste na síntese de elementos heterogêneos: que podem ser eventos e múltiplos incidentes, circunstâncias indesejadas, reuniões por acaso ou intencionadas, interações que colocam os atores em relacionamentos que vão desde o conflito até a colaboração que possibilitam contar uma história com início, meio e fim. Aristóteles em sua obra *Poética* elabora o conceito de intriga, que em grego é chamado de *mythos*, e que pode significar tanto fábula (no sentido de história imaginária) quanto intriga (no sentido de história bem construída). Ricoeur assume este segundo aspecto da ideia de intriga, pois será a partir desse conceito que possibilitará extrair os elementos que podem auxiliar e a reformular ainda mais a relação entre a vida e a história.

Em sua obra *Del Texto a la acción*, Ricoeur diz adotar a seguinte definição do trabalho hermenêutico: esta “es la teoría de las operaciones de la comprensión relacionadas com la interpretación de los textos”⁶⁸. Ao falar em operações Ricoeur está a destacar um arco hermenêutico. O círculo hermenêutico ou arco hermenêutico, como lhe chama Ricoeur apresenta relação que vai da pré-compreensão a compreensão, num processo recorrente, contínuo e sempre inacabado, de compreender mais para compreender melhor e, também se compreender melhor. De acordo com Ricoeur, não há, pois, compreensão sem pré-compreensão, assim como, nunca há uma compreensão ou interpretação última, que por sua vez, cada horizonte a partir do qual se compreende é apenas um horizonte, este horizonte, e podemos sempre retomar o processo, mais tarde, desde um outro horizonte, o que nos permitirá compreender não só mais, mas melhor ou, ainda, de outro modo.

Estabelecemos seis critérios a partir do capítulo 2 da obra de Paul Ricoeur *Del Texto a la acción*, porém, constituem apenas três. Tanto a **Primeira compreensão ingênua** quanto a **pré-compreensão de sua experiência temporal** constituem uma leitura que o leitor realiza como manifestação de um psiquismo alheio, ou seja, o leitor lê o texto limitando-se a encontrar apenas as intenções do autor. Segundo Ricoeur, se faz necessário substituir essa abordagem de caráter espontâneo por uma **explicação estrutural**, que ele assimila à uma análise estrutural dos textos, pois estes são na verdade um discurso fixado pela escrita. A explicação estrutural explica o texto a partir da estrutura interna, como um conjunto de signos fechados em si mesmos e não mais a partir da intenção do autor.

Ricoeur valoriza o conceito de distanciamento, pois este tem como mérito a autonomia do texto em relação a seu autor. De acordo com Ricoeur, a tarefa da hermenêutica consiste em compreender a “coisa” da qual fala o texto e não propriamente o autor. Explicar mais é compreender-se melhor ante a leitura. No entanto, ao evidenciar a autonomia do texto, isso não quer dizer que a interpretação se resume a uma análise estrutural do texto. O que se busca é o sentido desvinculado da intenção do autor e que se torne nosso pela leitura.

A **Compreensão segunda ou apropriação/ Apropriação desta intriga pelo leitor** consiste na busca do sentido do texto que se encerra na compreensão de si efetuada pela

⁶⁸“É a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação de textos” p. 71.

leitura do texto. A Intriga consiste numa composição verbal, a qual seleciona, combina e estrutura acontecimentos e ações relatadas, tornando-as em uma história que tem começo, meio e fim. Por esta razão, a apropriação constitui a fusão entre o “mundo do texto” e “mundo do leitor”, o qual pode ser reconfigurado por meio daquele.

TEXTO 01

“Se, com efeito, a existência precede a essência [...] não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos [...] justificações ou desculpas. [...] É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: editora Nagel, 1970, p. 253-254.

1. Primeira compreensão ingênua. Nesta primeira etapa, o leitor lê o texto buscando uma intenção por trás do texto, ou seja, a intenção do autor, aquilo que ele queria dizer. Ao ler-se o texto do filósofo Sartre, percebe-se o desenvolvimento de argumentos que justifiquem a ideia central de que o “homem é livre e de que está condenado por esta condição de liberdade”.

2. Explicação estrutural do texto/ Composição da Intriga diz respeito aos argumentos pelos quais o filósofo estrutura seu texto.

“a existência precede a essência”	“o homem é livre”
“não há determinismo”	“o homem é liberdade”
“não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento”	“o homem está condenado a ser livre”
“porque não se criou a si próprio”	“é responsável por tudo quanto fizer”

3. A Compreensão segunda ou apropriação/ Apropriação desta intriga pelo leitor. Após as primeiras etapas, primeira compreensão ingênua e explicação estrutural do texto, a

terceira constitui o momento em que o leitor faz sua ou se apropria do mundo do texto. Ele não busca uma intenção por trás do texto tampouco se contenta com a explicação estrutural. Ambas são importantes, mas a terceira o é mais devido o fato de o leitor pode realizar combinações várias pelas quais os acontecimentos se transformam em história. Assim como, dá sentido ao mundo da obra literária. Desta forma, podemos perceber no texto do filósofo Sartre como nossa própria existência consiste em evitar e, não nos abrigarmos com desculpas que justifiquem nossas ações, nossas paixões e tudo o mais. Se nossa existência não tem sentido, podemos, então, projetar nossa própria existência a algo autêntico!?

RECOMENDAÇÕES

Uma vez descrito e analisado os dados obtidos nas duas etapas, questionário e análise textual realizada pelos discentes, do 3º capítulo de nossa dissertação na presente investigação de campo e bibliográfica sobre a Cartilha filosófica: A hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de Filosofia no Ensino Médio. Ressaltamos o uso desta cartilha como meio de comunicação para o ensino e aprendizagem para o alunado do Ensino Médio. Além disso, recomendamos:

- Esta cartilha como produto pedagógico para auxiliar docentes e discentes na disciplina de Filosofia no Ensino Médio.
- Que a cartilha possibilita um enfoque no aprender a aprender, ou seja, que o discente precisa saber não só o que, mas como saber estudar, adquirindo autonomia em sua vida.
- Como ferramenta de comunicação, a cartilha filosófica deve ser, preferencialmente, um projeto coletivo, de construção dialógica, que possibilite o trabalho em equipe e multidisciplinar.
- Como instrumento de auxílio ao docente de filosofia em sala de aula, a cartilha visa complementar os processos de capacitação abordando de forma simples os princípios gerais da hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur.

Diante dos aspectos apresentados e da pesquisa aplicada junto aos discentes do 2º ano da Escola Professora Herondina Caldas, percebemos que na devida escola há a necessidade de uma maior intervenção do docente na disciplina de filosofia no sentido de articular os discentes à leitura dos textos dos filósofos para estarem habituados à linguagem filosófica e, conseqüentemente, o desenvolvimento e fortalecimento da compreensão e interpretação textual.

Espera-se que a *cartilha filosófica – CONTRIBUIÇÕES DE CRITÉRIOS DA HERMENÊUTICA RICOEURIANA NA APLICABILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO* possa contribuir para possibilitar e oferecer aos docentes e discentes uma orientação simples.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. Revisão e tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO. **A doutrina cristã**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- ALEXANDRIA, Filon de. **Obras completas de Filon de Alexandria**. Tradução de José Maria Triviño. Buenos Aires, 1976.
- BARDARI, Sérsi. **A função dos dêiticos na organização do texto**. Disponível em: <http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-fun%C3%A7%C3%A3o-dos-d%C3%A1iticos-na-organiza%C3%A7%C3%A3o-do-texto.pdf> Acesso em: 24/06/2019
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias**: Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: His Life from Letters and Autobiographical Texts**. Zurich: SCM press, 2005
- CAMPENHAUSEN, Hans von. **Os pais da igreja**: a vida e a doutrina dos primeiros teólogos cristãos. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2007.
- CESAR, Constança Marcondes. **A hermenêutica francesa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. 1 ed. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.
- DELORS, Jaques. **Educação**: um tesouro a descobrir – Relatório para Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Editora Cortez, 1998.
- DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Tradução de Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

ERHMAN, Bart. **History of the Bible: The Making of the New Testament Canon**. North Carolina: Editora The Teaching Company, 2013.

FIGUEIREDO, Adriana. **Gramática comentada com interpretação de textos para concursos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.

GALLO, Silvio, CORNELLI, Gabriele, MÁRCIO, Danelon. **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis: editora Vozes, 2003.

GENTIL, Hélio Salles. Historicidade e compreensão das narrativas de ficção a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur. In. **Teoria literária e hermenêutica ricoeuriana: um diálogo possível**. / Adna Candido de Paula, Suzi Frankl Sperber (Organizadoras). – Dourados, MS : UFGD, 2011, p. 177-193.

GRODIN, Jean. **Qué es la hermenéutica?**. Tradução de Antoni Martinez Riu. Barcelona: Editora Herder, 2008.

_____. **Paul Ricoeur**. Tradução de Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **Introducción a la hermenéutica filosófica**. Tradução de Angela Ackermann Pilári. Barcelona: Editorial Herder, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. (parte 1)

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KAMESAR, Adam. **Biblical Interpretation in Philo**. In. (org.), *The Cambridge Companion to Philo*. Cambridge: Editora Cambridge University Press 2009, p. 65-91.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. Brasil: Editora Cosac Naify, 2008.

LDB – **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

OBIOLS, Guilherme. **Uma introdução ao ensino de filosofia**. Tradução de Silvio Gallo. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

Orientações curriculares para o ensino: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: file:///C:/Users/fagne/Desktop/documentos%20sobre%20legislação/book_volume_03_interne t.pdf Acesso em: 31/ 11/ 2019.

ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. tradução Monjas Beneditinas, Antonio Marchionni. São Paulo: Paulus, 2012.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1ª ed. 2014.

_____. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1978.

_____. **El discurso de la acción**. Tradução de Pilar Calvo. Madrid: Editora Cátedra, 1988.

_____. **Escritos e conferências 2: hermenêutica**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

_____. **Freud**: una interpretacción de la cultura. Tradução de Armando Suárez. México: Editora Século XXI, 1990.

_____. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenêutica II. 2 ed. Tradução de Pablo Corona. México: Editora Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. **Hermeneutica e acción**: de la hermenêutica del texto la hermenêutica de la acción. Tradução de Mauricio M. Prelooker, Luis J. Adúriz, Aníbal Fonari, Juan Carlos Gorlier e Maria Teresa La Valle. Buenos Aires: Editora Prometeo, 2008.

_____. **Historia y narratividad**. Tradução de Gabriel Aranzueque Sahuquillo. Barcelona: Editora Paidós, 1999.

_____. **Tempo e narrativa I**. Tradução Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e Narrativa III**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Papyrus, 1997.

_____. “The Text as Dynamic Identity.” In **Identity of the Literary Text**, eds. Mario J. Valdés and Owen J. Miller. Toronto: Editora University of Toronto Press, 1985. 175-186.

_____. **A hermenêutica bíblica**. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

_____. **Retórica, poética y hermenéutica**. Tradução de Gabriel Aranzueque. Madrid: Editora Universidade Autónoma, 1997. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/296/22229_Ret%C3%B3rica%20po%C3%A9tica%20y%20hermen%C3%A9utica.pdf?sequence=1 Acesso em: 20/02/2019

Projeto Político Pedagógico e no blog da escola. Disponível em <http://herondinacaldas.blogspot.com/2012/04/?m=0> acesso em: 13/02/2019

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: editora Nagel, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paese Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D.E. **Hermenêutica** – arte e técnica da interpretação. Tradução de Celso Reni Braidá. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

UNESCO. **Aprender a viver juntos: nós falhamos?**. Brasília: UNESCO, 2003.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001313/131359por.pdf>
Acesso: 22/04/2018

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Tradução: José Carlos Eufrázio. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

VINE, W. E. **Dicionário Vine: o significado exegético das palavras do Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2002

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

APÊNDICE B – COLETA DE DADOS

1 COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO E PROPOSTA PARA INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CONFORME A HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR PARA OS DISCENTES DO 2º ANO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA HERONDINA CALDAS

1.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS DO CONTEXTO ESCOLAR

A Escola Estadual Professora Herondina Caldas⁶⁹ recebeu este nome em homenagem a uma aluna da Escola Normal, que tinha por nome Herondina, pois ela se destacou como uma das concludentes mais brilhantes entre as componentes da turma, obtendo as melhores notas com relação ao índice de aproveitamento.

Presume-se que essa escola tenha sido construída por volta da década de 1930. Por falta de documentos mais precisos, levantou-se a hipótese de que inicialmente a escola tenha recebido inicialmente a nomenclatura de Escola Isolada Professora Herondina Caldas. Após realizado um levantamento nos arquivos da escola, constatou-se que ela havia passado para a categoria de Escolas Reunidas Herondina Caldas, uma vez que no Estado do Rio Grande do Norte existia uma série de escolas isoladas no recém-criado município de Serra Caiada, por isso foi vinculado essas escolas sediadas na zona rural à escola da sede municipal.

Ao serem analisados alguns arquivos da Câmara Municipal, foram encontrados requerimentos de vereadores solicitando ao senhor Sílvio de Araújo Sales, o prefeito da cidade de Serra Caiada em 1956, ações no sentido de solicitar ao governo do Estado a transformação do Grupo Escolar Professora Herondina Caldas para Escola Estadual Professora Herondina Caldas. No entanto, a escola só viria a receber a denominação de Escola Estadual Professora Herondina Caldas de Ensino Fundamental e Médio, no ano de 1997.

Na época do então Presidente do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, a escola passa finalmente a ter a sua sede própria. Foi construída na rua da igreja, hoje, rua Nossa Senhora da Conceição, um prédio com uma sala de aula, área de recreação, circulação, banheiros e

⁶⁹Informações obtidas no Projeto Político Pedagógico e no blog da escola. Disponível em <http://herondinacaldas.blogspot.com/2012/04/?m=0> acesso em: 13/02/2019.

uma casa para acomodar o professor. Tratava-se de uma construção sólida, cercada por muros e em seguida transformou-se (não obtivemos a informação de quanto tempo levou para ser realizada esta transformação) em um Clube Social, e no ano de 1998, foi demolida para dar lugar à construção de uma quadra que posteriormente, transformou-se em um Ginásio Poliesportivo. No dia 11 de agosto de 1969, o prefeito daquele ano, José Absalão Tinôco doou terreno pertencente à prefeitura para construir a nova escola. Desde então, a escola está localizada na rua Padre Antônio Vilela Dantas, 165.

Atualmente, a infraestrutura da escola dispõe de um terreno equivalente a 3.500m², com uma área construída de 1.795m² em pavimentação térrea, possui em suas dependências administrativas: banheiros, área de recreação e corredores de circulação, cantina e cozinha. Após duas ampliações, o prédio atual está dotado de dez salas de aula, uma quadra poliesportiva coberta, uma biblioteca, uma sala de ciências, uma sala de coordenação pedagógica, almoxarifado, duas salas para a administração, secretaria e direção, uma para professores, banheiros, cozinha, refeitório e um auditório. Há ainda uma quadra de esporte coberta usada para as aulas de Educação Física e recreação.

No que diz respeito à acessibilidade, a escola conta com vias de acesso com rampas na entrada e na parte interna do prédio, mas ainda não possui banheiros adaptados para cadeirantes, bem como ainda não dispõe de sala de recursos multifuncionais para atender alunos com deficiências. No Projeto Político Pedagógico da escola consta alguns empecilhos pelos quais resulta em dificuldade para o ensino/aprendizagem nas disciplinas lecionadas: a deficiência de ler, escrever, interpretar e compreender textos, indisciplina e falta de interesse do discente pelo aprendizado.

Na Escola Estadual Professora Herondina Caldas, nas modalidades do ensino fundamental e médio estão matriculados atualmente 631 alunos, assim distribuídos:

- Ensino Fundamental anos iniciais: 83
- Ensino Fundamental anos finais: 135
- Ensino Médio Regular 278:
- Ensino Médio EJA: 135

Após essa breve consideração histórica sobre o ambiente no qual realizamos nossa pesquisa, apresentaremos em seguida a aplicabilidade de elaboração de uma “ferramenta” com a finalidade de auxiliar os alunos na leitura dos textos filosóficos. A “ferramenta” da qual falamos trata-se, na verdade, da hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur.

1.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA ANÁLISE TEXTUAL REALIZADA PELOS DISCENTES

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013), as pesquisas científicas tanto qualitativa quanto quantitativas utilizam processos meticulosos e sistemáticos, sendo realizados por observações, os quais avaliam fenômenos, estabelecem premissas e fundamentam suas bases teóricas. Além disso, revisam premissas baseadas em testes ou análises e propõem novas observações e reavaliações para informar e gerar novas ideias.

A investigação de caráter quantitativa possui características peculiares: ela é sistemática, controlada e ordenada. O processo da pesquisa quantitativa conta várias etapas, igualmente importantes, para obter resultados válidos e confiáveis. Isso envolve o desenvolvimento de um plano detalhado de procedimentos para obter as informações de acordo com os objetivos e propósitos da investigação.

Pelas razões acima apresentadas, com o objetivo de gerar conhecimento e auxiliar tanto os docentes quanto os discentes na aula de filosofia no ensino médio e para um melhor desenvolvimento de nossa pesquisa junto aos discentes do 2º ano da Escola Estadual Professora Herondina Caldas, realizamos o processo em duas etapas: na primeira etapa aplicamos um questionário a fim de diagnosticarmos o contexto relacional do discente em compreender e interpretar textos. A segunda etapa constitui a aplicação prática de critérios da hermenêutica ricoeuriana: mundo do texto, mundo do leitor, apropriação, pré-compreensão, explicação estrutural, etc. Para isso, selecionamos alguns textos para que os discentes os interpretassem conforme a hermenêutica de Paul Ricoeur.

O questionário (1ªEtapa) tanto quanto a análise textual (2ªEtapa) estão disponíveis no apêndice para eventual consulta dos leitores. O questionário possui um total de 17 questões que visam obter informações a respeito da relação dos discentes com a leitura, compreensão e interpretação textual. Para a análise textual foram disponibilizados três textos: dois de Filosofia (*O existencialismo é um humanismo* do filósofo Sartre e a *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty, ambos tratam a respeito da liberdade; o terceiro texto, é um trecho da escritura judaico-cristã (Gênesis 1: 26-27; 2:7-17).

1.2.1 ETAPA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Dos 28 discentes que compõem a turma do 2º ano do Ensino Médio, apenas 14 se dispuseram a participar da pesquisa sobre *A hermenêutica ricoeuriana e suas implicações para o ensino de Filosofia no Ensino Médio*. Dos discentes que participaram e responderam ao questionário, pudemos perceber de suas respostas às questões que eles possuem certa familiaridade com a leitura. A seguir exporemos e faremos sucintos comentários a respeito dos dados coletados junto aos alunos da referida série acima mencionada.

Turma: 2º ano

1ª questão: A idade dos discentes que participaram da pesquisa varia entre os 15 e 18 anos.

2ª questão: Do total de 14 discentes participantes, 06 são do sexo masculino e 08 do feminino.

3ª questão: Você gosta de ler? () sim () não () só na sala de aula () depende da leitura

- Entre as alunas: 6 disseram que gostam de ler. As outras 2 gostam de ler, mas depende de qual leitura (porém, não especificaram quais eram).
- Entre os alunos: 2 disseram que gostam de ler. Os outras 4 gostam de ler, mas que depende de qual leitura (porém, não especificaram quais eram).

4ª questão: Qual ou quais o(s) tipo/s de leitura/s que mais lhe agrada?

- Os tipos de leituras que mais agradam os discentes, são por ordem decrescente:

Entre as alunas:

- (7) conteúdos de disciplinas nos livros didáticos
- (7) narrativas (romance, novela, conto, crônica)
- (5) Religiosos
- (4) poesia
- (4) Ficção científica
- (3) história em quadrinhos
- (3) dramaturgia (textos para peças teatrais)

- (3) jornal
- (3) Suspense
- (3) Ciências
- (3) Filosofia
- (1) folheto de cordel
- (1) revista
- (1) Humor

Entre os alunos:

- (3) História em quadrinhos
- (3) Ficção científica
- (4) Humor
- (3) Religiosos
- (2) narrativas (romance, novela, conto, crônica)
- (2) Ciências
- (1) revista
- (1) conteúdos de disciplinas nos livros didáticos
- (1) Filosofia
- (1) Poesia

5ª questão: Por que a leitura, a compreensão e a interpretação são tão necessárias numa era digital como a nossa?

- Segundo os discentes a leitura, a compreensão e a interpretação possibilitam uma melhor educação ao indivíduo, um aprendizado para a vida e não apenas para o mercado de trabalho. Permite-os alcançar esclarecimento entre tantas informações desconexas da realidade (eles estejam se referindo as fake news). Ajudam a melhorar os relacionamentos inter-humano, pois “muitas pessoas não entendem direito algumas coisas e acabam provocando discussão” ou discussões. Auxilia-os a “discernir melhor as palavras, as frases e os textos”. Fornece-os o elemento a leitura paciente, necessário para o “perfil do leitor com pouca paciência, como é típico dos jovens que gostam de leitura cheia de idas e vindas, dinâmicas e mais lúdicas”. A “pouca paciência” de alguns jovens em ler parece estar relacionado a estarem muito ocupados nas redes sociais, o que os levam a ter interesse pelos bate-papos, pela internet, pelos games e

vídeos disponíveis sempre de maneira rápida e fragmentada. Daí a razão de os/as alunos/as considerarem a leitura, a compreensão e a interpretação como “condições necessárias para [...] o mundo digital”.

6ª questão: Ler um livro impresso ou livro digital faz diferença na compreensão ou interpretação do que está sendo lido?

- 4 discentes responderam que faz diferença entre ler no livro digital ou no livro impresso. Segundo eles, os livros digitais possibilitam mais agilidade na leitura e mais facilidade em manuseá-los, devido a algumas funções de navegação no livro digital, tais como: a lupa, ampliação do texto para facilitar a visualização das palavras, adicionar anotações, selecionar e compartilhar quase que instantaneamente excertos do texto, etc.
- 7 discentes falaram que não há diferença alguma. Tanto o livro digital quanto o livro impresso requerem do leitor a habilidade de compreender e interpretar.
- 1 aluno chegou a dizer que “eu gosto de ter os livros nas mãos, senti-los, sinto-me mais conectado com o contexto abordado”. Outro discente disse que a leitura no “livro digital cansa a nossa visão mais rápido”.
- 1 aluno afirma que a leitura de livros nos smartphones pode não ser recomendada, pois as notificações acabavam tirando o foco atenção do leitor.

7ª questão: Há algum local específico para realizar as leituras?

- 6 discentes nos informaram que não há um lugar específico para leitura. Esta pode se realizar em qualquer lugar e momento.
- Os outros 8 alunos entendem que se faz necessário um ambiente calmo, tranquilo e silencioso para um melhor desenvolvimento da leitura. Ainda especificaram a importância da biblioteca e o quarto de casa como ambientes satisfatórios para a leitura.

8ª questão: Você costuma frequentar bibliotecas, ler textos na internet ou pedir livros emprestados aos colegas?

- 8 alunos/as não costumam frequentar a biblioteca, mas têm acesso a textos na internet.
- Os outros 6 frequentam a biblioteca da escola periodicamente e leem textos na internet.

9ª questão: Que importância a prática de leitura tem para o dia a dia das pessoas?

- Todos os discentes acreditam que a leitura possibilita alguma habilidade para o leitor.

Fundamental para o desenvolvimento humano	8
Melhorarmos nosso vocabulário	9
Conseguirmos melhor nos comunicarmos	7
Estimular nossa imaginação	9

Obs: a quantidade informada acima se refere a soma das várias escolhas dos discentes.

10ª questão: A palavra **COMPREENDER**, o que ela significa quando aplicada ao texto?

- De maneira geral, os discentes assimilam o verbo **COMPREENDER** como “entender o que está escrito no texto” ou seguir o que o “autor ou narrador quer passar para cada um de nós, de acordo com o que está no texto”. Fica evidente que na concepção dos discentes o **COMPREENDER** está relacionado a receber informação do que está no texto.

11ª questão: A palavra **INTERPRETAR**, o que ela significa quando aplicada ao texto?

- 8 discentes assimilam o verbo **INTERPRETAR** como sinônimo de **COMPREENDER**.
- Mas para os demais (6), **INTERPRETAR** corresponde a “traduzir textos”, ou seja, tornar significativo aquilo que está sendo lido para a vida deles. Interpretar seria um passo adiante a compreender, ou seja, significa “adivinhar a significação de algo”, ou seja, consiste em tirar nossas próprias conclusões, entrar no texto, se envolver com o que está sendo exposto”. Para este grupo de discentes, a ação de **INTERPRETAR**

um texto corresponde a uma apropriação, no sentido de que o que está escrito no texto possa ter certa conexão com o contexto deles.

12ª Questão: Nas aulas de Filosofia, qual ou quais períodos mais lhes interessam?

Filosofia Antiga	8
Filosofia Helenística	0
Filosofia Medieval	6
Filosofia Renascentista	5
Filosofia Moderna	6
Filosofia Contemporânea	7

Obs: a quantidade informada acima se refere a soma das várias escolhas dos discentes.

13ª questão: Quais temas nas aulas de Filosofia mais despertam o seu interesse?

A mitologia grega	5
Amizade	6
Amor	4
Ciências	2
Deus	12
Ética e Moral	6
Felicidade	6
Lógica	9
Morte	3
Política	4
Religião	7

Obs: a quantidade informada acima se refere a soma das várias escolhas dos discentes.

14ª questão: Qual ou quais dificuldades lhe surge ao ler um texto de Filosofia?

- O relato de alguns discentes em relação à leitura de textos de Filosofia está relacionado ao desconhecimento de palavras (conceitos) utilizados pelos filósofos. Para outros, a dificuldade reside no fato de o “tratado filosófico ter um estilo retórico de outra época” de quando o texto foi escrito.

15ª Questão: Que estratégias devem ser tomadas para que possamos melhorar o processo de interpretação/compreensão de textos?

Estabelecer relações entre o que é conhecido e o que é lido	8
Sublinhar as principais ideias em um texto	10
Visualizar ou criar imagens a partir da leitura	3

16ª questão: Qual ou quais dificuldades podem surgir em compreender e interpretar o conteúdo filosófico?

- Um discente sugeriu colocar-se no lugar do autor para superar a dificuldade em compreender e interpretar o conteúdo filosófico.
- Outro/a dificuldade(s) em compreender e interpretar o conteúdo filosófico, segundo outro discente, está no fato de “as palavras usadas já que não conhecemos e nem usamos no diálogo diário”.

17ª questão: Qual a importância da leitura, da compreensão e da interpretação numa sociedade marcada pelas tecnologias da informação?

- Segundo alguns discentes a leitura “aprimora o vocabulário e dinamiza o raciocínio”. Permite-os identificar falsos discursos, compreender a realidade em que estão inseridos, e potencializar a “formação da consciência crítica e melhor compreensão do mundo ao nosso redor”. Para os discentes, consciência crítica consiste na possibilidade de refletirmos sobre a realidade a em que vive. Por esta razão, “é importante compreender e interpretar as informações para que não sejamos enganados e para não partilhar mentiras com as pessoas”.
-

1.2.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS DISCENTES SOBRE O QUESTIONÁRIO

São discentes que de certa maneira leem, mas que ainda falta uma aprimoração na leitura textual. Isso ficou evidente a partir de algumas interpretações que realizaram. A questão quatro que pergunta aos discentes: “Qual ou quais o(s) tipo/s de leitura/s que mais lhe agrada?” é significativa para nos orientarmos para os gêneros literários que mais agradam o alunado. Entre as alunas, o tipo de leitura que mais lhes interessam constitui os “conteúdos de disciplinas dos livros didáticos”, seguido dos textos narrativos (romance, novela, conto, crônica). A primeira opção dos alunos foi o gênero Humor, seguido do História em quadrinhos e ficção científica. A percepção que tivemos é a de que as escolhas dos alunos possuem mais veracidade do que as das alunas. Isso devido ao fato de observarmos no cotidiano em sala de aula que ambos não estão muito interessados nos conteúdos disciplinares.

Os discentes reconhecem a real necessidade de ampliar o exercício da leitura, da compreensão e interpretação. Estão cientes de quão são fundamentais para nosso desenvolvimento humano e profissional. Por esta razão, alguns especificaram a importância de um lugar reservado para leitura, como em quartos pessoais e bibliotecas.

Ensinar a disciplina de Filosofia no Ensino Médio requer muita flexibilidade por parte do docente, pois exige dele a capacidade de vincular o conteúdo e o contexto do alunado. Nas questões 12^a e 13^a, nas quais foram abordadas, respectivamente, os períodos e os temas da Filosofia as escolhas dos discentes foram a Filosofia Antiga, Moderna e Contemporânea; Deus, Lógica e Religião. Daí a importância de o docente poder elaborar o plano de aula a partir de informações coletadas antecipadamente das turmas que ele terá de lecionar. Não significando isto o desleixo com os demais períodos e temas, pois ele irá trabalhá-los, mas enfatizará aqueles que mais são interessantes ao alunado.

Por fim, a leitura, a interpretação e a compreensão são ferramentas fundamentais para auxiliar o alunado numa sociedade caracterizada pelas tecnologias da informação. Pelas ferramentas referidas, os discentes podem identificar os falsos discursos, fake news, assim como, adquirir capacidade crítica para analisar o mundo em que estão inseridos.

1.3 2ª ETAPA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE TEXTUAL

Dos discentes que participaram da pesquisa e que contribuíram para a análise textual, as interpretações que fizeram dos textos foram razoáveis. De um total de 14 participantes, 10 foram os que mais se apropriaram dos critérios propostos para a análise textual e destes 10, 4 enfatizaram que os critérios foram bastante satisfatórios na análise que realizaram dos textos. Por esta razão, daremos prioridade a análise destes quatro participantes. Desta forma, farei a transcrição das análises textuais feitas pelos discentes sob a numeração **TEXTO DO DISCENTE 01, TEXTO DO DISCENTE 02, TEXTO DO DISCENTE 03 e TEXTO DO DISCENTE 04.**

TEXTO DO DISCENTE 01

“**Texto 1:** Analisando o texto, podemos ver que primeiro existimos e depois, constituímos nossa essência por intermédio de nossas ações. Se realmente for assim, não podemos explicar as coisas dizendo apenas “é da minha natureza fazer isso” ou “sou assim porque Deus quer”, se somos livres para fazer nossas escolhas não podemos dar desculpas ou justificativas. Sendo assim, eu não escolho onde vou nascer, se vou ser pobre ou rico, mas sou jogado no mundo, existo. E eu mesmo, vou dar um significado a minha vida. Posso ser médico, escritor, professor, músico ou continuar sem fazer nada, eu que vou fazer minhas escolhas e se eu falhar, serei o próprio culpado. Afinal, temos a total responsabilidade por aquilo que somos”.

“**Texto 2:** Segundo o que analisei e entendi desse texto, a liberdade não é uma dádiva, pois assim que nascemos, já nos são impostos uma série de limitações. Mas é algo que temos que conquistar com o passar do tempo, através de nossos conhecimentos. Pois vivemos em um mundo formado, que não está completamente desenvolvido. Precisamos nos abrir a novas possibilidades e ir contra, ao que dizem ser uma verdade absoluta”.

“**Texto 3:** tendo como base o texto e alguns conhecimentos posso interpretar o texto da seguinte forma: eles não poderiam comer da árvore do conhecimento do bem e do mau, pois era um direito do criador (Deus), escolher aquilo que é melhor para suas criaturas. Comer do fruto não se tratava apenas de desobediência ou roubo, era um tipo de tentativa de conseguir independência. A serpente conseguiu enganar eles, mas eles não perceberam que ainda assim, não obtiveram o mesmo conhecimento de Deus sobre o que é bom e mau. Eles apenas sentiram culpa, vergonha, insegurança e foram jogados para fora do jardim, perdendo a felicidade, o paraíso e a vida eterna. Ganhando apenas uma vida de pecado, sofrimento e morte. Mas hoje, podemos voltar a ser livres, por intermédio de Cristo Jesus, pois onde

abundou o pecador, superabundou a graça (ROMANOS: 5:20). Deus quer nos SALVAR, mesmo sendo pecadores”.

“obs: os critérios propostos pelo filósofo Paul Ricoeur ajudam bastante. Pois percebemos que ao interpretar textos antigos podemos relacionar com os dias de hoje. Abrir nossa mente para o que o autor quer dizer e também para o que nós pensamos sobre o que está escrito”.

TEXTO DO DISCENTE 02

“**Texto 1:** nesse texto entendo que se refere à liberdade do homem, que não há determinação alguma sobre o que o homem pode ou não fazer, mesmo que não haja “certeza” da existência de Deus. As pessoas não devem justificações de seus atos. O 2º critério do arco da interpretação foi de extrema ajuda para interpretar esse texto”.

“**Texto 2:** o texto está ligado ao primeiro, mas vai falar também que o mundo está em estado de repouso, mas que cada dia está se constituindo em novas ideias, novas formas de pensar e etc. O 3º critério ajuda muito na interpretação do texto”.

“**Texto 3:** De acordo com o 4º critério, me vem na mente que o texto em si, fala sobre um capítulo da Bíblia que está inserido no Velho Testamento. Vai explicar a parte em que Deus está criando o Homem semelhante a Ele e que ele dominaria todos os animais. A desobediência do Homem foi a causa de ele ter feito Deus se entristecer para com ele.”.

“observação: todos os critérios falados na página anterior a essa, foram e são muito satisfatórios, e devem ser aplicados em nossas interpretações de textos”.

TEXTO DO DISCENTE 03

“**Texto 1:** com base no que está inserido no texto, posso entender que fala sobre liberdade do homem, dizendo que sem a existência de Deus o homem não é legalizado a fazer certos tipos de comportamento, e que se ele fizer, ninguém será culpado pela ação dele e que não terá desculpas para se defender porque sabia que era errado, então, todo comportamento maléfico dele que fizer. Ele mesmo será culpado por desobedecer”

“**Texto 2:** Nesse outro texto, interpreto da seguinte maneira, o autor (pelo que entendi) está falando que no mundo em que vivemos ele é constituído, mas nunca completamente constituído, porque em momento somos exigidos, não podendo expressar aquilo que

queremos expressar, e ao mesmo tempos, podendo expressar tudo mesmo, ou seja, segundo o autor, nunca poderemos expressar aquilo que queremos, aquilo que muitas vezes poderia mudar algo, ao contrário seremos livres para dizer que convém no mundo”.

“**Texto 3:** Nesse texto bíblico, nos mostra a criação do homem e seus primeiros “trabalhos” para fazer. Nele, podemos ver que Deus criou o homem e o colocou no jardim do Éden uma história conhecida que é bem impactante, pois antes (tinha) intimidade com Deus, mas quando chega o momento em que ele como (do) fruto proibido, aí vem o que chamo de “impactante”. Pense um pouco, se Adão e Eva não tivessem comido, o mundo em que vivemos não seria este agora, não seria essa realidade, acho que isso foi um momento bem marcante, porque a Bíblia mesmo fala que “porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”, mas tem um porém, no meio dessa história aí, porque Deus enviou o seu filho para que toda a humanidade reconciliasse com ele. Jesus morreu na cruz para que mesmo com o mundo distante de Deus, tivéssemos esperança ainda e por fim, através de Adão e Eva, toda a humanidade se distanciou de Deus, mas através de Jesus, toda humanidade tem uma esperança, uma salvação”.

“obs: os critérios (todos eles) são muito bom para ajudar, pois eles são ferramentas que vão ajudar em muitos momentos de nossas vidas”.

TEXTO DO DISCENTE 04

“**Texto 01:** A explicação estrutural do texto me ajudou a entender o existencialismo é um humanismo, como a seguinte interpretação textual: se a existência a nós “Deus”, somos livres de justificações ou desculpa, já que nos privamos de algo, por achar com um olhar cristão, que é errado, e Deus não vai gostar ou aceitar, e vai acabar nos punindo. Nós, no entanto, não estamos livres porque não criamos a nós mesmos, somos responsáveis, nas leis, nas crenças por tudo que fizemos no mundo”.

“**Texto 02:** a pré-compreensão de sua experiência temporal me ajudou a entender pelo que vivi, que o conceito de liberdade nos prende mais que a prisão, já não somos completamente livres para fazermos nossas escolhas”.

“**Texto 03:** Deus criando o homem a sua imagem e semelhança, dando-lhe o “poder” de dominar sobre toda a terra, ordenou que ele não comesse de determinada árvore, porque no dia que comesse terás que morrer”

“OBS: os critérios ajudam muito na interpretação e compreensão dos textos, pois nos dá uma melhor explicação de como devemos interpretar cada texto, e entender o que ele nos transmite”.

1.3.1 COMENTÁRIO SOBRE AS ANÁLISES TEXTUAIS REALIZADAS PELOS DISCENTES

Nosso objetivo ao aplicarmos a análise textual com o auxílio de alguns critérios a partir da hermenêutica ricoeuriana foi a de buscarmos uma “ferramenta” que auxilie o docente da disciplina de Filosofia no Ensino Médio em sua prática no dia a dia na educação, além, é claro, de auxiliar o alunado na interpretação e compreensão textual.

Das quatro análises acima, pudemos perceber que os discentes buscaram se valer dos critérios para abordar os textos. Isso podemos inferir a partir de algumas falas deles, tais como:

TEXTO DO DISCENTE 04	FALA
1. Primeira compreensão ingênua	
2. Explicação estrutural do texto	“analizando o texto”
3. Compreensão segunda ou apropriação	“eu mesmo, vou dar um significado”
4. A pré-compreensão de sua experiência temporal	
5. Composição da Intriga	“tendo como base o texto”
6. Apropriação desta intriga pelo leitor	“se realmente for assim” “segundo o que analisei e entendi desse texto”

TEXTO DO DISCENTE 02	FALA
1. Primeira compreensão ingênua	
2. Explicação estrutural do texto	
3. Compreensão segunda ou apropriação	
4. A pré-compreensão de sua experiência temporal	
5. Composição da Intriga	“Nesse texto” “o texto em si”

6. Apropriação desta intriga pelo leitor	“o texto está ligado ao primeiro”
--	-----------------------------------

TEXTO DO DISCENTE 03	FALA
1. Primeira compreensão ingênua	
2. Explicação estrutural do texto	“com base no que está inserido no texto”
3. Compreensão segunda ou apropriação	
4. A pré-compreensão de sua experiência temporal	
5. Composição da Intriga	“Nesse texto bíblico”
6. Apropriação desta intriga pelo leitor	“com base no que está inserido no texto, posso entender” “interpreto da seguinte maneira”

TEXTO DO DISCENTE 01	FALA
1. Primeira compreensão ingênua	
2. Explicação estrutural do texto	“a explicação estrutural do texto me ajudou a entender”
3. Compreensão segunda ou apropriação	
4. A pré-compreensão de sua experiência temporal	“a pré-compreensão de sua experiência temporal me ajudou a entender pelo que vivi”
5. Composição da Intriga	
6. Apropriação desta intriga pelo leitor	

A partir da fala dos discentes acreditamos que os critérios propostos para análise textual possibilitaram um novo “olhar” sobre o(s) texto(s), pois eles começaram a entender a importância de saber que o texto está constituído por estruturas e, que eles, os discentes,

podem se apropriarem do texto para ressignificarem. Eles também perceberam a importância da pré-compreensão para começarem a “entrar” no mundo do texto.

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO

1ª Etapa/ questionário

Pesquisa: A hermenêutica ricoeuriana e suas implicações para o ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Pesquisador: Mestrando Fagner Veloso da Silva

Informações ao respondente:

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado Profissional em Filosofia, realizada na Universidade Federal de Campina Grande. Os resultados obtidos serão utilizados, apenas, para fins acadêmicos, dissertação de mestrado, sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

O questionário é sigiloso, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas, nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.

Obrigado pela colaboração!

QUESTIONÁRIO

Turma:

2º ano A

1ª Questão: Idade: _____

2ª Questão: Sexo: MASCULINO

FEMININO

3ª Questão: Você gosta de ler? () sim () não () só na sala de aula () depende da leitura

4ª Questão: Qual ou quais tipo/s de leitura/s mais lhe agrada?

- conteúdos de disciplinas nos livros didáticos
- poesia
- história em quadrinhos
- dramaturgia (textos para peças teatrais)
- folheto de cordel
- jornal
- revista
- narrativa (romance, novela, conto, crônica)
- Ficção científica
- Suspense
- Ciências
- Filosofia
- Humor
- Religiosos
- outro:

5ª Questão: Por que a leitura, a compreensão e a interpretação são tão necessárias numa era digital como a nossa?

6ª Questão. Ler um livro impresso ou livro digital faz diferença na compreensão ou interpretação do que está sendo lido?

7ª Questão: Há algum local específico para realizar leituras?

8ª Questão: Você costuma frequentar bibliotecas, ler textos na internet ou pedir livros emprestados aos colegas?

9ª Questão. Que importância a prática de leitura tem para o dia a dia das pessoas?

Fundamental para o desenvolvimento humano	
Melhorarmos nosso vocabulário	
Conseguirmos melhor nos comunicarmos	
Estimular nossa imaginação	

Outra(s) importância(s)?

10ª Questão: A palavra **COMPREENDER**, o que ela significa quando aplicada ao texto?

11ª Questão: A palavra **INTERPRETAR**, o que ela significa quando aplicada ao texto?

12ª Questão: Nas aulas de Filosofia, qual ou quais períodos mais interessam?

Filosofia Antiga	
Filosofia Helenística	
Filosofia Medieval	
Filosofia Renascentista	
Filosofia Moderna	
Filosofia Contemporânea	

13ª Questão: Quais temas nas aulas de Filosofia mais despertam o seu interesse?

A mitologia grega	
Amizade	
Amor	
Ciências	
Deus	
Ética e Moral	
Felicidade	
Lógica	
Morte	
Política	
Religião	

Outro(s)tema(s)?

14ª Questão: Qual ou quais dificuldades há ao ler-se um texto de Filosofia?

15ª Questão: Que estratégias devem ser tomadas para que possamos melhorar o processo de interpretação/compreensão de textos?

Estabelecer relações entre o que é conhecido e o que é lido	
Sublinhar as principais ideias em um texto	
Visualizar ou criar imagens a partir da leitura	

Outra(s)estratégias(s)?

16ª Questão: Qual ou quais dificuldades há em compreender e interpretar o conteúdo filosófico?

17ª Questão: Qual a importância da leitura, compreensão e interpretação numa sociedade marcada pelas tecnologias da informação?

APÊNDICE D – ANÁLISE TEXTUAL

Pesquisa: A hermenêutica ricoeuriana e suas implicações para o ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Pesquisador: Mestrando Fagner Veloso da Silva

ANÁLISE TEXTUAL

A seguir, leia e interprete os seguintes textos, porém, antes de prosseguir com a leitura e interpretação textual, siga alguns critérios propostos pelo filósofo Paul Ricoeur para a realização de uma interpretação.

O arco da interpretação		
1. Primeira compreensão ingênua	2. Explicação estrutural do texto	3. Compreensão segunda ou apropriação
4. A pré-compreensão de sua experiência temporal	5. Composição da intriga	6. Apropriação desta intriga pelo leitor

1. Primeira compreensão ingênua: constitui a leitura em primeiro grau que lê o texto como manifestação de um psiquismo alheio, ou seja, do autor, mais especificamente, aquilo que o autor quer dizer.

2. Explicação estrutural do texto: consiste em explicar o texto a partir de sua própria lógica interna como um conjunto de signos fechado em si mesmo.

3. Compreensão segunda ou apropriação: a partir dos dois momentos anteriores é possível tornar nosso aquilo que estava distante, ou seja, o sentido do texto não está no que seu autor quis transmitir, mas no “mundo do texto” que consiste na autonomia que o texto possui ao se desvincular do seu autor.

4. A pré-compreensão de sua experiência temporal: trata-se da vivência pré-compreensiva que o homem possui do mundo, pois a partir da experiência adquirida ao longo da vida ele tem capacidade para iniciar uma compreensão textual.

5. Composição da Intriga: a intriga ou fábula são termos possíveis para a tradução da palavra grega *mûthos*. Segundo Paul Ricoeur, a intriga consiste na seleção e combinação de acontecimentos e ações relatados, que convertem a fábula em uma história completa, que tem começo, meio e fim.

6. Apropriação desta intriga pelo leitor: No que diz respeito, principalmente, a obras antigas, Ricoeur afirma ser muito importante o conceito de apropriação, pois uma das finalidades de toda hermenêutica é lutar contra a distância cultural e temporal. Apropriar-se é conseguir que o que era alheio se torne próprio. Para Ricoeur, apropriar é tornar contemporâneo o que em princípio era estranho, ou seja, interpretar, nesse sentido, é aproximar, igualar, tornar contemporâneo e semelhante, o que era a princípio, estranho.

Texto 01

“Se, com efeito, a existência precede a essência [...] não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos [...] justificações ou desculpas. [...] É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: editora Nagel, 1970.

p. 253-254.

Texto 02

“O que é então a liberdade? Nascer é ao mesmo tempo nascer do mundo e nascer no mundo. O mundo está constituído, mas também não está nunca completamente constituído. Sob o primeiro aspecto, somos solicitados, sob o segundo somos abertos a uma infinidade de possíveis. [...] Portanto, nunca há determinismo e nunca há escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca sou consciência nua.”

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 608.

Texto 03

“Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra". Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. [...] Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente. Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. [...] Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar. E Iahweh Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer.”

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995, 7ª Impressão. p. 1-3.

ANEXO E – TEXTO DO DISCENTE 01

Texto 1: Analisando o texto, podemos ver que primeiro existimos e depois, constituímos nossa existência por intermédio de nossas ações. Se realmente for assim, não podemos explicar as coisas dizendo apenas "é toda minha natureza fazer isso" ou "usei assim porque Deus quer", se usamos livros para fazer nossas escolhas não podemos dar desculpas ou justificativas. Sendo assim, eu não escolho onde vou nascer, se vou ser pobre ou rico, mas vou jogar no mundo, existir. E eu mesmo, vou dar um significado à minha vida. Posso ser médico, escritor, professor, músico ou continuar sem fazer nada, eu que vou fazer minhas escolhas e se eu falhar, serei o próprio culpado. Afinal, temos a total responsabilidade por aquilo que usamos.

Texto 2: Segundo o que analisei e entendi desse texto, a liberdade não é uma utopia, pois assim que nascemos, já nos são impostas uma série de limitações. Mas é algo que temos que conquistar com o passar do tempo, através de nossos conhecimentos. Pois visemos em um mundo formado que não está completamente desenvolvido. Precisamos nos abrir as novas possibilidades e ir contra, ao que dizem ser uma verdade absoluta.

Texto 3: Tendo como base o texto e alguns conhecimentos posso interpretar o texto da seguinte forma: eles não poderiam comer do fruto da árvore de conhecimento do bem e do mal, pois era um direito de Criador (Deus), escolher aquilo que é melhor para suas criaturas.

Comer do fruto não se tratava apenas de desobediência ou rebeldia, era um tipo de tentativa de conseguir independência. A serpente, conseguiu enganar eles, mas eles perceberam que ainda assim, não obtiveram o mesmo conhecimento de Deus, sobre o que é bem ou mal. Eles apenas sentiram culpa, vergonha, insegurança e foram jogados para fora do jardim perdendo a felicidade, o paraíso e a vida eterna. Ganhando apenas uma vida de pecado, sofrimento e a morte. Mas hoje, podemos voltar a ser livres, por intermédio de Cristo Jesus, pois onde abundou o pecado, superabundou a graça (Romanos 5:20). Deus quer nos SALVAR, mesmo sendo pecadores.

Obs: Os critérios propostos pelo filósofo Paul Ricoeur, ajudam bastante. Pois percebemos que ao interpretar textos antigos podemos relacionar com os valores de hoje. Abrir nossa mente para o que o autor quer dizer e também para o que nos pensamos sobre o que está ali escrito.

ANEXO F - TEXTO DO DISCENTE 02

Interpretação

TEXTO 1: Nesse texto, Entendo que se refere à liberdade do Homem, que não há determinação alguma sobre o que o Homem pode ou não fazer, mesmo que não haja "certeza" da existência de Deus. As Pessoas não devem justificações de seus atos. O 2º Critério do arco da interpretação, foi de extrema ajuda para interpretar esse texto.

TEXTO 2: O texto está ligado às Primeiras, mas, vai falar também que o mundo nunca está em estado de Repouso, mais que a coisa dele está se constituindo em novos ideais, novas formas de pensar e etc. O 3º critério ajuda muito na interpretação do texto.

TEXTO 3: De acordo com o 4º critério, me vem na mente, que o texto em si, fala sobre um capítulo da Bíblia, que está inserido no Velho Testamento. Vai explicar a parte em que Deus está criando o Homem semelhante a ele e que ele obediência aos animais. A desobediência do Homem foi o causa de ele ter feito Deus se irritar com ele.

Observações: todos os Critérios falados na Página anterior a essa foram e não muito satisfatórios, e devem ser aplicados em nossas interpretações de textos.

ANEXO G - TEXTO DO DISCENTE 03

Texto 1: Com base no que está inserido no texto, posso entender que fala sobre a liberdade do homem, dizendo que sem a existência de Deus, o homem não é legalizado a fazer certos tipos de comportamento, e que se ele fizer, ninguém será culpado pela ação dele e que ele não terá desculpas para se defender porque sabia que era errado, então, todo comportamento malefício dele que fizer, ele mesmo será culpado por desobedecer.

Texto 2: Nesse outro texto, interpreto da seguinte maneira, o autor (pelo que entendi está falando que no mundo em que vivemos, ele é constituído, mas nunca completamente constituído, porque em momentos somos exigidos, não podemos expressar aquilo que queremos expressar, e ao mesmo tempo, podemos expressar tudo mesmo, ou seja, segundo o autor, nunca poderemos expressar aquilo que queremos, aquilo que, muitas vezes poderia mudar algo, ou contribuir seremos livres para dizer aquilo que convém ao mundo.

Texto 3: Nesse texto Bíblico, nos mostra a criação do homem e seus primeiros "trabalhos" para fazer. Nele, podemos ver que Deus criou o homem e o colocou no Jardim do Edém, uma história conhecida, que é bem importante, pois antes de Adão comer do fruto proibido, ele vivia numa harmoniosa intimidade com Deus, mas quando chega o momento em que ele come do fruto proibido, aí vem o que chamo de "importante", vamos pensar que a humanidade perdeu a intimidade com Deus, o mundo em um pouco, se Adão e Eva não tivessem comido, o mundo em que vivemos não seria esse agora, não seria essa realidade, acho ~~que isso não seria esse agora~~ que isso foi um momento bem marcante, porque a Bíblia mesmo fala que "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus", mas tem um porém, no meio dessa história aí, porque Deus enviou o seu filho para que toda humanidade reconciliasse com ele, Jesus morreu na cruz para que mesmo com o mundo distante de Deus, tivéssemos esperança ainda, e por ele fossemos salvos, se caso andarmos segundo os seus mandamentos. Enfim, através de Adão e Eva, toda a humanidade se distanciou de Deus, mas através de Jesus, toda humanidade tem uma esperança, uma salvação.

Das: Os critérios (todos eles) não muito bons para ajuda, pois eles são ferimentos que não ajudam em muitos momentos de nossos vidas.

ANEXO H - TEXTO DO DISCENTE 04

data / /

S T Q Q S S D

Texto 01:

A Explicação estrutural do texto me ajudou a entender o Existencialismo é um humanismo, como a seguinte interpretação textual: se a existência não vem de algo superior a nós "Deus", somos livres de justificações ou desculpas, já que nos privamos de algo, por achar em um olhar errado, que é errado, e Deus não vai gostar ou aceitar, e vai acabar nos punindo. Não no entanto não estamos livres porque não eríamos a nós mesmos, somos responsáveis, mas sim, nos eremos por tudo que fizermos no mundo.

Texto 02:

A pré-compreensão de sua experiência temporal me ajudou a entender pelo que vivi, que o conceito de liberdade nos prende mais que a própria prisão, já não somos completamente livres para fazermos nossa escolha.

Texto 03:

Deus criando o homem a sua imagem e semelhança, dando-lhe o "poder" de dominar sobre toda a terra, ordenou que ele não comesse de determinada árvore, porque no dia que comestera que morrer.

OBS: Os critérios ajuda muito na interpretação e compreensão dos textos, pois nos dá uma melhor explicação de como devemos interpretar cada texto, e entender o que ele quer nos transmitir.

ANEXO I – FOTO EXTERNA DA ESCOLA

